

A REAPER
NOVEL

A woman with blonde hair is lying on her back, wearing a black strapless top. She is surrounded by wisps of blue smoke that rise from her body. A man's hands are resting on her shoulders. The background is dark and smoky.

DARK ALPHA'S CLAIM

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
DONNA GRANT





AVISO I

Esta tradução foi feita por fãs para fãs, sem qualquer propósito de Lucro. Pedimos que se estiver dentro de suas possibilidades financeiras adquira o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



AVISO 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Respeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato e-book em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!



1



Staff

Envio: Power Shifters Homeland
Tradução Mecânica: Mih
Tradução: Louvaen Duenda
Primeira Revisão: Mercy
Segunda Revisão: Luma e Joseny
Revisão Final: Sakura Stirling
Leitura final: Louvaen Duenda
Formatação: Sariah Stonewiser

SUMÁRIO

SUMÁRIO	5
SINOPSE.....	6
CAPÍTULO UM	7
CAPÍTULO DOIS.....	17
CAPÍTULO TRÊS.....	26
CAPÍTULO QUATRO	34
CAPÍTULO CINCO	42
CAPÍTULO SEIS	50
CAPÍTULO SETE	58
CAPÍTULO OITO	65
CAPÍTULO NOVE.....	74
CAPÍTULO DEZ	81
CAPÍTULO ONZE	88
CAPÍTULO DOZE.....	95
CAPÍTULO TREZE.....	102
CAPÍTULO QUATORZE.....	110
CAPÍTULO QUINZE	120
CAPÍTULO DEZESSEIS	128
CAPÍTULO DEZESSETE	136
CAPÍTULO DEZOITO	144
CAPÍTULO DEZENOVE	152
CAPÍTULO VINTE	160
CAPÍTULO VINTE E UM	166
CAPÍTULO VINTE E DOIS.....	174

DARK ALPHA'S CLAIM

A REAPER NOVEL



Não há como escapar de um Reaper. Eu sou um assassino de elite, parte de uma irmandade que só responde à Morte. E quando a Morte diz que seu tempo acabou, eu vou atrás de você...

Toda a minha existência é baseada em pegar o que a Morte quer. Nascido para eliminar Faes culpados de crimes imperdoáveis, minha natureza imprudente e selvagem faz de mim o assassino perfeito para cumprir as ordens da Morte. Eu vi negócios mais sinistros e violentos do que qualquer um poderia imaginar. Mas foi a visão do rosto dela que me apanhou de surpresa. Eu nunca quis uma mulher, não me importo tanto com um humano. Nunca senti meu coração, endurecido pela Morte, queimar mais e mais até explodir em chamas. Ela é tudo que eu desejo. O tipo de mulher que compele a reivindicar seu direito, para que o mundo saiba que ela é sua.

Um Ceifador salvando sua vida só atrairá perigo, mas eu prometo protegê-la a todo custo dos Faes que a caçam, e manter segura a mulher que me reivindicou de corpo e alma.

CAPÍTULO UM

Edimburgo

Edimburgo. Baylon pesquisou a cidade das sombras de um beco. Por centenas de anos, tinha sido uma meca na Escócia, trazendo turistas de todo o mundo.

Mas a cidade não era mais apenas arquitetura e lendas antigas. Um mal havia se estabelecido, os Dark Faes. A cidade ardia enquanto eles mataram centenas de humanos em uma única noite.

Enquanto isso, os mortais ignoravam o que estava acontecendo. Eles eram impotentes e atraídos pelos Dark Faes, completamente inconscientes de que havia uma guerra sobrenatural acontecendo em Edimburgo e em todas as grandes cidades do Reino Unido entre os Dark Faes e os Dragon Kings. Era uma guerra em que os Reapers¹ não estavam envolvidos, mas isso não significava que Baylon não estivesse torcendo pelos Kings.

Baylon só tinha estado em Edimburgo algumas horas, mas durante esse tempo ele alegremente executou sua justiça sobre qualquer Dark Fae que encontrasse.

E havia muitos.

Os Faes eram uma raça de seres mágicos que gostavam dos humanos que viviam na Terra. Foram os mortais que os trouxeram. Os Light, na maior parte, mantiveram seus flertes com os humanos em uma única vez.

1

Ceifeiros, ceifadores. A ideia é deixar a palavra original, Reaper que dá um maior impacto. Assim não traduziremos Dark Fae, Dragon Kings e Reaper.

Os Dark Faes, no entanto, eram viciados nos mortais. E a cada vez que faziam sexo com um humano, se alimentavam de suas almas. Não paravam até que nada restasse dos indivíduos, a não ser uma concha morta.

Sendo o primeiro a chegar ao destino anunciado, Baylon estudou o pub antes de entrar.

Ele não usou nenhum glamour para esconder suas feições, embora todos os humanos no pub olhassem em sua direção. Baylon era um Light Fae, mas mais do que isso, ele era um Reaper e muito orgulhoso disso.

A Morte o recrutou dois mil anos antes, após uma traição que lhe tirou a vida. Mesmo agora, Baylon podia sentir aquele nó frio de traição. Ele confiou cegamente, e o que tinha ganho? Semanas no palácio das Trevas, onde foi torturado por seus melhores amigos, observando eles tomarem as mulheres humanas e voluntariamente virarem Dark Faes.

Baylon era amigo deles antes de tornar-se o primeiro Fae Reaper. Mas a Morte se apegou a sua alma, permitindo-o viver, dando a ele a oportunidade de se tornar um Reaper. Sua primeira ordem dada pela Morte foi executar seus amigos.

Baylon não hesitou. A surpresa e o medo em seus olhos vermelhos fizeram pouco para aliviar sua alma. Mas se pensou que nunca mais confiaria em ninguém, estava completamente errado, uma vez que conheceu os outros Reapers.

Havia sete deles. Entretanto os Reapers não foram criados para os humanos. Não, os Reapers eram um grupo formado especificamente para ser juiz, júri e executor dos Dark e Light Faes.

Nos últimos séculos, eles estiveram no reino Fae tentando endireitar a bagunça deixada por sua raça. Foi tão ruim que a rainha dos Light Faes, Usaail, abandonou o Reino, preferindo viver exclusivamente na Irlanda.

O rei dos Dark Faes, Taraeth, no entanto, encontrou o reino Fae ao seu gosto. Os Dark Faes continuaram a crescer, assim como o poder de Taraeth.

O que preocupou Baylon.

As duas facções Fae estavam sempre em guerra umas com as outras de uma forma ou de outra. Nas poucas vezes em que se tornou uma guerra civil total, os Reapers ficaram de fora. Embora tivessem assistido tudo dos bastidores.

Baylon sentou-se na parte de trás do bar e pediu uma cerveja a uma garçonete bem jovem. Quando ela se afastou, ele se recostou na cadeira e deixou os olhos vagarem demoradamente de mesa em mesa, atento as conversas. O que havia com o líder deles, Cael, sempre querendo se encontrar em um pub?

Havia uma razão com certeza, embora Baylon ainda não tivesse percebido qual era. Talvez ele perguntasse hoje. Seria melhor se eles se reunissem em segredo, mas Cael escolhia continuamente um lugar público. Pelo menos para o início de suas reuniões. Cael dizia que era para deixar todo mundo relaxado e lembrá-los que este não era o reino dos Fae.

Como se Baylon pudesse esquecer. Ele estava cercado por mortais, alheios ao fato de que os Faes estavam em seu reino. Por incrível que pareça, eles também não sabiam que os Dragon Kings chamavam a Terra de lar.

— Aqui está. — A garçonete disse enquanto servia sua cerveja.

Baylon lançou-lhe um sorriso de agradecimento. Na maioria das vezes, os Reapers se reuniam depois que um ou mais deles executavam a sua sentença. Então, tomar uma bebida ou duas com o grupo ajudava a deixar todo mundo focado antes que Cael lhes desse uma nova tarefa.

Baylon suspirou. Outra tarefa tão rapidamente após a última. Não é que ele se importasse em remover o mal de um reino. É só que sentia que havia um peso em sua alma de todas as pessoas que matou.

— Sempre o primeiro, não é Baylon? — Disse uma voz com um forte sotaque irlandês.

Baylon olhou para encontrar Kyran. Ele acenou para o Dark Fae. O cabelo preto e prateado de Kyran caía sobre os ombros enquanto ele usava glamour para esconder seus olhos vermelhos.

Os Reapers eram compostos de Dark e Light Faes. Baylon não sabia como alguns deles foram escolhidos para serem Reapers, já que ninguém falava do tempo antes de o serem.

Nem ele sabia o que os dois Dark Faes de seu grupo tinham feito para serem solicitados pela Morte para se juntar aos Reapers, mas ele confiava em Fintan e Kyran com sua vida.

— Eu estava com sede. — Disse Baylon e tomou um gole de cerveja.

Kyran puxou a cadeira do outro lado da mesa de Baylon. Ele dispensou a garçonete quando ela se aproximou. Baylon ainda não tinha entendido o motivo pelo qual Kyran nunca bebia. Talvez um dia.

Kyran apoiou os antebraços na mesa.

— Os Darks causaram estragos nesta cidade.

— Por toda a Inglaterra e Escócia. Os Dragon Kings estão colocando as coisas em ordem rapidamente, no entanto.

— Qual era o propósito dos Dark Faes?

— Eu sei. — Disse Cael quando ele se aproximou com Fintan, Talin e Eoghan.

Baylon olhou para os quatro. Cada um deles se sentou e fez seu pedido de bebida enquanto Cael estendia um celular para Baylon.

Ele o pegou de Cael e assistiu ao vídeo com uma mistura de choque e desgosto ao ver os Dragon Kings lutando contra os Faes em Dreagan em forma de dragão.

— O plano de Taraeth?

Cael balançou a cabeça e esperou até que a garçonete deixasse as bebidas. Ela abertamente flertou com eles, mas eles não lhe deram atenção.

Era uma maldição ou uma bênção, dependendo do Fae pelo qual os humanos eram atraídos. Não era uma atração menor, mas uma tão vasta e irresistível que os mortais não podiam ignorá-la.

— Taraeth pode ter usado seus homens para filmar o vídeo dos Dragon Kings, mas achamos que Ulrik está por trás de tudo. — Disse Cael.

Os lábios de Kyran se torceram com tristeza.

— Não é uma boa notícia para os Dragon Kings.

— Os reis terão suas mãos cheias daqui para frente. A propósito, Daire não vai se juntar a nós. — Cael disse enquanto seus olhos prateados olhavam ao redor da mesa.

Talin franziu a testa e virou o olhar para seu líder.

— Certamente ele ainda está seguindo Rhi.

— Ele está. — Disse Cael com um aceno de cabeça, seu longo cabelo preto puxado para trás em uma fita.

— E estará com ela pelo tempo que for necessário.

Baylon, como o resto dos Reapers, estava curioso para saber por que a Morte estava tão interessada em um Light Fae. Com certeza, Rhi era uma das melhores guerreiras que o reino Fae já teve. Ela era a única guarda feminina da rainha.

As habilidades de Rhi com uma espada poderiam ter chamado a atenção de Morte, mas Baylon tinha a sensação de que poderia ter algo a ver com Rhi ter tido um amante Dragon King.

Fintan pousou o copo de uísque e ergueu os olhos prateados de vermelho para Cael.

— Acabamos de receber a tarefa de deter os Dark daqui, mas você está falando como se tivéssemos outra.

— Nós temos. — Cael soltou um suspiro.

Baylon notou que Cael não estava satisfeito com o que estava prestes a dizer. Na verdade, se Baylon tivesse que adivinhar, Cael estava debatendo se passaria a tarefa.

A primeira com certeza. Cael sempre fazia o que a Morte queria, todos eles faziam. Era uma das regras. A Morte era o juiz. Os Reapers eram os carrascos. A Morte é quem decidia quem os Reapers visitariam e executariam.

Os Reapers respondiam a apenas uma entidade. A Morte.

Baylon olhou para Eoghan que ainda não havia falado. Então, novamente, Eoghan nunca dizia nada. A sua testa estava franzida tão profundamente, seu olhar sobre a mesa.

— Não está hora de sairmos? — Perguntou Talin. — Estamos chamando atenção suficiente como Faes, para não mencionar nossos sotaques irlandeses.

Cael bebeu seu uísque. E quando fez isso, usou sua magia para que os outros no pub não pudessem entender o que eles estavam dizendo.

Baylon endireitou-se. O que era tão importante que Cael não os levaria para fora do pub para discutir sua tarefa como ele sempre fez?

— No caso de nenhum de vocês ter notado, a cidade foi invadida por Dark Faes apenas algumas horas atrás. Eles começaram outra guerra com os Dragon Kings. — Disse Cael

— Eu vi muitos Dark Faes usando glamour para se esconderem.

Baylon assentiu, girando o copo de cerveja em círculos com os dedos.

— Você está preocupado que eles nos vejam?

— Claro que não. — Disse Cael com um olhar fixo. — Nós vamos continuar com nossas ordens de remover qualquer Dark Fae da cidade.

— Devemos ajudar os Kings também? — Kyran perguntou.

Cael sacudiu a cabeça rapidamente. — Nós vamos ficar fora do caminho deles. Os Kings não precisam da nossa ajuda.

— Depois do vídeo que você acabou de nos mostrar? — Talin perguntou cético.

— Nós temos nossas diretrizes. — Cael colocou o copo de uísque vazio na mesa com um fim. — Embora, como raça, os Faes devam ficar longe dos humanos, mesmo que todos saibamos que isso não é possível. Os Dark Faes tomam suas vítimas, mas os Light Faes cedem ao desejo e tem uma noite com os mortais.

Baylon teve uma sensação de mal-estar em suas entranhas de onde isso estava indo.

— Muitas vezes os Light, sem ter ideia, deixam sua amante para trás com uma criança crescendo no ventre.

Os olhos prateados de Eoghan ficaram duros quando olhou para Cael. — Não.

Ninguém teve a chance de registrar que Eoghan falou porque Cael continuou falando. — Nós devemos encontrar os humanos com sangue Fae e removê-los deste reino.

O rosto de Talin se franziu quando ele olhou para Cael em desgosto. — Você quer dizer matar os humanos?

— Sim.

Fintan sacudiu a cabeça. — Eles são humanos.

— Eles são parte Fae. — Afirmou Cael.

— E humano. — Argumentou Kyran. — Nós nunca tocamos em um humano antes. Apenas Fae. Isso é o que fazemos.

Baylon empurrou o copo de cerveja. — Nosso trabalho é ir atrás dos Fae. Eu não vou matar um mortal.

— Olha, eu não estou muito feliz com isso também. — Cael passou a mão pelo rosto. — Não podemos escolher quais ordens aceitamos ou recusamos. Todos sabiam quando aceitamos nossos papéis o que isso implicava.

— Nós entendemos isso. — Disse Baylon. — Mas isso é tão... repentino. Por que a Morte está querendo atacar os humanos agora?

Cael encolheu os ombros, seu olhar caindo para a mesa.

— Eu não sei.

— Nem sempre sabemos por que a Morte nos envia atrás de alguém. — Disse Fintan. — Eu sempre segui ordens sem questionar.

— Obrigado. — Disse Cael.

Fintan levantou uma sobrancelha branca.

— Mas desta vez estou questionando-as.

Cael soltou um suspiro e olhou para cada um deles.

— Se você desobedecer à ordem da Morte, será permanentemente removido da existência.

Eoghan se levantou e saiu do pub.

Cael observou-o, então suspirou quando ele se virou para o grupo.

— Vamos começar a caçar imediatamente esses mortais meio-Fae. Se vocês encontrarem mais Dark Faes vagando pelas ruas, mate-os. Entendido?

Nenhum deles disse uma palavra enquanto olhavam para Cael. Baylon permaneceu sentado enquanto Cael se levantava e seguia Eoghan para fora. Humanos? A Morte nem se importava se um humano soubesse que eles eram Reapers. Por que de repente ela teria como alvo um meio- Fae?

— Eu não posso fazer isso. — Disse Talin.

Fintan empurrou a cadeira para trás e se levantou. Ele segurou a mão sobre a mesa enquanto o dinheiro aparecia em uma pilha para pagar suas bebidas. — Nós temos ordens.

Baylon voltou seu olhar para Kyran, que parecia estar prestes a ficar doente.

Kyran levantou os olhos para os de Baylon antes de deslizá-los para Talin. — Em todo o tempo que os humanos estiveram neste reino, nós nunca caçamos meio-Fae. O número de mortais com sangue Fae poderia chegar aos milhões a esta altura.

— Eu não posso fazer isso. — Disse Talin novamente.

Baylon colocou as mãos na mesa e se levantou. — Algo está acontecendo. E eu pessoalmente vou descobrir o que é.

— Como? — Perguntou Fintan. — Você vai tentar entrar em contato com a Morte?

— Se assim for preciso.

Era verdade que apenas Cael falava com a Morte como líder dos Reapers. Os Reapers só viram a Morte uma vez, quando lhes foi oferecida a posição. Nenhum deles jamais precisou falar com ela antes ou depois.

Mas se era isso que ele tinha que fazer então Baylon a veria. Executor ou assassino, quando a Morte os enviava atrás de um Fae, era por um bom motivo. Baylon nunca matou um inocente que ele soubesse.

Ele saiu do bar e virou para a esquerda. Baylon se escondeu e vagou pelas ruas da cidade quando a noite começou a cair.

Não havia como ele matar um meio-Fae. Se ele fizesse isso, rasgaria sua alma em dois, ele tinha certeza disso.

Uma vez, há muito tempo, ele encontrou uma mulher bonita em uma ilha grega. Ele pretendia se afastar, mas quanto mais ele admirava a beleza dela, mais a queria.

Baylon experimentou uma noite incrível em seus braços. No momento em que o sol rompeu o horizonte, ele se foi. Ele não a esqueceu. Anos depois, Baylon a checou.

Para sua surpresa, ela tinha uma filha pequena. Felizmente, Baylon descobriu que a criança não era dele, embora isso o tenha deixado vazio de alguma forma.

Ele ficou aterrorizado com a possibilidade de ter engravidado a mortal. Então veio um instante de alívio ao saber que a criança não era dele.

Logo após a emoção veio a tristeza de que ele não teve um filho.

E como um Reaper, ele nunca teria.

Baylon desistiu de todos os pensamentos de uma esposa e família quando aceitou seu papel como um Reaper. Eles eram solitários sem vínculos de qualquer tipo. Eram exatamente o que eles precisavam ser.

Fazia séculos desde que Baylon pensara naquela mulher na Grécia. Exceto por uma chance do destino, que aquela criança poderia ter sido dele. Então ele estaria caçando seu próprio sangue.

Baylon parou quando avistou o Dragon King Darius parado nas sombras do lado de fora de um hospital. Havia muito que os Reapers não conheciam dos reis, mas Baylon não precisava saber a história de Darius para saber que o rei carregava a culpa com ele. A culpa pesava em Darius como nada mais poderia.

Ele estava curioso para saber o que manteria o Dragon King esperando na saída de um hospital. Então uma ruiva alta saiu do hospital e Baylon teve sua resposta.

Darius não conseguia tirar os olhos dela. Por um momento, ele pensou que Darius a deixaria passar sem uma palavra. Mas a fêmea parou e se virou.

Baylon se sentiu como um intruso observando os dois se encarando, a atração e o desejo tão gritantes e palpáveis que o fizeram dar um passo para trás.

Em dois passos, Darius estava na frente da mulher. Eles não falavam, mas não havia necessidade. Ele a trouxe para perto e a beijou.

Em instantes, Darius a tinha contra um prédio com as saias para cima. Baylon se afastou quando eles começaram a fazer amor. Ele já havia se intrometido em algo privado.

Baylon se afastou sentindo-se em desacordo com tudo. Sua nova ordem não fazia sentido. Os humanos com sangue Fae nem sabiam sobre sua ancestralidade. Eles podiam ter alguma habilidade especial, mas isso seria o máximo possível.

Não havia necessidade de limpá-los do reino como se fossem algum segredo sujo sendo varrido para debaixo do tapete.

E se os Dragon Kings descobrissem o que estava sendo feito?

Isso fez Baylon parar abruptamente. Os reis protegiam os humanos a tal ponto que haviam mandado seus próprios dragões embora. Não havia nada que os Dragon King não fizessem para proteger os mortais.

Então, novamente com tudo que estava acontecendo com os reis, sua atenção estaria focada em outro lugar. Pelo menos é o que Baylon esperava, porque ele realmente não queria entrar em uma guerra com os reis.

Ele gostava bastante deles. Tinha gerado todo tipo de comentários dentro das linhas Fae quando Rhi tinha tomado um rei como seu amante.

Baylon os viu uma vez. O Rei Dragão e a Light Fae. Eles fizeram um par impressionante. Ele não sabia o que deu errado entre os dois, mas o caso terminou de repente.

Isso não era algo que Baylon precisava se preocupar. Ele estava bem e verdadeiramente solteiro a partir de agora até o final dos tempos.

Foi o preço que ele pagou de bom grado para ser um Reaper.

Era um que ele pagaria novamente em um piscar de olhos.

CAPÍTULO DOIS

Jordyn Patterson deu um passo para o lado para se esquivar de um homem correndo pelo corredor estreito com uma xícara de café. Ela revirou os olhos e caminhou até a mesa.

Mal se sentou e puxou a cadeira no lugar quando seu chefe, o inspetor-detetive Dougal MacDonald, saiu de seu escritório para ficar ao lado de sua mesa.

— Já faz alguns dias desde que a americana Lexi Crawford esteve aqui. Ela foi para casa? — Ele perguntou.

Jordyn deu um aceno de cabeça. — Eu me certifiquei de ser notificada pela companhia aérea quando ela fizesse o check-in. Ela está de volta à Carolina do Sul agora, senhor.

— Bom. Bom. — Ele disse novamente com um aceno de cabeça. — Muita loucura tem acontecido nesta cidade. Pelo menos os assassinatos pararam. Isso é um alívio.

Jordyn apenas sorriu enquanto se afastava. Ela nunca contou a MacDonald os pensamentos dela, porque iam contra tudo o que ele acreditava. Desde a primeira vez que Lexi Crawford entrou na delegacia e repetiu sua história para MacDonald em seu sotaque sulista, Jordyn ficou encantada.

Olhos vermelhos! Ela não acreditou em Lexi a princípio. MacDonald descartou a história de Lexi como um absurdo, mas Jordyn sentiu a necessidade de olhar mais fundo no caso. Especialmente quando mais e mais pessoas estavam sendo mortas todas as noites.

Houve um dia, apenas algumas horas na verdade quando todos sussurraram sobre olhos vermelhos.

Jordyn foi para casa e procurou freneticamente pela montanha de livros que juntou sobre Fae. Ela leu em um que alguns dos Faes tinham olhos vermelhos.

Ela ficou acordada a noite toda procurando por aquela passagem. Uma hora antes do amanhecer, finalmente encontrou. Jordyn sentara-se no chão com o livro aberto na mão e olhava aturdida.

Por todo o tempo que pôde se lembrar, os Faes eram citados em sua família. Às vezes, quando alguém fazia algo único e surpreendente, sua família dizia que era por causa dos Faes dentro deles.

Outras vezes, quando alguém fazia algo horrível, os Faes eram mencionados com palavras atadas de medo.

A curiosidade de Jordyn sobre os Faes cresceu como ela, até consumi-la. Ela começou a pesquisá-los quando tinha treze anos. Agora, vinte anos depois, ainda estava reunindo informações sobre eles, só que estava fazendo isso em Edimburgo; horas longe de sua família. Havia realmente pouca coisa que uma pessoa poderia fazer em uma pequena aldeia. Jordyn precisava de uma cidade.

Ela sabia que os Faes eram reais. Não poderia haver tantas histórias, contos populares ou não, sem os seres existirem. No entanto, ela ainda tinha que conhecer um.

Nos últimos cinco anos, começou a tentar descobrir como encontrar os Faes. Ela pensou que teria que fazer todos os tipos de truques para ver um, mas parecia que tudo o que tinha que fazer era sair pelas ruas de Edimburgo.

No dia seguinte ela conseguiu, e ficou fortemente abalada. Cada livro que leu descrevia os faes diferentes, de pequenas criaturas aladas a gigantes. Ela não sabia o que esperar, mas o grande número de Fae andando com olhos vermelhos a fez parar.

Então ela os viu matando. E não foi com uma faca ou arma. Eles matavam com sexo.

Jordyn estremeceu em sua cadeira. Ela estava caçando os Faes a maior parte de sua vida e o que encontrou a fez desejar que ela não soubesse deles.

Mas eles eram o lado sombrio dos Faes. Dark Faes para ser exato. Seu uso de glamour à parte, tinham olhos vermelhos e seus cabelos negros tinham prata.

Alguns escuros tinham mais prata que outros e isso a fez refletir. Ela queria pensar que isso significava que eles eram mais velhos, mas suspeitava que significasse algo completamente diferente.

A risada enquanto matavam humano após humano a deixava doente. Ela fugiu naquela noite e se escondeu atrás de um beco para esvaziar o estômago.

Depois disso, ela queria desesperadamente que Lexi entrasse na delegacia novamente e contasse a MacDonald mais do que tinha visto, mas Lexi não retornou.

Por um tempo, Jordyn começou a suspeitar que Lexi estivesse morta como dezenas de outros humanos. Então o aviso da companhia aérea chegou e Jordyn soltou um suspiro de alívio.

O dia das bruxas foi o pior. Mesmo agora, alguns dias depois ainda pareciam que os Faes tinham controle sobre a cidade. A maioria deles tinha ido embora, mas ela sabia onde ficavam os Dark Faes, onde os homens e mulheres se reuniam, bajulando-os enquanto tentavam se aproximar.

Jordyn não sabia por que não se sentia atraída pelos Dark Faes como todo mundo, mas estava feliz por não estar. Talvez fosse tudo o que ela leu sobre eles. Apesar de não saber o que era verdade e o que era ficção, ela sabia que eram reais.

Uma olhada no relógio confirmou que tinha algumas horas antes de poder almoçar. Jordyn se deparou com a menção de um livro que poderia lançar mais luz sobre os Faes.

Tentou comprá-lo, mas ninguém o tinha. Foi uma sorte que ela ligou para a biblioteca e eles realmente tinham uma cópia.

A nova bibliotecária, no entanto, foi um pouco caxias e recusou-se a segurar o livro para ela até depois do trabalho. Se Jordyn quisesse, teria que correr para lá durante o almoço.

Ela ficou ocupada até o meio-dia, então pegou sua bolsa e saiu correndo do escritório. Sinalizou um táxi e deu o endereço. Não havia muito tempo para chegar à biblioteca e voltar ao trabalho antes do almoço terminar.

Normalmente ela andaria, mas era muito longe. Nunca conseguiria voltar a tempo. Jordyn tamborilou com os dedos na porta do táxi quando parou em um semáforo. Cada segundo gasto era um segundo desperdiçado.

Seu estômago roncou de fome. Se tivesse sorte, seria capaz de pegar algumas batatas fritas e colocar algumas na boca antes de voltar para sua mesa.

Quando o táxi chegou à biblioteca, Jordyn estava ansiosa para sair. Ela jogou algumas notas no motorista enquanto abria a porta e disse:

— Fique com o troco.

Subiu os degraus quando uma rajada de vento passou pela rua. Jordyn apertou os braços contra ela, desejando não ter esquecido seu casaco.

O homem que saiu da biblioteca a viu, mas não segurou a porta aberta. Ela balançou a cabeça. Onde estavam os homens que mantinham as portas abertas e ainda eram cavalheiros? Aparentemente, eles seguiram o caminho do pássaro Dodô.

— Idiota. — Ela murmurou sob sua respiração quando entrou na biblioteca.

Assim que entrou, Jordyn sorriu. Havia um cheiro especial em uma biblioteca. Era couro, madeira e as páginas dos livros.

Ela sempre teve amor por livros. A sensação do peso dele na mão, o cheiro das páginas, as palavras escritas que poderiam lhe dar fatos ou levá-la a uma história visual.

Agora não era a hora de passear pelos corredores. Jordyn foi até o balcão.

— Com licença. Eu tenho um livro reservado.

— Seu nome? — Perguntou a mulher sem se virar.

Jordyn franziu a testa para as costas dela. Era como se a mulher tivesse estudado como um bibliotecário deveria ser e copiasse do coque apertado, aos óculos e às roupas simples e desalinhadas.

— Jordyn Patterson.

A mulher olhou para o relógio.

— Você tem apenas alguns minutos disponíveis. — Ela se inclinou e puxou o livro da parte de baixo do balcão e se virou, colocando-o ao lado dela.

Jordyn ficou surpresa com a mulher. Ela era bonita com seus cabelos escuros e olhos azuis pálidos. Nada daquilo que ela esperava com uma voz tão irritante do

telefone, ou a imagem que obteve de quando ela estava de costas em sua camisa de botão, cardigã e saia xadrez longa.

— Aqui. — Disse ela, entregando o cartão a Jordyn para assinar e retirar o livro.

Depois de preenchê-lo, Jordyn puxou o livro em seus braços.

— Obrigada por reservá-lo.

— Você tem duas semanas. O livro terá que ser devolvido então. — A bibliotecária disse quando encontrou o olhar de Jordyn.

— Sim. Jordyn virou as costas para a mulher e revirou os olhos.

Se ela tivesse conseguido encontrar o livro online, não teria que lidar com a bibliotecária do inferno. Se o livro contivesse tanta informação quanto Jordyn esperava, ela teria que ampliar sua busca, porque um livro como esse pertencia a sua própria biblioteca, não à cidade, onde ninguém o veria.

Jordyn lutou contra o impulso de abrir o livro enquanto descia os degraus do prédio. No momento em que ela chegou ao fim dos degraus, sua vontade desmoronou. Ela o abriu e folheava as páginas rapidamente.

Seus olhos escanearam página após página enquanto seu cérebro absorvia tudo. Jordyn mal podia esperar para chegar em casa e começar a fazer anotações.

Com o estômago roncando de novo, Jordyn se virou para encontrar alguma comida quando se deparou com alguém. Seu ombro se chocou de modo que ela quase perdeu o controle do livro. — Desculpe. — Ela disse e olhou para os mais incríveis olhos prata.

— Deve ser um livro interessante. — Ele disse.

Ela assentiu incapaz de encontrar palavras por um momento. O homem era a pessoa mais linda que ela já tinha visto. Sua reação a ele foi instantânea, devastadora.

Ele era lindo de dar água na boca, de tirar o fôlego magnífico. Seu cabelo curto preto como carvão era ondulado e cheio. Seus dedos coçaram para passar pelos cachos e ver se eles eram tão brilhantes quanto parecia.

Seu belo rosto era magro e duro, com a mandíbula e o queixo cinzelados. Sem mencionar seus lábios largos e finos. Seu olhar era direto, intenso. Implacável.

Enquanto ele a avaliava, ela deixou seu olhar cair em seu peito. Uma camiseta verde-oliva de manga comprida exibia os largos ombros e braços que ondulavam com os músculos. Ela imaginou que quando ele tirasse a camisa que ele seria sarado e flexível, com apenas a quantidade certa de músculos. Calça jeans preta estava pendurada em seus estreitos quadris com botas pretas completando seu visual.

— É. — Ela finalmente respondeu quando olhou de volta para o rosto dele.

— Fae, hein? — Ele olhou para a página antes de seus olhos prateados retornarem aos dela.

Seu olhar estava derretido, segurando-a e fazendo seu sangue esquentar. O desejo de ter seus lábios nos dela fez seu coração pular uma batida e seu estômago vibrar.

Jordyn nunca sentiu tal atração antes. Outra rajada de vento bateu nela, mas ela não sentiu o frio. Seu corpo estava muito aquecido.

Foi quando ela registrou o sotaque irlandês.

— Pesquisa.

— Boa sorte com sua pesquisa. — Disse ele e inclinou a cabeça.

Jordyn teve o desejo de ficar e conversar, mas seu estômago roncou, lembrando-a que ela tinha pouco tempo para conseguir comida e voltar para o escritório. Ela se afastou com relutância do irlandês bonito para o pub na rua.

Foi a primeira vez em muito tempo que ela realmente queria interagir com um homem, porque o irlandês deixou-a a seus pés com apenas algumas palavras e um olhar intenso de seus olhos prateados.

Em pouco tempo, ela tinha um pedido de batatas fritas para viagem. Com comida na mão, chamou outro táxi e engoliu as batatas encharcadas de gordura e folheou o livro. Embora ela se visse olhando pela janela para outro vislumbre do irlandês.

Era o pior tipo de punição ter que guardar o livro e voltar ao trabalho. O dia se arrastou enquanto ela constantemente olhava para o relógio, esperando que seu dia de trabalho acabasse para que ela pudesse fazer sua pesquisa.



Baylon estava sentado nos degraus do lado de fora da biblioteca observando os mortais quando a viu. Ela se destacou entre os humanos como uma estrela no céu da meia-noite.

Sua beleza era inegável, chamando a atenção de todos ao seu redor embora ela não parecesse notar. Ele gostava da maneira como o cabelo loiro escuro estava curto e na moda, jogado para o lado na parte da frente. Um corte de elfo, ele pensou ter ouvido um humano chamá-lo.

A mortal era alta e magra, com todas as curvas do tamanho certo. Seus olhos turquesa eram grandes, e havia uma sugestão de inocência sobre eles que o atraiu de novo e de novo.

Ela usava brincos grandes que chamavam mais atenção para seu lindo rosto oval. Suas sobrancelhas eram finas e arqueadas delicadamente sobre os olhos. Quando ela sorria, era deslumbrante. Seus lábios eram largos e cheios o bastante para serem sedutores.

Ele riu quando a ouviu resmungar “idiota” para o homem que não havia segurado a porta para ela.

Ele soube imediatamente que ela tinha sangue Fae. Não era apenas a beleza dela. Havia um ar sobre ela que era tão distinto quanto um farol. E ele estava feliz por tê-la encontrado antes dos outros.

Baylon esperou do lado de fora da biblioteca por outro vislumbre dela. Ela saiu um pouco depois carregando um grande livro, fascinada por isso. Várias pessoas tiveram que andar ao redor dela porque ela não estava olhando para onde estava indo, ela estava muito interessada em ler.

Ele queria ver que tipo de livro era tão interessante. Quando ele se colocou em seu caminho, nunca esperou olhar para um livro sobre os Fae.

Seu choque foi rapidamente substituído por um desejo cego e penetrante quando se encontraram. Então ela olhou para ele.

Ele foi completamente tomado por ela, caindo em incríveis olhos turquesa.

Se ele não falasse, seria capaz de fazer algo estúpido como beijá-la. Seu olhar baixou para seus lábios, uma dor o agarrando, implorando que ele a levasse. Para saboreá-la.

— Desculpe. — Disse ela.

Seu sotaque escocês era suave e melodioso. Lindo, assim como ela. O que tinha essa meio-fae que o mantinha encantado? — Deve ser um livro interessante.

Seu olhar passou lentamente por ele, aquecendo seu sangue a tal ponto que ele cerrou as mãos para não tocá-la. Ela não percebeu que estava brincando com fogo?

Se o olhar dela não fosse tão sincero, Baylon teria suspeitado que ela fosse perita em provocar um homem a tal ponto. Mas foi a necessidade em seus próprios olhos que fez seu pau instantaneamente ficar duro.

— Sim, é.

Ele olhou para a página que estava lendo. — Fae, hein?

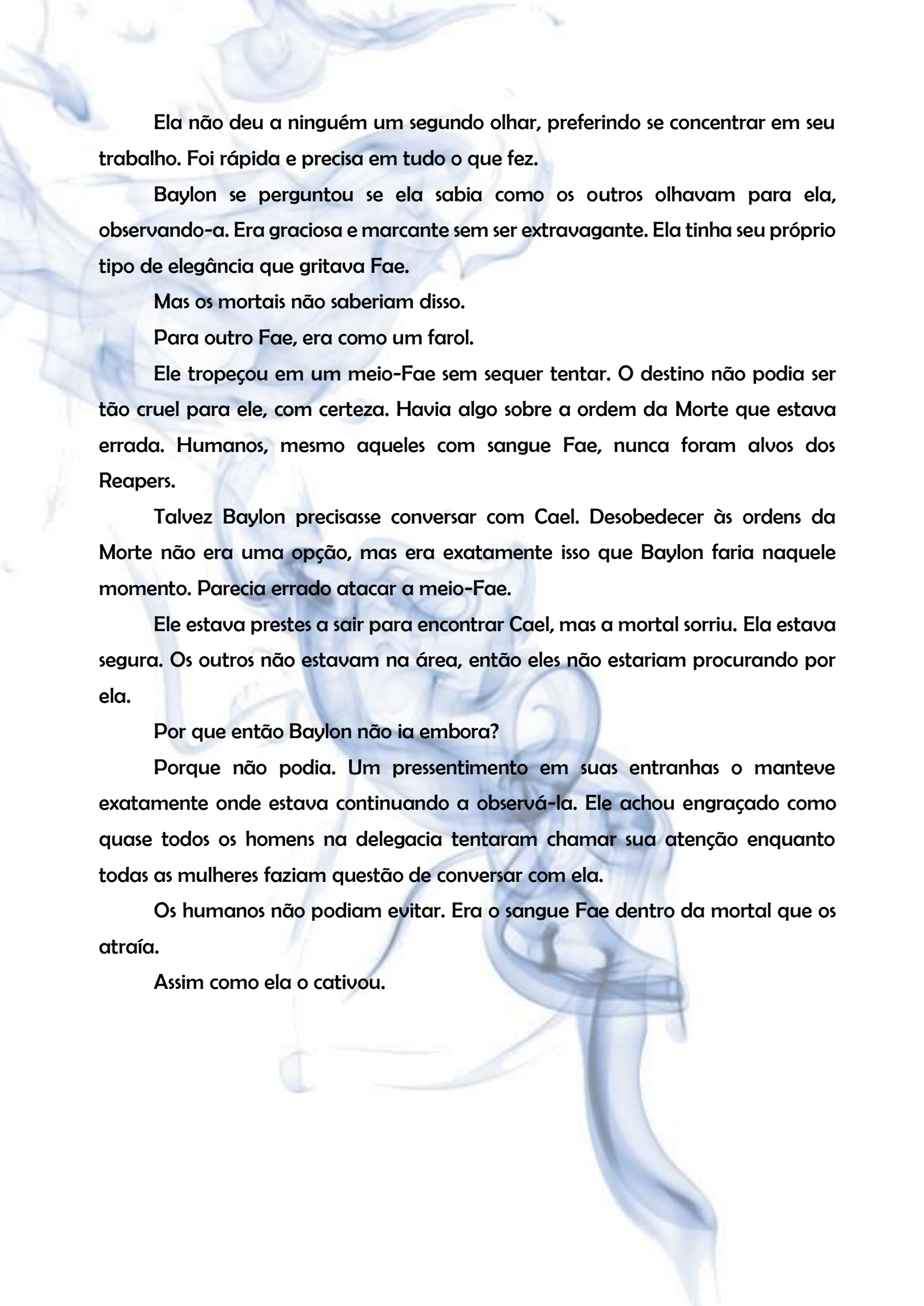
— Pesquisa. — Disse ela sem fôlego.

Os sinos de aviso dispararam na cabeça de Baylon. Pesquisa? Ela sabia que tinha sangue Fae? Já era hora de descobrir mais sobre ela. Além disso, ele se certificaria de que nenhum dos outros Reapers a encontrasse.

— Boa sorte com sua pesquisa. — Ele inclinou a cabeça e caminhou ao redor dela.

Ele então parou e se virou para observá-la, imaginando se ela iria olhá-lo. Para sua decepção, ela não olhou.

Baylon se ocultou e a seguiu até a delegacia. De lá, ele a observou. Ela era simpática e sempre tinha um sorriso. Todos gostavam dela.



Ela não deu a ninguém um segundo olhar, preferindo se concentrar em seu trabalho. Foi rápida e precisa em tudo o que fez.

Baylon se perguntou se ela sabia como os outros olhavam para ela, observando-a. Era graciosa e marcante sem ser extravagante. Ela tinha seu próprio tipo de elegância que gritava Fae.

Mas os mortais não saberiam disso.

Para outro Fae, era como um farol.

Ele tropeçou em um meio-Fae sem sequer tentar. O destino não podia ser tão cruel para ele, com certeza. Havia algo sobre a ordem da Morte que estava errada. Humanos, mesmo aqueles com sangue Fae, nunca foram alvos dos Reapers.

Talvez Baylon precisasse conversar com Cael. Desobedecer às ordens da Morte não era uma opção, mas era exatamente isso que Baylon faria naquele momento. Parecia errado atacar a meio-Fae.

Ele estava prestes a sair para encontrar Cael, mas a mortal sorriu. Ela estava segura. Os outros não estavam na área, então eles não estariam procurando por ela.

Por que então Baylon não ia embora?

Porque não podia. Um pressentimento em suas entranhas o manteve exatamente onde estava continuando a observá-la. Ele achou engraçado como quase todos os homens na delegacia tentaram chamar sua atenção enquanto todas as mulheres faziam questão de conversar com ela.

Os humanos não podiam evitar. Era o sangue Fae dentro da mortal que os atraía.

Assim como ela o cativou.

CAPÍTULO TRÊS

Jordyn suspirou de felicidade quando o dia finalmente terminou. Foi um dos dias mais longos de sua vida e ficou ainda mais longo com o livro ao lado dela, esperando para ser lido.

Ela olhava para ele muitas vezes, a capa provocando-a sobre o que sabia estar dentro das páginas. Mais informações sobre os Fae. Quanto disso seria verdade?

Agora que ela sabia que havia Dark Faes com olhos vermelhos e cabelos pretos e prateados, tinha que haver Light Faes. Se ela soubesse como eram, facilitaria.

Se pudesse falar com um, poderia encontrar todas as respostas que estava procurando. Mas isso era um enorme *se*.

Tantos anos quanto ela procurou por Faes, não teve sucesso. Então, novamente, estava procurando pequenas criaturas aladas, certo?

Lembrar da sua primeira expedição aos quatorze anos a fez sorrir. Ela procurou em toda parte pelas pequenas criaturas aladas que achava que eram Fae.

Sua obsessão tornava difícil manter amigos. Eles não entendiam a necessidade que a empurrava a aprender tudo o que ela podia sobre os Faes. Não ajudava que ela não pudesse explicar o que a pressionava para encontrar respostas.

Mais frequentemente do que não, Jordyn estava sozinha. Ela encontrou conforto em seus livros quando seus amigos desapareceram um por um, tirando sarro quando ela os via na escola.

Ela desenvolveu uma casca grossa ou pelo menos disse a si mesma que sim. Suas palavras, ainda hoje, doíam quando pensava nelas.

Uma vez que realmente tentou deixar de lado sua obsessão. Durou apenas um dia. Claro, sua avó lhe forneceu todos os tipos de histórias dos Faes que estimularam seu interesse.

Sua avó era a única que realmente entendia seu fascínio pelos Faes. Provavelmente porque esse tinha sido da avó dela também.

Perdê-la quando Jordyn tinha dezesseis anos foi um duro golpe. Ela perdeu o advogado que tinha.

Jordyn olhou para cima quando saiu da delegacia enquanto um trovão ressoava no céu. A chuva estava a caminho, e com as temperaturas caindo tão rapidamente, não ficaria surpresa se houvesse nevascas.

Seus passos eram rápidos e leves enquanto corria pelas ruas. Ela estava impaciente para mergulhar no livro que pesava sobre seus braços.

Parando na faixa de pedestres, bateu os dedos dos pés quando a luz ficou verde, impedindo-a de atravessar a rua. Incapaz de ajudar a si mesma, abriu o livro para dar uma rápida olhada.

Foram pessoas passando por ela que alertaram Jordyn que era hora de se mexer. Ela colocou o dedo no livro para marcar sua página para a próxima faixa de pedestres e enfiou-o contra seu corpo.

Ela conseguiu ler três páginas no momento em que chegou à última faixa de pedestres antes de seu apartamento. Estava se movendo para a próxima página quando sentiu um arrepio na parte de trás do seu pescoço. Ela fechou o livro e enfiou-o debaixo de seu braço novamente enquanto seu olhar se movia lentamente ao seu redor.

Foi quando ela o viu. Um Dark Fae.

Seu coração perdeu uma batida quando o medo correu por ela. O pânico tentou se estabelecer, mas Jordyn conseguiu manter a cabeça no lugar. Por sorte, ele estava do outro lado da rua conversando com um jovem casal que não conseguia tirar as mãos dele.

Jordyn olhou para frente, fingindo não ver o Fae, mas o sentimento não foi embora. Ela atravessou o cruzamento e suprimiu um arrepio que não tinha nada a ver com o vento gelado.

Seu sangue se transformou em gelo quando avistou os dois Dark Faes de pé ao longo da calçada exatamente por onde ela tinha que passar para chegar ao seu apartamento.

O pânico que ela conseguiu reprimir há pouco retornou com uma vingança. Seus passos diminuíram enquanto debatia o que fazer. Ela não queria chamar a atenção deles então parar e se virar de repente não era uma opção. Sua única escolha era passar por eles e esperar que eles a ignorassem.

Tinha que haver uma maneira de matar um Fae, e era algo que ela ia começar a procurar imediatamente. Andar pelas ruas de Edimburgo estava se tornando um perigo.



Baylon sufocou um grunhido quando viu os três Dark Faes. Ficando velado, atravessou a rua e pegou o Dark conversando com o casal e teletransportou-o para longe. Baylon mergulhou sua espada no estômago do Fae, matando-o instantaneamente.

Em poucos segundos ele voltou para a fêmea. Os outros dois não seriam nada para matar, mas ele ainda não estava pronto para mostrar seu verdadeiro eu à humana.

Ele ficou perto dela. Ela estava alerta, seu corpo quase vibrando com tensão e trepidação. Pelo menos ela entendia que os Dark eram perigosos. Isso era um ponto positivo. Mais ou menos. Se ela não se acalmasse, os dois faes a notariam.

Baylon olhou os dois. Sua arrogância e satisfação em matar humanos como se eles não fossem mais do que gado ferveu seus nervos. Não porque ele particularmente se importasse com os mortais, mas por causa do mal demoníaco dentro dos Dark.

Eles não se importavam com nada e ninguém além de si mesmos.

Baylon fez uma careta quando a mulher caminhou o mais longe que podia dos Faes. Suas costas duras e o fato dela manter seu olhar direto para frente eram como uma luz piscando sobre ela. E isso fez exatamente o que Baylon temia, atraiu a atenção deles.

— Bem, olá. — Disse um dos Dark.

A mulher os ignorou e continuou andando.

O segundo Fae riu enquanto corria para alcançá-la. — Isso não é muito legal. Somos apenas dois irlandeses dizendo olá.

— Está frio e estou com pressa. — Ela murmurou.

Baylon apertou ainda mais sua espada. O fae estava começando a perceber que ela não estava interessada neles. Um deles a tocou, o que deveria ter sido o suficiente para impedi-la e voltar sua atenção para eles.

Mas não um meio-Fae. Ela tirou a mão dele e andou mais rápido.

— Merda. — Baylon murmurou para si mesmo.

Os dois Faes rapidamente se moveram para bloquear seu caminho.

— Nós não terminamos com você. — Disse o primeiro.

— Não é natural que você nos ignore. — Disse o segundo.

A mulher não recuou. Ela se manteve firme, mas o Fae aceitou como um convite. Para ser justo, qualquer coisa que ela fizesse seria como uma oferta para atacá-la.

Baylon mudou-se para ficar atrás do Fae e se revelou.

— Você simplesmente não sabe quando parar, não é? — Perguntou ele.

Eles se viraram de surpresa, com um pouco de medo. Baylon enfiou a espada no segundo Fae, enquanto o primeiro tentou lançar uma bola de magia contra ele.

Baylon facilmente bloqueou, girando quando cortou sua cabeça. Com poucas palavras, os dois corpos começaram a virar pó e voaram para longe na brisa.

Foi a calma por trás dele que alertou Baylon. Não havia histeria, nenhuma exigência de quem ele era e o que estava acontecendo.

Ele guardou sua espada, fazendo-a desaparecer até que ele precisasse novamente. Então lentamente se virou para a mulher. Seus grandes olhos estavam abertos. Seu peito arfava de medo e ele suspeitava que era de excitação.

— Obrigada. — Ela disse. Engolindo em seco, lambeu os lábios. — Meu Deus. Você é Fae.

Baylon a estudou, imaginando por que ele queria lhe dar uma resposta em vez de mentir.

— Como você os matou? — Ela perguntou, olhando para o chão onde a poeira dos corpos tinha estado.

Jordyn observou a cabeça do Fae se inclinar para o lado e seus lindos olhos prateados observaram-na com um pouco de cautela e um pouco de interesse.

Ele era o mesmo homem que a encontrou na biblioteca. Ela teve a mesma reação profunda a ele agora como ela teve mais cedo. Todas as perguntas em sua cabeça evaporaram com ele estando tão perto.

Ela não conseguia puxar um pensamento coerente enquanto imaginava o corpo dele pressionado contra o dela.

Jordyn sacudiu a cabeça para tentar limpá-la. Ele ficou com os pés afastados, seu peso distribuído sobre eles como se estivesse esperando para sacar sua espada novamente.

Sua espada! Como poderia Jordyn ter esquecido isso? Ela ficou como uma idiota com a boca aberta quando ele balançou a arma rapidamente e sem esforço. Havia uma borda implacável sobre ele que fez seu coração vibrar e o desejo cresceu.

Jordyn ergueu o olhar para o rosto dele para encontrar uma de suas sobrancelhas erguida. Ela encolheu os ombros e tentou fazer uma piada de ser pega boquiaberta.

Eu não sou de deixar um homem tão impressionante passar sem dar uma boa olhada. De novo não foi dito, mas ficou suspenso no ar entre eles.

Um sorriso lento puxou um lado de seus lábios. Ele não disse uma palavra quando seu olhar baixou lentamente para a boca e depois para o peito dela.

Jordyn achava difícil respirar com a leitura deliberada do corpo dela. Seus joelhos ficaram fracos e suas palmas começaram a suar. O desejo correndo e aumentando nela era flagrante e imponente, desavergonhado e controlador.

No momento em que seu olhar voltou para o rosto dela, ela estava ofegante de necessidade. Seus olhos prateados escureceram com paixão descarada. Jordyn segurou na parede do prédio ao lado para se manter de pé.

A pedra raspou a palma da mão, mas tudo o que ela sentiu foi o coração batendo no peito e a necessidade rasgando através dela.

Em dois passos, ele estava ao lado dela e gentilmente segurou os dois lados do seu rosto, olhando-a em seus olhos. Sua cabeça baixou gradualmente.

As pálpebras de Jordyn se fecharam o ar preso em seus pulmões enquanto esperava para sentir sua boca na dela. O primeiro toque foi um roçar de seus lábios contra os seus. Isso a deixou ansiosa e ardente por mais.

Então, com um gemido, ele inclinou a boca sobre a dela e a beijou.

Ela suspirou, largando o livro e a bolsa para deslizar os braços ao redor dele. Ele a beijou lentamente, completamente, enfraquecendo-a de força e enchendo-a com uma paixão que queimava mais a cada segundo.

Era como se o mundo estivesse subitamente endireitado em torno. Tudo o que parecia errado e em desacordo foi corrigido. Ela se agarrou a ele, querendo, precisando de mais do que estava sendo dado.

Quando ele de repente interrompeu o beijo, levou um momento para se orientar e abrir os olhos. Ela teve que piscar para se concentrar e passar pelo desejo de mais.

Havia arrependimento em seu olhar quando ele acariciou uma bochecha. — Você não tem ideia do que você é, não é?

Ela bebeu mais do seu sotaque irlandês. Tardamente, percebeu que ele fez uma pergunta. Jordyn sacudiu a cabeça. Se ele quisesse que ela encontrasse palavras, teria que colocar alguma distância entre eles.

— Imaginei que não. — Ele suspirou pesadamente. — Você não está segura.

Jordyn ainda estava tentando descobrir o significado de suas palavras quando ele a soltou e se inclinou para pegar sua bolsa e livro. Ela estava franzindo a testa quando ele se levantou.

Ele olhou ao redor dele.

— Há coisas que você precisa saber mulher.

— Jordyn. — Disse ela, sua voz um mero sussurro.

Agora era sua vez de franzir a testa.

— O quê?

— O meu nome. É Jordyn Patterson.

O Fae atirou outro sorriso torto.

— Precisamos conversar, Jordyn Patterson.

Ela não sabia como encontrou a força para se afastar da parede e pegar suas coisas com ele. Jordyn fez sinal para que ele a seguisse enquanto caminhava com as pernas bambas até a porta do prédio.

Eles não disseram uma palavra no elevador até o apartamento ou quando ela abriu a porta. Uma vez lá dentro, Jordyn colocou a bolsa na mesa de jantar e colocou o livro ao lado. Foi a primeira vez desde que pegou o livro que não estava interessada em abri-lo.

Jordyn então enfrentou o Fae. Seus lábios ainda latejavam de seu beijo. Seu gosto ainda em sua língua. E ela queria mais.

— Você tem um monte de livros. — Ele disse enquanto olhava ao redor do apartamento dela.

Ela limpou a garganta e olhou para a cozinha.

— Você quer uma bebida?

— Eu não estou interessado em uma bebida. — Seu olhar estava aquecido, suas palavras óbvias quando olhou em sua direção.

Jordyn tirou o casaco enquanto seu sangue esquentava ainda mais. Ela teve que agarrar a cadeira quando seus joelhos ameaçaram se dobrar com o olhar faminto que ele passou sobre seu corpo.

Ele finalmente desviou o olhar e caminhou ao longo das estantes de livros ao longo de todas as paredes.

— Parece que seu interesse está em um só assunto.

— Sim. — Ela finalmente conseguiu depois de duas tentativas.

Ele virou para encará-la.

— Por que você tem interesse em nós?

Jordyn estava feliz por ele não estar tentando dizer que não era um Fae. Com essa pergunta, ele confirmou o que ela deixou escapar na rua.

Ela deu de ombros impotentes.

— Minha família costumava dizer que éramos parte Fae. Isso junto com histórias que minha avó costumava me contar. Foi contado como uma brincadeira, mas me interessou.

— Aparentemente. — Disse ele e olhou para todos os livros novamente.

Jordyn não conseguia imaginar como ela parecia neurótica em seus olhos. Ela ficou um pouco embaraçada.

— Você vai me dizer o seu nome?

Ele desviou seu olhar para ela, um pequeno sorriso sobre seus lábios sedutores. Senhor, o homem poderia beijar!

— Baylon.

— Baylon. — Ela repetiu, deixando rolar em torno de sua língua.

Ele fechou os olhos brevemente antes de virar as costas para ela. Jordyn não tinha certeza se fez algo errado. Ela o seguiu por vários momentos tranquilos enquanto olhava mais de suas estantes de livros.

— O que você aprendeu com todos esses livros? — Ele perguntou.

— Que poucos conheceram um Fae e menos ainda sabem alguma coisa sobre vocês.

Ele se virou para encará-la.

— Ainda assim você reconheceu um Dark Fae. E eu.

CAPÍTULO QUATRO

Baylon manteve distância de Jordyn. Ele ainda estava se recuperando de seu beijo e quão profundamente isso o tocou. Ele se manteve longe dos seres humanos, especialmente aqueles pelos quais ele era atraído.

Mas havia algo fascinante e envolvente sobre Jordyn. Ela era linda com certeza, mas havia algo nela que ele não podia identificar, mas que o mantinha completamente e totalmente encantado e seduzido.

Ele ansiava por outro beijo, ansiando segurá-la contra ele. Ele ansiava por tomá-la como sua amante.

Esse pensamento por si só era como ser mergulhado no gelo.

Ele era um Reaper. Não havia complicações.

Jamais.

A Morte sabia que eles tinham fêmeas quando surgia a necessidade, o que com um Fae era frequente. Mas um humano? Mesmo uma meio-Fae? Ele nunca poderia cruzar a linha e levá-la para sua cama. Seria desastroso para os dois.

Por que então ele a queria tão desesperadamente?

Baylon adorava a maneira como a testa de Jordyn enrugava no meio quando lhe perguntavam algo que não sabia como responder. Ela nunca era apressada com uma resposta. Ela pensou sobre suas palavras com cuidado.

— Foram os olhos vermelhos. — Ela respondeu. — Eu estava trabalhando na delegacia quando uma americana veio tentando explicar que foi um homem de olhos vermelhos que matou sua amiga.

Era coincidência que Jordyn trabalhasse no mesmo lugar onde Lexi Crawford tinha ido buscar ajuda antes que os Dragon Kings entrassem em sua vida? Se havia uma coisa que Baylon aprendeu em seus milhares de anos de existência, foi que não havia coincidências.

— E? — Ele perguntou quando Jordyn ficou em silêncio.

Ela apontou para as estantes de livros.

— Lembrei-me de ler algo sobre olhos vermelhos e de repente me vi esbarrando com homens e mulheres com olhos vermelhos em todos os lugares, e o mal que vinha deles era sufocante. Percebi que o livro estava certo. As pessoas de olhos vermelhos que eu estava vendo eram Dark Faes.

— Como você sabia que eu era Fae? — Foi vaidade que o levou a perguntar? Ou ele realmente queria saber quanto conhecimento ela tinha dos Faes?

Jordyn girou e entrou na cozinha. Ela tirou um copo de vinho do armário e colocou-o no balcão. Ela então pegou a garrafa de vinho ao lado da torradeira e abriu-a antes de despejá-la em seu copo.

Levantou a garrafa e olhou para ele, silenciosamente perguntando se ele queria um pouco. Baylon sacudiu a cabeça enquanto a observava erguer o copo aos lábios e tomar um gole do vinho tinto.

— Eu acho que estava esperando que você fosse Fae. — Jordyn se encostou ao balcão, seu olhar colidindo com o dele. — Eu nunca acreditei que os Faes eram pequenas criaturas aladas como alguns dos livros afirmam. Sempre imaginei alguém como você quando eu pensava em Faes.

Ele lutou contra as cordas invisíveis que continuavam puxando-o para mais perto dela.

— O jeito que você se move, o jeito que fala. A maneira como luta. — Ela continuou. — E seus olhos. Ninguém poderia te confundir com um humano. Tudo sobre você é único, especial e cativante.

Droga. Ela realmente precisava parar de falar. Se ela não o fizesse, ele a beijaria novamente. E se ele a beijasse novamente, não seria capaz de parar. Ele ansiava muito por ela.

Seu olhar caiu como se ela estivesse envergonhada por sua confissão. Baylon achou a ação cativante e prazerosa.

Ele estava muito ferrado.

— Por que os Dark Faes estão aqui? — Ela perguntou, mais uma vez olhando em sua direção.

Um tema seguro. Apenas o que ele precisava. Baylon permaneceu no apartamento dizendo:

— Porque eles começaram uma guerra.

— Com você?

Ele franziu o rosto, desejando que não tivesse dito a verdade.

— Com outros seres.

— Outros? — Ela perguntou preocupada. — Que outros?

Baylon poderia se chutar por não mentir para ela novamente. O que havia de errado com ele? Era um mentiroso habilidoso. Exceto com ela, por algum motivo.

— Você não vai deixar isso pra lá, vai?

Ela deu a ele um olhar plano.

— Você viu meus livros. Você acha que vou deixar isso passar mesmo que você não me conte?

Ele passou a mão pelo rosto.

— Com os *Dragon Kings*.

O rosto de Jordyn ficou inexpressivo.

— *Dragon Kings*?

— Sim. Eles estão por aí desde o começo dos tempos. Eles mandaram seus dragões embora, mas podem mudar entre a forma humana e a forma de dragão.

— Oh. Bem, se você faz parecer que não é nada, então deve ser. — Ela disse sarcasticamente.

Quanto mais ela falava, mais Baylon gostava dela.

— Você não precisa se preocupar com eles. Eles juraram proteger os humanos, e ganharam muitas guerras contra outros que queriam esse reino e os humanos.

— Uau! — Ela murmurou antes de tomar um longo gole. — Acho que vou precisar de outra garrafa de vinho. Espera. Você matou os faes esta noite.

— Porque é o que eu faço.

— O que isso deveria significar?

Ele ignorou a pergunta dela.

— Isso não é uma preocupação.

— Então o que é?

— Você.

Ela segurou o copo de vinho em sua bochecha e franziu a testa.

— Está certo. Você disse que eu não sabia o que era. O que eu sou?

Não era que Baylon estivesse com medo de não conseguir lidar com as novidades. Ele hesitou porque uma vez que dissesse a ela, tudo mudaria.

Ele deveria ir embora agora, desaparecer e esquecê-la. Baylon bufou internamente. Esquecer Jordyn? Isso não seria possível. Ele nunca seria capaz de ficar longe dela, preocupado que um dos outros Reapers a encontrasse e a matasse.

— Baylon? — Ela insistiu.

— Você leu todos esses livros sobre os Faes, mas não nos conhece.

Ela fez sinal para ele com seu copo de vinho.

— Eu tenho milhares de perguntas. Se você quiser me dizer, então me diga.

— Você viu a maneira como os humanos reagem aos faes.

Sua cabeça deu um leve aceno de cabeça.

— Humanos são atraídos para nós contra sua vontade. Eles não entendem, nem podem resistir à tentação de estar conosco. Os Dark Faes atrairão ou sequestrarão os mortais deste reino e os levarão embora.

— Para onde? — Perguntou Jordyn.

— Às vezes para o reino dos Faes. Às vezes para a Irlanda, onde os Faes assumiram.

Ela engoliu e inalou. — O que fazem com eles?

— Fazem sexo com eles. Cada vez que isso acontece, drena o mortal de sua alma, deixando apenas uma casca morta para trás.

Ela sentou-se ali por um momento antes de inclinar o copo para trás e esvaziá-lo. Jordyn então se virou e serviu mais vinho.

— Você faz aquilo?

— Os Light Faes, na maior parte, mantém distância dos humanos. Quando cedemos à necessidade, dormimos com os mortais apenas uma vez.

— Eu não estava atraída pelo Dark Fae. — Disse ela de costas para ele.

Baylon não queria discutir a necessidade rasgando através dele. Ele não queria pensar na paixão que o atravessava. E não podia se permitir considerar como seria afundar entre as coxas de Jordyn.

Ele cerrou as mãos ao lado do corpo.

— Os Faes não sentem a mesma atração esmagadora que os humanos sentem.

Jordyn se virou os lábios entreabertos. Ela o olhou em silêncio por vários momentos. Então perguntou:

— Talvez haja alguns Faes mais atraentes do que outros.

— Você viu os Dark Faes esta noite. Você pode me dizer que eles não eram bonitos?

Seus lábios se abriram brevemente.

— Eles eram. Eu também vi como eles casualmente e felizmente matam humanos. É por isso que não os acho remotamente atraentes.

— Mentirosa.

Ela revirou os olhos.

— Eu não estou mentindo.

Ele gostou de como seu sotaque se aprofundou quando ela ficou irritada.

— Você pode não querer ter arrancado suas roupas para eles, mas eles eram lindos.

— Sim. — Disse ela com relutância. — Eu não os queria porque eles são maus.

— Isso poderia ser uma explicação.

— Mesmo? — Ela perguntou com as sobrancelhas levantadas.

Baylon achou que ela estava pronta para ouvir a verdade. Toda a sua pesquisa e conhecimento de Fae apontavam para esse fato. Agora ele não tinha tanta certeza. Mas já chegou até aqui. Era melhor apenas dizer a ela, em vez de fazer rodeios.

— Os Faes não são atraídos uns pelos outros como os seres humanos são atraídos por nós.

Ela encolheu os ombros.

— Isso faz sentido, eu acho. O que isso tem a ver comigo de não achar o Dark Fae atraente?

— Você é meio-Fae, Jordyn.

Ela riu e deu uma pequena sacudida de cabeça antes de tomar uma bebida. Seu olhar voltou para ele e seu sorriso morreu lentamente.

— Meu Deus. Você não está brincando.

— Não, eu não estou.

— Eu não entendo. Como?

Foi a vez de Baylon sorrir.

— Isso acontece da maneira usual.

Ela acenou com as palavras dele.

— Eu sei *disso*. Quero dizer, como?

— Em algum lugar da sua família, um dos seus antepassados teve um caso com um Fae. Aqueles que podem ter se perdido com o tempo, mas nunca esqueceram que havia sangue Fae em sua família.

— Isso explicaria todas as menções de Fae ao longo dos anos. — Disse Jordyn com o choque em sua voz. Então seu rosto clareou como se tudo estivesse começando a fazer sentido para ela. Ela deslizou o olhar para ele. — O que isto significa para mim?

Baylon olhou para o chão.

— Isso costumava não significar nada. Há benefícios adicionais aos mortais que tem sangue Fae. Beleza, talento e habilidades inexplicáveis podem ocorrer.

— Costumava? — Ela repetiu em uma voz estrangulada. — Por que tenho a sensação de que não vou gostar da sua próxima explicação?

— Porque não é boa.

Ela baixou seu copo de vinho.

— Isso não está me confortando.

— Qualquer ser humano com sangue Fae está sendo caçado.

— O quê? — Ela disse com um suspiro sufocado. — Por quê? O que nós fizemos?

Baylon encolheu os ombros.

— Eu gostaria de saber.

— Existe uma maneira de eu ficar escondida?

— Talvez por um tempo, mas não para sempre.

Ela caminhou até a mesa e se sentou visivelmente abalada. Jordyn afundou na cadeira antes de apoiar o cotovelo na mesa e deixou cair a cabeça entre as mãos.

— Isso não pode estar acontecendo. — Sua cabeça levantou e ela o encarou com seus olhos turquesa. — Como você sabe que estamos sendo caçados?

Baylon nunca esteve em uma posição onde disse a alguém que ele era um Reaper. Eles não eram proibidos de contar aos humanos, porque nunca houve uma circunstância para interagir com um humano.

Os Faes, por outro lado, foram impedidos de contar. Parte do medo e terror em torno dos Reapers era que ninguém sabia quem eles eram.

Ele nunca teve um encontro com um meio-Fae antes, então ele não tinha certeza de que lado da cerca a Morte poderia considerá-la. Então Baylon decidiu pensar nela como humana, porque era mais fácil para ele. Ela não fazia parte do mundo Fae, então não conhecia ninguém.

— Seu silêncio é assustador. — Disse Jordyn.

Baylon caminhou para a direita lentamente.

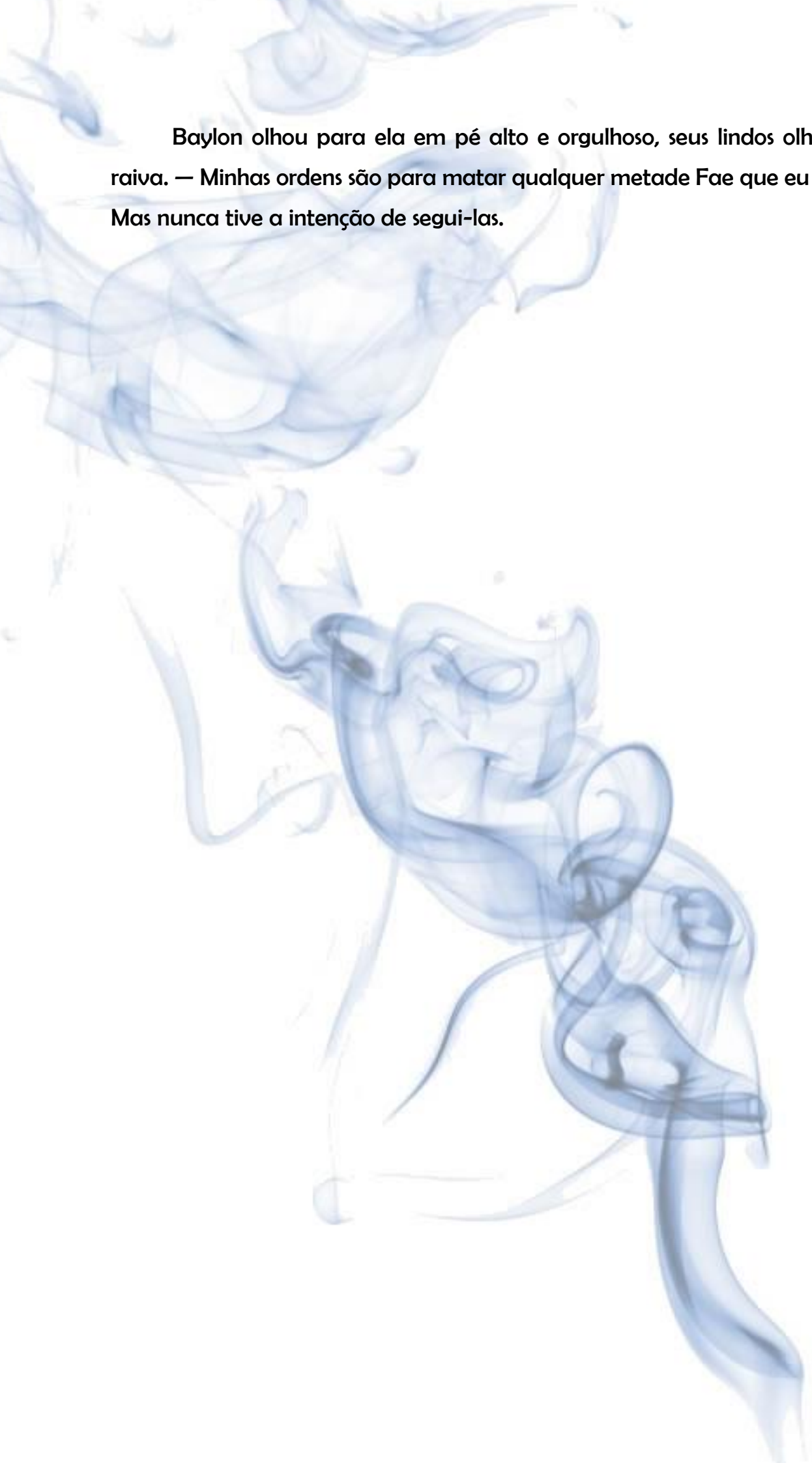
— Eu faço parte de um grupo de elite de Fae que é juiz, júri e executor de nosso povo que faz o que é errado.

— Então você foi enviado para me matar? — Ela perguntou sua voz subindo. E ficou de pé. — Você deveria ter feito isso em vez de me beijar! Isso foi completamente errado.

— Eu não queria beijar você! — Ele gritou exasperado.

— Pare de falar. Eu não posso ficar sentada esperando para ser morta. Se você vai fazer isso, apenas faça!

Baylon olhou para ela em pé alto e orgulhoso, seus lindos olhos cheios de raiva. — Minhas ordens são para matar qualquer metade Fae que eu encontrasse. Mas nunca tive a intenção de segui-las.



CAPÍTULO CINCO

Jordyn só podia olhar para Baylon. Ela não tinha certeza se acreditava nele ou não. Por que ele mataria o Dark Fae e contaria tudo a ela para depois tirar a sua vida? Então, novamente tudo poderia ser um stratagema.

Como se o silêncio dela o machucasse, Baylon disse:

— Você deve acreditar em mim.
— Isso tudo foi algum tipo de erro horrível. Eu não sou um meio-fae, minha família é maluca o suficiente para dizer isso como uma brincadeira, mas eu não tenho qualidades ou habilidades especiais. Sou tão simples quanto qualquer mulher na rua.

Baylon levantou uma sobrancelha negra e bufou.

— Você está longe de ser simples, e certamente não é nada como qualquer outra mulher. Você não é simplesmente incrivelmente linda, Jordyn, mas todo mundo gosta de você.

— Eu sou legal com as pessoas. — Ela disse com um encolher de ombros.

— Outros são bons também, e ainda assim todos têm inimigos. Exceto Faes entre os humanos. Até mesmo uma gota de sangue Fae pode mudar um mortal.

— Oh. — Ele poderia estar certo? Não é como se ela olhasse em volta em busca de inimigos, mas nem todo mundo gostava de todos. Isso era apenas um fato da vida. No entanto, Baylon fez soar como se ela fosse algo especial.

Ela poderia ser? E se todas as histórias que ouviu de sua avó fossem verdadeiras? E se ela realmente fosse metade Fae?

Seus joelhos ameaçaram tremer. E se realmente tivesse sangue Fae? Poderia ser por isso que ela estava tão decidida a encontrar os Faes? Ela sabia de alguma forma? Foi algum instinto para encontrar aqueles como ela mesma?

Jordyn respirou fundo. Uma parte dela estava animada por não só ter encontrado Baylon, um verdadeiro Fae, mas também por descobrir que era

metade Fae. Aquela emoção foi rapidamente unida por pavor e terror ao pensamento de ser caçada.

Por Baylon e outros como ele.

— Você tem uma lista com nomes? — Ela perguntou.

— Não. Um Fae conhece outro Fae.

Jordyn não aguentava mais. Ser informada de que ela era Fae, e que por causa disso estava sendo caçada, empurrou-a ao seu limite.

Ela apontou para a porta.

— Você precisa sair. Agora.

Baylon franziu a testa e deu um passo em direção a ela.

— Jordyn, você não está segura.

— Parece que é com você que eu deveria estar preocupada, já que você é o único com ordens para me matar.

— Há outros no meu grupo. Se eles te encontrarem, vão te matar.

Ela engoliu em seco, seus pensamentos voltando para o beijo alucinante que compartilharam. Jordyn odiava estar tão confusa. Ela não sabia o que fazer.

— O que você está propondo? Que você vai me proteger?

— Sim.

Jordyn piscou surpresa com sua resposta instantânea.

— Por quê?

— Porque não é sua culpa que você tenha sangue Fae. Nós nunca machucamos um de vocês antes. Eu não vou começar agora.

— O que acontece se seus amigos descobrirem que você não seguiu ordens?

Ele virou a cabeça, o que foi resposta suficiente.

— Você acabou de me conhecer. — Disse ela. — Por que você arriscaria tanto para me manter viva?

Seu olhar girou para o dela, queimando com uma luz prateada que a hipnotizou.

— Você realmente precisa perguntar?

— Sim.

De repente, ele estava de pé diante dela, com os braços apertados enquanto a segurava com firmeza. Do ombro ao quadril, seus corpos estavam colados. Ela sentiu o calor e os músculos duros dele através de suas roupas enquanto suas mãos subiam automaticamente para agarrar seus braços.

Seu rosto apareceu acima dela. Desejo latente, paixão ardente. Seus lábios se separaram por conta própria enquanto esperava que ele a beijasse mais uma vez.

Ela não conseguia atrair ar suficiente para os pulmões. Seu corpo estava em chamas, doendo por ele. Uma corrente de ar passou por seus lábios quando seu olhar caiu para sua boca.

Baylon estava causando estragos em seus sentidos, de modo que ela ficou à deriva e se afogando com o desejo. Cada fibra dela pulsava em expectativa, queimando em necessidade.

Sua cabeça abaixou de modo que sua bochecha suavemente roçou contra a dela. Com a boca perto da orelha, ele sussurrou:

— Não consigo tirar minhas mãos de você.

Se Jordyn pensasse em se conter, aquelas sete palavras teriam quebrado qualquer reserva.

Para sua surpresa, ele a puxou em um abraço. Ela descansou a cabeça no ombro dele e fechou os olhos. Era bom estar em seus braços.

Parecia ainda melhor tê-lo segurando-a com tanta segurança.

Parecia errado saber que ele foi enviado para matá-la, mas ela não podia mudar como se sentia.

— Eu pretendia ficar longe de qualquer meio-Fae. — Disse Baylon. — Então eu te vi nos degraus da biblioteca. Você estava tão absorta no livro que eu tinha que saber o que você estava lendo.

Jordyn sorriu.

— Estou feliz que você fez.

— Eu soube assim que vi que você era metade Fae. E te segui o resto do dia. Por mais perturbador que fosse Jordyn não se afastou.

— Como eu não vi você?

— Eu posso me velar para que ninguém possa me ver.

Ela ficou impressionada com sua habilidade.

— Você foi para a delegacia?

— Sim. Eu vi você com seus colegas de trabalho e como eles te olham. Você não tem ideia do quanto eles te querem, não é?

— Não.

Houve uma pausa de silêncio antes que ele dissesse:

— Você é uma meio-Fae especial, Jordyn Patterson.

Ela suspirou contra ele. Ela não tinha percebido o quanto precisava ser mantida de tal forma até então. Não exatamente pronta para abdicar dele, permaneceu onde estava.

Jordyn se inclinou para olhá-lo, mas não se afastou.

— Quanto tempo você pode permanecer velado?

— Todo o tempo que precisar. Eu tinha que saber o quanto você sabia sobre os Faes. — Ele continuou. — Eu não pretendia me revelar a você hoje à noite mas então o Dark Fae se aproximou. — Baylon tocou levemente seu rosto. — Eu deveria ter me velado depois.

— Por que você não se velou? — Ela perguntou sem fôlego.

— Por causa do jeito que você olhou para mim.

Então ele sentiu o que quer que fosse entre eles. Jordyn sentiu desejo e luxúria antes, mas qualquer que fosse a emoção, agora era cem vezes mais forte.

— O jeito que você está olhando para mim agora. — Disse ele com uma voz rouca e baixa.

— Eu pensei que você disse que eu não sentiria o seu encanto.

Houve um leve sorriso nos lábios quando ele disse.

— Você não está.

— Então o que está acontecendo?

A cabeça de Baylon baixou mais uma vez.

— Eu gostaria de saber.

Jordyn levantou o rosto enquanto seus lábios pressionavam os dela. Ela gemeu quando a língua dele escorregou em sua boca.

Este beijo não foi lento e sensual como tinha sido o anterior. Este crepitou em sua intensidade, queimando com sua potência.

Cantando com seu ardor.

Ela nunca teve a chance de resistir a Baylon, não que o pensamento lhe cruzasse a mente. Jordyn deslizou os braços pelo pescoço e segurou firme.

O mundo, o Fae e tudo o mais simplesmente desapareceram quando eles cederam a sua paixão que se recusou a ser negada.



Cael ficou com Eoghan nas paredes do Castelo de Edimburgo. Eles permaneceram nas sombras olhando a cidade. Cael seguira Eoghan do pub, esperando o momento em que ele pudesse falar.

O passado de Eoghan era um dos que ele se recusava a falar, mas foi algo que moldou drasticamente o Fae que era agora.

Como líder, Cael conhecia o passado de seus homens. Ele nunca os mencionou, nenhum deles fazia. A Morte dizia que ele deveria saber para entender melhor seus homens e ganhar sua confiança.

Essa foi a única razão pela qual ele tinha essa informação.

— Eu não faço as ordens. — Disse Cael.

Eoghan continuou a olhar para frente.

Cael respirou fundo e soltou.

— Nós não temos escolha. Você sabe disso. Nós todos sabíamos disso quando nos tornamos Reapers. Não estou mais feliz com isso do que você.

— Então você deveria ter dito à Morte.

Cael levou um momento para processar o que ele disse, já que Eoghan raramente falava.

— Eu não vi a Morte desta vez. Uma mensagem chegou.

A Morte normalmente gostava de se encontrar com Cael e dar as ordens, mas em raras ocasiões enviava uma mensagem. Embora com algo tão grande quanto essa tarefa, Cael esperava uma reunião cara a cara.

— Você não acha que os outros vão seguir a ordem, não é? — Perguntou Cael.

Eoghan voltou os olhos para ele e simplesmente franziu o cenho.

— Eu não penso assim. — Cael agarrou suas mãos atrás de suas costas. A verdade era que ele não queria matar nenhum meio-Fae também.

Mas não era como se tivessem uma escolha.

— Você sabe o que acontece se não seguirmos as ordens da Morte. — Disse Cael.

Eoghan virou a cabeça para frente.

— Estou preparado.

Cael sacudiu a cabeça para Eoghan em choque e descrença. Ele não sabia o que dizer a seu amigo. Eoghan era espinhoso no melhor dos tempos. Ele carregava o peso do mundo em seus ombros, que estava lentamente esmagando-o.

Cael não conseguia se lembrar da última vez que viu Eoghan sorrir. Ele fazia parte do grupo, mas manteve-se separado em todos os momentos. Apesar disso, Eoghan nunca deixou o grupo para trás. Ele estava sempre lá quando necessário.

— *Cael!*

Ele rangeu os dentes quando ouviu a voz de Kyran em sua cabeça. Cael não estava pronto para deixar Eoghan após sua admissão, mas ele teve que ir até Kyran e descobrir do que ele precisava.

— Terminaremos essa conversa mais tarde. — Disse Cael.

Ele esperou que Eoghan reconhecesse suas palavras, mas o Light Fae apenas ficou em silêncio como uma estátua. Cael sacudiu a cabeça e se teletransportou para Kyran.

Ele encontrou o Dark Fae com Talin no mesmo armazém que os Dragon Kings Thorn e Darius usaram para queimar os corpos dos Dark Faes que mataram.

Kyran estava andando, seus olhos vermelhos cheios de incerteza. Talin sentou em uma mesa e olhou como se estivesse se preparando para enfrentar a Morte.

Cael se preocupou que seus homens tivessem essa reação. Inferno, ele teve a mesma reação. Mas eram Reapers. Eles não podiam escolher como se sentiam sobre suas ordens. Nem podiam escolher quem matavam.

O problema era que nenhum deles jamais se sentira assim antes. Havia algo inerentemente errado em matar um meio-Fae.

— Eu não posso. — Disse Kyran quando olhou para Cael. — Eu não posso fazer isso. Eu entendo, desobedecendo as ordens da Morte, que perco minha vida. Estes são mortais, Cael. Nós nunca fomos atrás deles antes.

Talin levantou seus olhos prateados para Cael.

— Eu tentei fazer o que pedi. Encontrei um meio-Fae na Noruega, mas não consegui matá-lo.

Isso já era três dos seis nesta missão. Com Daire observando Rhi, talvez fosse a hora de Cael checar Baylon e Fintan. Ele suspeitava que o único que seguiria o comando da Morte era Fintan.

Não porque o Dark Fae gostava de matar, mas porque Fintan era capaz de fechar todas as emoções para cumprir seu dever. Isso fazia dele um bastardo frio, mas isso é o que um Reaper era.

— Por que a Morte está atrás dos meios-Fae? — Kyran perguntou. Ele passou a mão pelo cabelo preto e prateado. — Não faz sentido.

— Eu não consegui falar com a Morte.

Isso trouxe Kyran a descoberto. Ele parou e ficou boquiaberto com Cael.

— A Morte não convocou você?

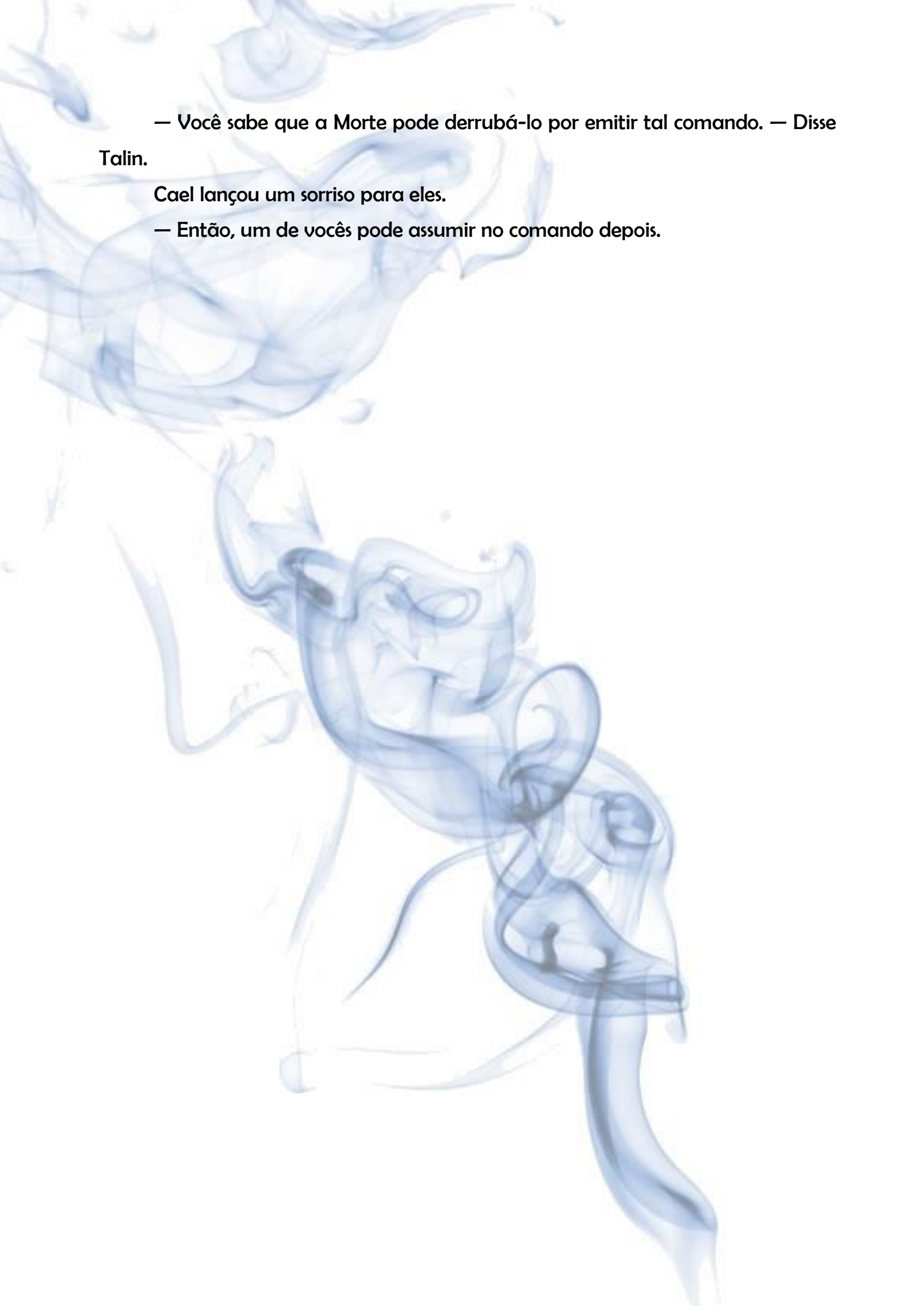
— Não desta vez. — Admitiu Cael.

Talin deslizou da mesa, com a testa franzida.

— Acho que devemos solicitar uma reunião.

Cael levantou a mão para impedir Talin de falar mais.

— Eu já decidi ver a Morte. Eoghan está no castelo. Eu vou encontrar Baylon e Fintan. Não haverá Morte de meio-Fae até que eu tenha algumas respostas.

A faint, artistic illustration in blue ink or watercolor style is visible in the background. It depicts a figure, possibly a person or a creature, in a dynamic, almost dancing or falling pose. The lines are fluid and expressive, with some areas appearing more saturated than others, creating a sense of movement and depth. The figure's limbs are extended, and there's a sense of a long, flowing tail or appendage at the bottom.

— Você sabe que a Morte pode derrubá-lo por emitir tal comando. — Disse Talin.

Cael lançou um sorriso para eles.

— Então, um de vocês pode assumir no comando depois.

CAPÍTULO SEIS

Baylon não conseguia parar de beijar Jordyn. Seu gosto era incrível, mas com o vinho em sua língua, deixou-o inebriante.

E querendo mais.

Ele a colocou sentada sobre a mesa. Suas mãos percorriam suas costas enquanto ele ficava entre as pernas dela. Seu pênis se contraiu e inchou ainda mais.

Seu peito arfava quando aprofundou o beijo e ela respondeu com um gemido. Ela ficou louca de desejo. Ele queria remover as roupas dela, para tê-la à mostra, para que pudesse ver cada centímetro maravilhoso dela.

Baylon a deitou na mesa. Suas pernas vieram ao redor dele e ela trancou seus tornozelos atrás dele. Incapaz de se ajudar, ele se balançou contra ela. Jordyn gemeu e apertou as pernas.

Ele a queria precisava dela com um desespero que o sacudiu. Cada beijo só inflamava o desejo que se espalhava por ele como fogo. Cada fibra exigia que ele a tomasse. Ele não entendia a pressa que o arranhava, ou por que havia uma parte dele que desejava ter certeza de que todos saberiam que ela era dele.

— *Baylon.*

Ele queria ignorar o chamado de Cael, mas se não respondesse, Cael iria encontrá-lo. A última coisa que Baylon queria era que Cael soubesse que ele estava escondendo um meio Fae.

Baylon terminou o beijo e olhou para Jordyn. Seus olhos estavam vidrados, seus lábios inchados. Ela era tão bonita que doía olhá-la.

— O que há de errado? — Ela murmurou com voz rouca.

— Eu tenho que ir. — Baylon se endireitou e puxou-a com ele. — Volto em breve.

Ela inclinou a cabeça para o lado, seus olhos questionando.

— Você está indo?

— Cael está chamando por mim. Se eu não for, ele virá aqui.

Isso pareceu tirar Jordyn de seu torpor.

— E se outro Fae vier?

— Eles não deveriam. Eles não viram você. Só não saia do apartamento até eu voltar.

— Tudo bem.

Baylon tocou seu rosto e se teletransportou para Cael. Tudo o que tinha que fazer era seguir o som da voz de Cael, que o levou para a cidade subterrânea sob Edimburgo.

Ele viu Cael encostado em uma seção de uma entrada que se arqueava no alto. Era um segmento que ainda tinha que ser desenterrado pelos mortais, então não havia eletricidade. Cael tinha um orbe de magia sobre ele lançando uma luz azul pálida.

Assim que Baylon apareceu, Cael se afastou da parede.

— Onde você esteve?

— Rodando pela cidade.

— Hum. — Disse Cael. — Eu já avisei aos outros. Eu vou falar com a Morte. Até eu voltar, não mate nenhum mortal com sangue Fae.

Baylon ficou feliz em ouvir as palavras de Cael, mas ele sabia que o que Cael propunha não era sem retribuição.

— Eu sei que você não falou com a Morte quando recebeu o pedido.

— Não, e vou corrigir isso agora. A ordem nunca foi bem recebida por mim, mas depois de ouvir todos vocês, eu tenho que ver a Morte.

— Eu conheço você. — Disse Baylon. — Você tem uma suspeita.

Cael desviou o olhar por um momento.

— Os humanos nunca fizeram nada aos Fae. Por que a Morte repentinamente decidiu eliminar todos aqueles que têm sangue Fae? A Morte nunca se importou com eles antes.

— Então, por que agora? — Perguntou Baylon.

Cael assentiu com firmeza.

— Exatamente. Algo não está certo. Eu pensei que era só eu, mas o resto de vocês se sente da mesma maneira.

— Você tem certeza disso, Cael? Se a Morte quer que matemos os meios-Fae, estamos desobedecendo ordens. Você sabe o que isso significa para você.

— Continue matando os Dark Faes pela cidade. Estarei de volta assim que puder. — Declarou Cael e desapareceu.

Baylon imediatamente retornou para Jordyn.



Cada Reaper conhecia a porta Fae que só um Reaper podia ver. Cael olhou pela porta. A reunião poderia ser de duas maneiras.

Ele nunca se preocupou com o próprio pescoço, o que o levou a se tornar um Reaper em primeiro lugar. Ele nunca esperou liderá-los, mas aqui estava ele. Foi uma posição que aceitou com orgulho, porque sabia o que significava para a Morte escolhê-lo.

Cael passou pela porta e parou. Não importa quantas vezes ele visitou o reino da Morte, nunca estava preparado.

Não era o inferno. Não havia fogo ou condenação. Também não era desolador.

Havia verde por toda parte. Plantas exuberantes, flores vibrantes.

Vida.

Rodeava-o, sitiava-o.

Cael atravessou o jardim imaculado até a grande torre de pedra branca. Ninguém visitava a Morte. Apenas animais ocupavam o reino. A Morte era temida por todos os Faes e humanos.

Pelo canto do olho, ele viu algo através das altas trepadeiras que corriam ao longo de uma parede de pedra. Cael contornou a parede, mas não havia ninguém lá. Apenas um balanço de folhas lhe disse que alguém passou por ele.

— Você nunca veio a mim por conta própria. Não em todos os séculos que te conheço. — Veio uma voz atrás dele.

Por um milésimo de segundo, Cael não conseguiu se mexer. Então ele se virou e olhou a Morte no rosto. Não era um esqueleto ou um animal medonho que contemplava, mas uma mulher, mais bonita que todos os Fae juntos.

— Erith. — Disse ele e inclinou a cabeça.

Seus cabelos negros e azuis pendiam de seus quadris em ondas suaves. Ela virou as costas para ele e começou a andar. Seu vestido preto fluía ao redor dela como um tecido fino, abraçando seu corpo em bom estado e exibindo suas amplas curvas antes de cair no chão. Rendas negras das largas mangas que pararam logo abaixo do cotovelo e no decote. Aquela mesma renda bordava suas longas saias que se arrastavam atrás dela por vários metros.

Erith olhou por cima do ombro para Cael, prendendo-o com os olhos cor de lavanda.

— Por que você está aqui? Meu pedido foi difícil de entender?

Sua voz era suave e lírica. Não havia nada sobre Erith que não fosse estonteante e requintado. Mas ele não foi enganado por suas palavras suaves. Erith era feroz e cruel.

Uma combinação que Cael achou infinitamente agradável.

— Cael? — Ela cutucou sua voz afiada com irritação.

Ele a seguiu pelo labirinto de flores, observando a mão dela percorrer as flores.

— Eu já questionei você sobre um pedido?

— Não. Eu sugiro que você não comece agora. — Ela fez uma pausa e se inclinou para cheirar uma flor amarela.

Cael sabia que tinha que pisar com cuidado e expressou sua resposta ideal.

— Não tivemos problema em eliminar os Dark Faes que permaneceram em Edimburgo.

— Bom. A maioria deles se afastou de todas as cidades da Escócia e da Inglaterra, mas alguns permanecem. Concentre-se em Edimburgo primeiro, pois é onde Taraeth começou. Os Dark Faes que desceram sobre os mortais indefesos foram julgados. — Ela voltou seus olhos de lavanda para Cael.

— Você é o carrasco deles.

— É uma posição que gosto.

— E ainda assim você está aqui. — Ela estreitou o olhar para ele antes de encará-lo completamente.

Cael sempre era surpreendido quando via Erith. Sua beleza etérea poderia fazê-lo esquecer suas palavras.

Antes que ele conhecesse seu verdadeiro manto, tentou conquistá-la. Como desejava passar a mão pelo rosto dela e traçar as altas maçãs do rosto dela.

Como ele ainda ansiava por isso.

Ele queimou para chegar perto o suficiente e ver se era um roxo profundo ou preto que rodeava seus olhos incríveis. Ele ansiava por saber se sua boca carnuda era tão beijável quanto parecia.

Mas esses pensamentos terminaram tão rapidamente quanto cair de um penhasco. Mesmo depois de vários milênios, sua respiração sempre era arrebatada quando a via e percebia que algo tão magnífico era real.

E completamente fora do alcance dele.

Erith caminhou até Cael, parando a alguns centímetros dele.

— Você não se importa de matar os Dark Faes. Por que então você está aqui? Tem a ver com seus homens?

— Não. — Cael disse a ela.

— Então diga o que quer que seja que você veio dizer. — Seu olhar endureceu uma fração. — Agora.

Cael era mais alto que ela alguns centímetros, mas ela tinha um jeito de olhar para ele que o fazia sentir que ele não era mais alto que um inseto.

— Era matar os Dark Faes sua última ordem para mim?

— Sim.

Cael apertou a ponte do nariz com o polegar e o indicador. Ele e seus homens quase mataram inocentes não condenados pela Morte. Só isso teria sido uma sentença de Morte para cada um deles.

— Acho que é hora de você me contar tudo.

Cael abriu os olhos, mas Erith se foi. Ele olhou em volta e a encontrou caminhando em direção à torre, no que só podia chamar de deslizamento. Ele se perguntou se os pés dela sequer tocavam o chão. Cael aumentou seus passos para alcançá-la.

As narinas de Erith se dilataram de raiva enquanto ela olhava para frente.

— Por que você acha que eu lhe enviaria outra missão?

— Ela veio até mim através do tordo como você enviou mensagens antes.

— Apenas três vezes. Em dez mil anos. — Corrigiu ela. — Qual foi o novo pedido?

A porta da torre se abriu sozinha. Cael esperou até estarem dentro, antes de dizer:

— Para caçarmos todos os meio-Fae e os matarmos.

Erith levantou as saias e já começava a subir as escadas. Ela se virou os olhos arregalados e o rosto pálido de choque.

— O quê?! — Ela gritou em descrença.

Seu peito subiu e desceu rapidamente. Depois de alguns momentos tensos, ela se virou e subiu as escadas que serpenteavam ao redor do perímetro da torre.

— Ninguém sabe que eu recebo o tordo de você. — Explicou Cael. — Nem mesmo meus homens.

— Algum de vocês matou um meio-Fae? — Ela perguntou com firmeza.

Cael adiantou-se nas escadas e parou quando a encarou.

— Não. Todos nós tivemos dúvidas. É por isso que estou aqui.

Erith levantou uma sobrancelha negra, questionando sua declaração.

Cael soltou um suspiro.

— Você sabe que Fintan não sente nada. Você formou os Reapers para manter os Faes em cheque. Não há ninguém a quem você tenha nos enviado que não merecesse a justiça que lhes servimos.

— E ainda assim você recebeu essa ordem e passou aos seus homens.

Cael deu um passo para o lado e inclinou a cabeça.

— Sim.

— Manipulação não combina com você, Cael. — Disse ela enquanto vinha até ele. — Você fez exatamente como deveria.

— Se eu tivesse forçado meus homens, você teria que matar todos nós. Ela olhou para frente, franzindo a sobrancelha.

— Sim. Deixando-me sem ninguém para manter os Faes sob controle.

Cael esperou até que a última parte de sua saia passasse por ele antes de continuar a caminhar atrás dela.

— Você sabe quem pode ser?

— Existem alguns candidatos. Ninguém sabe que eu sou a Morte, mas obviamente você foi vigiado.

— Nós estivemos no reino Fae, não na Terra. Pode ser Taraeth.

Ela desceu as escadas quando chegou ao patamar e entrou em um quarto espaçoso. No meio havia um grande tapete branco com um padrão de redemoinho preto. Em cima, havia uma simples escrivaninha de madeira com um toque feminino e uma cadeira.

Ao redor das paredes havia prateleiras contendo registros de todos os Faes imaculadamente mantidos incluindo os Reapers.

Erith foi até uma das janelas.

— Pode haver alguém atrás dos Reapers.

— Verdade. — Ele reconheceu. — Sussurros sobre nós estão em toda parte entre os Faes. Depois que terminarmos em Edimburgo, eles saberão que estamos de volta. Ou alguém poderia estar atrás de você.

O olhar de lavanda de Erith girou para ele, fazendo com que suas longas mechas negras girassem em torno dela.

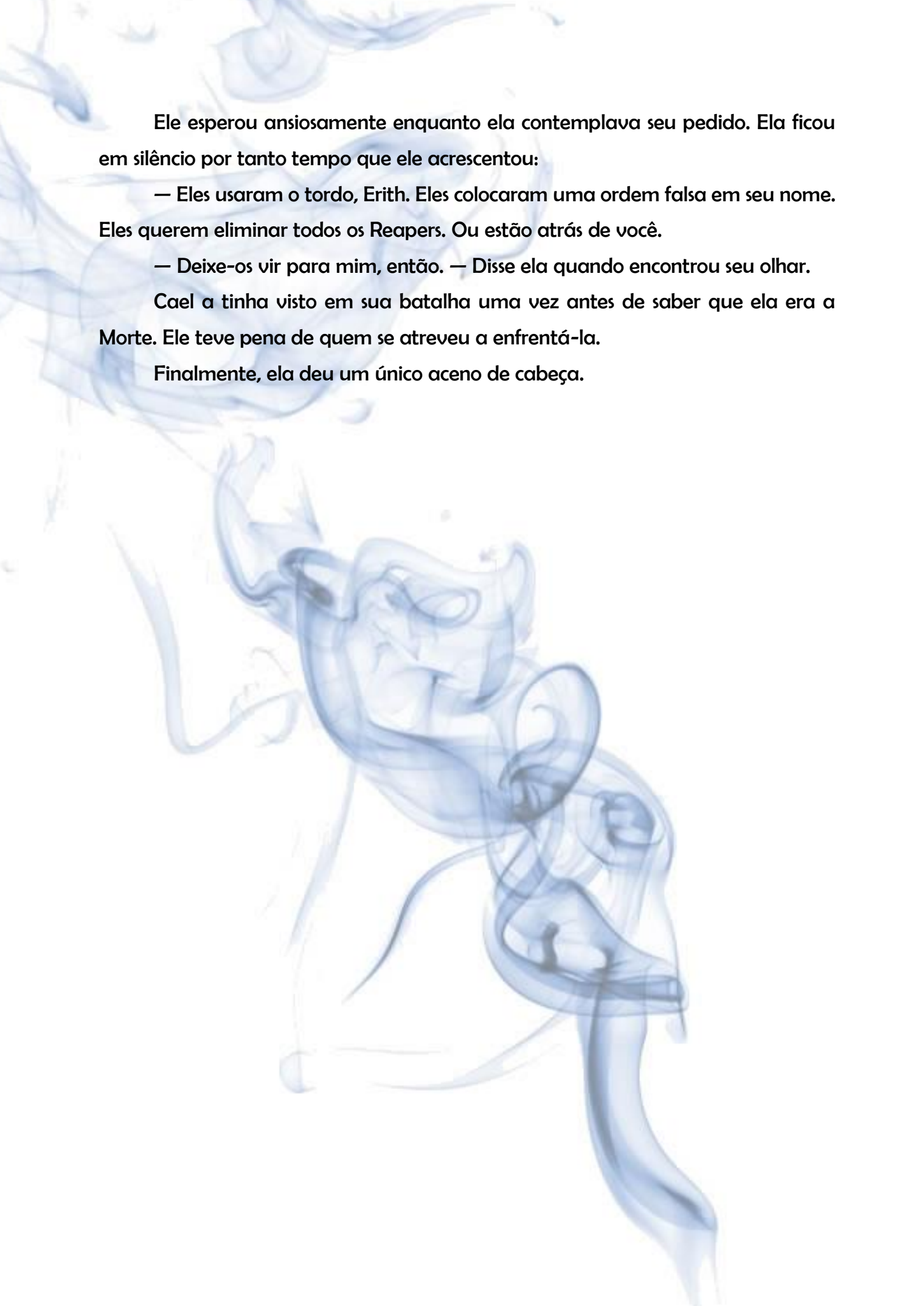
— Eu deveria ser capaz de ver esse mal que interferiu entre nós, mas não posso. Se você não tivesse vindo até mim, eu nem saberia.

— Não até que você tivesse que nos matar. — Acrescentou.

Seu olhar baixou para o chão.

— Eu preciso saber quem está fazendo isso.

— Então me deixe encontrá-lo.

A faint, artistic illustration in blue ink or paint serves as a background. It depicts a figure, possibly a woman, in a dynamic, almost dancing or falling pose. The lines are fluid and expressive, with some areas appearing more saturated than others, creating a sense of movement and depth. The figure's limbs are extended, and the overall composition is vertical, mirroring the layout of the text.

Ele esperou ansiosamente enquanto ela contemplava seu pedido. Ela ficou em silêncio por tanto tempo que ele acrescentou:

— Eles usaram o tordo, Erith. Eles colocaram uma ordem falsa em seu nome. Eles querem eliminar todos os Reapers. Ou estão atrás de você.

— Deixe-os vir para mim, então. — Disse ela quando encontrou seu olhar. Cael a tinha visto em sua batalha uma vez antes de saber que ela era a Morte. Ele teve pena de quem se atreveu a enfrentá-la.

Finalmente, ela deu um único aceno de cabeça.

CAPÍTULO SETE

Jordyn pensou que tomar um banho poderia ajudar a refrescar seu corpo, mas não havia como parar o desejo que se assolava como um vulcão dentro dela.

Ela amarrou o robe e passou os dedos pelos cabelos curtos enquanto se olhava no espelho. Um Fae. Ela poderia realmente ter sangue Fae?

Todas as vezes que sua família mencionou os Faes agora adquiriram um novo significado. Baylon tinha certeza de que ela era Fae. Sua convicção então a influenciou.

Olhos brilhantes, uma mistura de verde e azul olhou para ela. Poucas pessoas em sua família tinham seus olhos coloridos. Eles só aconteciam uma vez em cada geração do lado de seu pai. Sua avó os chamava de olhos Fae.

Mas Jordyn sabia como eram os olhos dos Fae. Prata rodeada por uma faixa de prata escura. Aqueles eram olhos Fae. Belos olhos que poderiam fazer seu corpo aquecer com apenas um olhar.

Ela fechou os olhos e abaixou a cabeça enquanto colocava as mãos na pia para se equilibrar. Fazia muito tempo desde que ela aceitou um encontro de alguém.

Os homens sempre se apegavam a ela tão rapidamente antes que qualquer tipo de sentimento pudesse se formar dentro dela. Não havia encontros casuais. Os homens queriam um compromisso algumas vezes antes do primeiro encontro. Jordyn aprendera a preservar a si mesma.

Ela estava agora sentindo por Baylon o que os outros sentiam por ela? Seu estômago revirou com o pensamento.

Ela respirou fundo e abriu os olhos. Então se afastou da pia, abriu a porta e saiu do banheiro, apenas para parar quando viu Baylon em pé no meio do apartamento.

Ele realmente havia retornado. Parte dela nunca esperou vê-lo novamente.

— Você voltou.

— Eu disse que voltaria.

A boca de Jordyn ficou seca quando encontrou o olhar dele. Ela estava tentando se convencer de que Baylon não era tão bonito quanto achava que era. Mas vê-lo novamente confirmou o que ela já sabia.

O Fae era seriamente quente.

— Você tem um indulto. Nenhum de nós está caçando meios-Faes. — Disse ele.

— Isso é bom.

Não era bom. Era ótimo, mas tudo o que ela parecia ser capaz de pensar era em Baylon. Seus beijos e seu toque.

Seus olhos seguraram os dela, recusando-se a deixá-la desviar o olhar.

— Você quer que eu saia?

— Não. — Disse ela com pressa, ansiosa para se certificar de que ele não sairia.

Baylon sorriu então. Aquele meio sorriso, onde apenas um lado da boca levantava, parecia sempre fazer com que o estômago dela vibrasse

— Isso me agrada.

E suas palavras certamente a agradaram.

Ele fechou a distância entre eles, parando diante dela. Ela olhou em seus olhos prateados e se perdeu, flutuando em um mar de prata que prometia um prazer indescritível.

Baylon agarrou os laços do robe com as mãos e puxou. O laço se soltou para que o robe de seda se abaixasse um pouco, ficando presa em seus seios.

A sala flutuou quando seus olhos baixaram e um músculo em sua mandíbula saltou quando ele acariciou com um dedo ao longo da borda do robe ao longo do seu seio.

Jordyn era uma poça de necessidade. A única maneira de permanecer em pé era travando os joelhos.

Seu dedo não parou até chegar à cintura dela. Com deliberada lentidão, ele abriu cada lado do robe até que a roupa estivesse pendurada no lado de fora de seus seios.

— Tão linda. — Ele murmurou.

Então colocou as duas mãos no pescoço dela onde estava o robe. Lentamente, ele empurrou a seda sobre os ombros dela até que caiu em seus braços para afundar em uma poça de seda branca a seus pés.

— Eu sinto que esperei a eternidade para ver você. — Disse ele.

Baylon não estava mentindo. Tudo o que ele estava pensando era tirá-la das roupas para que pudesse ter uma visão desbloqueada de seu corpo incrível.

E era muito incrível. Ela era alta com toda a curvatura sedutora dos Faes. Seus dedos roçaram a curva de sua cintura para descansar no fulgor de seu quadril.

Baylon não conseguia tirar os olhos de seus seios perfeitos. Eles caberiam na palma de sua mão, atrevidos e redondos, com mamilos de um rosa profundo.

Enquanto ele olhava, seu mamilo endureceu, fazendo suas bolas apertarem em resposta. Ele estava tão duro por ela que doía.

Não havia defeito em sua pele macia. Quando seu olhar baixou para seu sexo e viu os pelos loiros escuros aparados em uma faixa estreita de cabelo, sua respiração travou em seu peito.

Incapaz de manter as mãos longe dela, ele passou a mão em volta da cintura dela e arrastou-a contra ele. Suas mãos descansaram em seu peito enquanto ela olhava-o com um pequeno sorriso de excitação.

— Ninguém vai nos incomodar agora.

Ela tocou os lábios dele com o dedo.

— Eu acho que vou gritar se eles fizerem.

— Oh, você vai gritar. Isso eu prometo.

Seus olhos turquesa se arregalaram uma fração.

— Deixe-me vê-lo.

Com um mero pensamento, suas roupas desapareceram.

Jordyn abriu os dedos e deixou as mãos correrem por cima dos ombros largos dele antes de acariciar o abdômen tanquinho até a cintura.

Não havia um pedaço de cabelo na parte superior do corpo, e ela descobriu que gostava disso. Ele ficou parado e deixou olhar e sentir o prazer dela.

Ela não conseguia parar de tocar sua pele quente e sentir seus músculos duros sob suas mãos. Quando ela viu sua grossa excitação projetando-se entre eles, ela suspirou em expectativa.

Mas ela queria explorá-lo primeiro, porque uma vez que o beijasse, se perderia.

Jordyn passou a mão pelo peito dele enquanto andava até as costas. Assim como na frente, cada músculo era definido e moldado em um tendão firme.

Ela adorava sentir os músculos dele se movendo sob as palmas das mãos. Depois de explorar suas costas e braços, ela baixou os olhos para o traseiro dele. Ele tinha uma bunda espetacular.

De repente, Baylon virou-se e puxou-a contra ele antes que sua boca descesse sobre a dela. O beijo se apoderou, capturou.

E seduziu.

Jordyn estava afundando no esquecimento. Ela apertou os braços em volta do pescoço de Baylon para se certificar de que ele estava com ela. Quando respondeu ao beijo dele, ele moeu sua excitação contra ela.

A próxima coisa que sabia, era que estavam deitados em sua cama, afundando no edredom grosso. Seus membros emaranhados enquanto rolavam com selvagem abandono.

Ela precisava se aproximar dele. Irritou-a que a pele deles os separasse. Algo forte e inflexível levou-a para frente, insistindo para que seus corpos se tornassem um só.

Baylon nunca foi tão selvagem com uma fêmea antes. Ele ansiava por ela, como se fosse a própria essência de sua força vital.

Em algum lugar nos recessos sombrios de sua mente, ele sabia que, se fizesse amor com Jordyn, o desastre viria em grandes ondas de dor. Ele sabia com tanta certeza quanto sabia que estar com Jordyn seria como encontrar um pedaço perdido de si mesmo, uma peça que ele não sabia que estava faltando.

Um pedaço que séculos de ser um Reaper havia partido de sua alma. Algo que ele nem tinha percebido até aquele momento.

Com ela em seus braços.

Ele tinha que tê-la. Não havia outra escolha, nenhuma outra opção.

Ela arrancou seus lábios dos dele e gemeu quando ele segurou seu peito e rolou um mamilo entre os dedos. Jordyn estava ofegante, seus quadris balançando contra ele.

Baylon arrastou beijos pelo pescoço até um seio perfeito e um bico túrgido. Ele envolveu seus lábios ao redor e sugou.

— Estou em chamas. — Disse ela com voz rouca, arqueando as costas.

Ele sorriu. Sim, era exatamente assim que ele a queria. Queimando de dentro para fora com o mesmo desejo que sentia.

— Mas eu quero sentir você. — Disse ele beijando o vale entre os seios.

Ele segurou seus braços acima da cabeça com uma das mãos. Baylon levantou a cabeça para olhar para ela. Os lábios de Jordyn estavam inchados e molhados com seus beijos. Seu peito arfava de suas respirações rápidas.

Seu olhar se voltou para seus adoráveis seios e seus mamilos que responderam tão rapidamente ao seu toque. E os lábios.

Ele lentamente passou a mão livre pelo estômago até o sexo dela. Ela respirou fundo, observando-o com a boca entreaberta. Ele parou pouco antes de tocá-la.

— Eu quero sentir tudo de você. — Assim que disse a última palavra, deslizou um dedo dentro dela.

Seus olhos rolaram em sua cabeça e suas costas arquearam. Ela gemeu seu peito se esvaziando quando soltou o fôlego. Baylon não conseguiu resistir. Ele reivindicou seus lábios quando mergulhou seu dedo profundamente em sua bainha apertada.

Ele acrescentou um segundo dedo e interiormente sorriu quando suas pernas se abriram mais para permitir mais acesso. Ele aproveitou a oportunidade provocando seu clitóris com o polegar.

Seu corpo inteiro começou a tremer. Baylon não a fez esperar pelo orgasmo. Ele deu-lhe a liberação que ela procurava. E quando seus olhos se abriram, seus

lábios se separaram em um grito silencioso enquanto suas paredes se fechavam ao redor de seus dedos, ele assistiu tudo com espanto.

Jordyn nunca tinha experimentado um clímax tão violento que se sentisse voando. Mesmo quando os últimos vestígios do orgasmo destruíram seu corpo, os dedos de Baylon estavam se movendo dentro e fora dela.

Seu polegar sacudiu seu clitóris sensível, enviando-a em outro mini clímax.

E tudo o que fez foi fazê-la querer ainda mais.

Jordyn empurrou seu ombro e o rolou de costas. Ela se levantou de joelhos sobre ele. Seus olhos prateados a observavam, desafiando-a a fazer o que quisesse.

Ah, as coisas que ela queria fazer com o Baylon. Temia que pudesse passar a eternidade na cama com ele, e não seria tempo suficiente.

Ela se estabeleceu sobre ele e agarrou seu pênis inchado. Respirando fundo quando ela correu as mãos para cima e para baixo em seu comprimento.

Segurando seu olhar, ela o levou para sua entrada. Assim que sentiu a cabeça inchada de sua excitação, Jordyn se abaixou sobre ele.

Ela jogou a cabeça para trás, seus olhos se fecharam ao sentir que ele a esticava, enchendo-a. Parecia... certo.

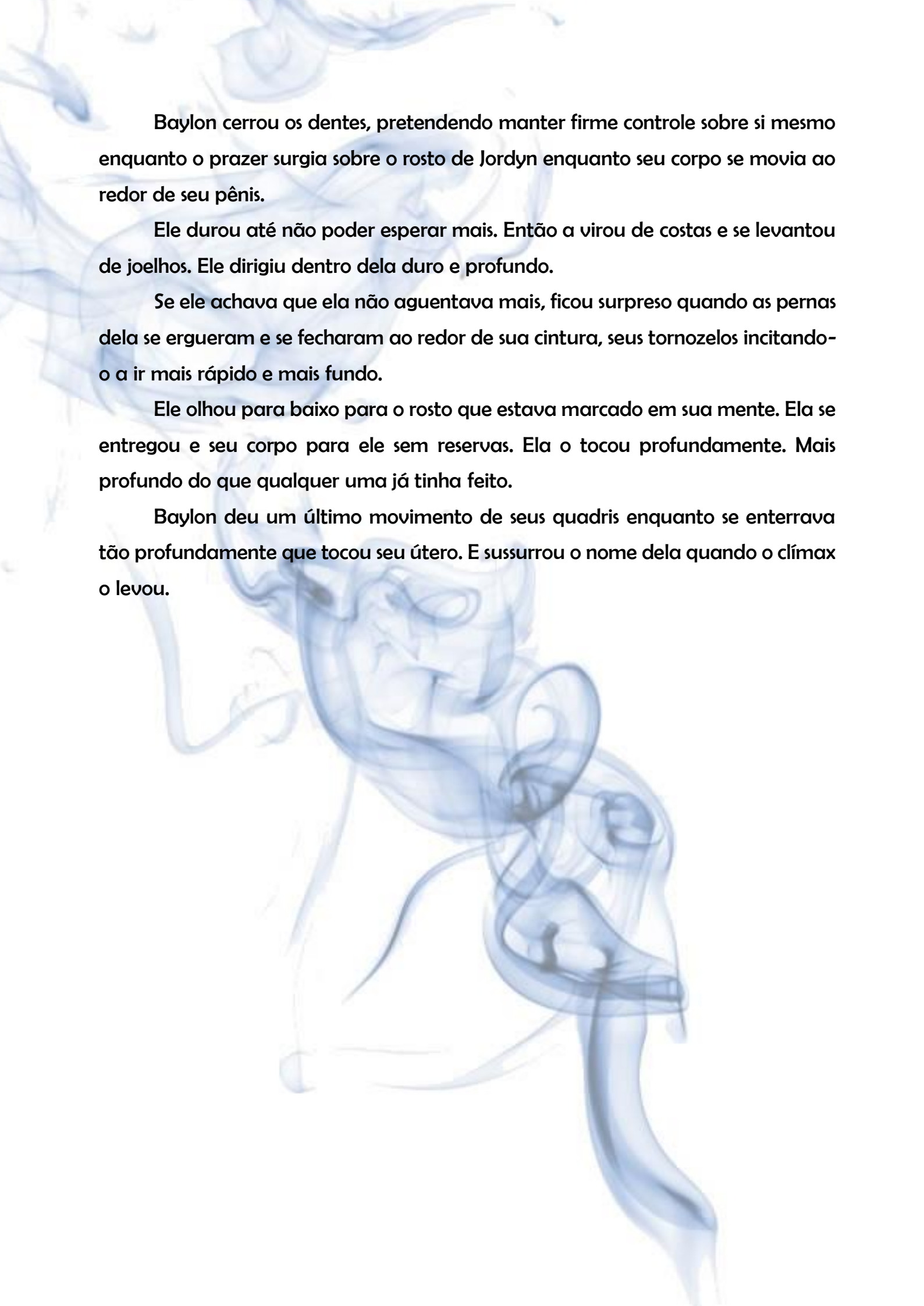
Uma vez que estava totalmente sentada, ela levantou a cabeça e olhou para ele. Um fino brilho de suor cobria sua pele. Suas mãos estavam apoiadas em seus quadris, e o fogo do desejo em seus olhos fez seu coração pular uma batida.

Jordyn começou a balançar para frente e para trás devagar. Quanto mais apertados seus dedos cavaram em seus quadris, mais rápido ela se movia. Ela teve que apoiar as mãos em seu peito em um ponto.

Mas seus olhares nunca se deixaram.

Ela podia sentir o aperto de seu corpo enquanto paixão e prazer reinavam. Sua respiração era dura, seus corpos deslizando um contra o outro sensualmente.

Um gemido passou por seus lábios enquanto seu corpo se apertava mais forte. O clímax a atingiu rapidamente, enviando-a em espiral no esquecimento.



Baylon cerrou os dentes, pretendendo manter firme controle sobre si mesmo enquanto o prazer surgia sobre o rosto de Jordyn enquanto seu corpo se movia ao redor de seu pênis.

Ele durou até não poder esperar mais. Então a virou de costas e se levantou de joelhos. Ele dirigiu dentro dela duro e profundo.

Se ele achava que ela não aguentava mais, ficou surpreso quando as pernas dela se ergueram e se fecharam ao redor de sua cintura, seus tornozelos incitando-o a ir mais rápido e mais fundo.

Ele olhou para baixo para o rosto que estava marcado em sua mente. Ela se entregou e seu corpo para ele sem reservas. Ela o tocou profundamente. Mais profundo do que qualquer uma já tinha feito.

Baylon deu um último movimento de seus quadris enquanto se enterrava tão profundamente que tocou seu útero. E sussurrou o nome dela quando o clímax o levou.

CAPÍTULO OITO

Pela primeira vez, Baylon soube o que era o paraíso, porque estava deitado ao lado dele. Os braços e pernas de Jordyn estavam envoltos nele como se o envolvesse.

Era um lugar de onde nunca mais queria sair.

Mas mesmo quando ele se alegrava com a tranquilidade, sabia que não duraria.

Ela beijou a cabeça dele e passou as mãos pelo cabelo. Baylon fechou os olhos e, pela primeira vez desde que se tornou um Reaper, desejou não ter aceitado a oferta da Morte.

— Onde você esteve toda a minha vida? — Perguntou Jordyn em uma voz aprofundada pelo prazer.

Seu pênis saltou no som sedutor. Ele estava em apuros se o som da voz dela pudesse incitá-lo. Ele se levantou e olhou para ela.

— Se eu soubesse que você estava lá fora, teria começado a procurar por você há milhares de anos.

Seu sorriso era suave e glorioso.

— Essa foi a resposta perfeita.

— É a verdade.

Seu sorriso desapareceu quando uma carranca tomou seu lugar.

— O que é? O que está errado? Um Fae não deveria fazer sexo com um humano? Porque tecnicamente, eu tenho algo Fae em mim.

Como queria puxá-la contra ele e protegê-la de todas as coisas horríveis lá fora. Mas não podia. Ela ia ter que enfrentar tudo isso.

— Não tem nada a ver com você ser humana. — Ele finalmente respondeu. Baylon correu as costas da mão pelo lado dela. — É sobre quem eu sou e o que faço.

— E isso é? — Ela perguntou quando ele fez uma pausa.

Baylon não queria contar a ela. Ele queria continuar fingindo que era um Fae normal e não havia nada lá fora que pudesse destruir o tesouro que encontrara.

Ela pegou o rosto dele entre as mãos e olhou fixamente para ele.

— Conte-me. Eu dou conta disso.

— Você não foi criada como um Fae, então você não teria ouvido falar dos Reapers.

Ela sorriu então quando suas mãos se afastaram.

— Eu sei exatamente o que é um Reaper. Dizem que eles coletam as almas dos mortos.

— No mundo humano, é isso que significa. — Ele a observou enquanto suas palavras afundavam.

— O que o Reaper significa em seu mundo?

— Reapers são Faes que vêm para um Fae que tem crimes para os quais deve responder.

A carranca de Jordyn se aumentou.

— Então os teus Reapers não tomam almas mortas? Eles matam?

Pela forma como ela disse a última parte, ela achou isso abominável.

— Eles matam.

— Bem. Isso é estranho, mas seja o que for. Os Faes têm magia, então eu acho que entendo que as coisas seriam diferentes. — Ela terminou suas palavras com um encolher de ombros e um sorriso. — Aposto que há histórias sobre os Reapers para assustar os Faes.

Ele riu baixinho.

— Tem. Eu as ouvi quando criança.

— O que os Reapers têm a ver com você?

Baylon respirou fundo.

— Não somos impedidos de dizer aos humanos o que fazemos, mas somos proibidos de contar a outros Faes.

— E eu sou um pouco de cada um. — Disse Jordyn com um aceno firme. — Então você não sabe o que me dizer. E o que acontecerá se eles me considerarem um Fae e você me disser?

— Eu serei morto. Como você.

Seus olhos se arregalaram quando ela ficou boquiaberta.

— Você está falando sério.

— Eu estou. Não é para ser levado na brincadeira, Jordyn. — Baylon saiu de cima dela e caiu de costas para olhar para o teto.

Jordyn se moveu em seu lado e se apoiou no cotovelo.

— Então não me diga o que você faz. Eu não tenho que saber.

— Há regras que eu tenho que seguir. — Ele disse em um tom áspero de arrependimento.

Seu peito se contraiu.

— Que regras?

— Não há muitas. — Seu sotaque irlandês se aprofundou. — Temos muito pouco contato com humanos, e é por isso que não importa se eles sabem quem somos. Os Faes, por outro lado, nunca devem descobrir nossos nomes ou rostos.

Quanto mais ele falava, mais sua mente começou a se perguntar se ele era um Reaper.

— Por quê?

— Os Faes são mágicos e vivem muito tempo. Em termos humanos, somos imortais, já que nenhuma arma humana pode nos matar. Então os Faes precisam ter algo a temer.

Jordyn sentiu o peito apertar ainda mais.

— E as outras regras?

— Nenhum relacionamento. De qualquer tipo.

O fato de ele não olhar para ela era como um chute no estômago. Jordyn tentou engolir o nó de emoção em sua garganta.

— Então, isso tem que ser apenas uma coisa de uma vez?

— Sim. — Ele respondeu em uma voz estrangulada.

— Entendo.

Sua cabeça se virou para ela enquanto seus olhos ardiam com alguma emoção sem nome.

— Esse é o problema, você não entende. Eu sabia que nunca deveria ter voltado para você. Eu disse a mim mesmo que era para você saber que por enquanto não está sendo caçada. Então eu a vi de pé naquele robe de seda. — Ele se levantou no cotovelo para encará-la. — Quando se trata de você, eu não tenho controle.

Jordyn sorriu, alívio inundou a dor em seu peito.

— Mas nada disso importa. — Ele terminou.

Seu sorriso morreu instantaneamente.

— Eu posso sentir o que há entre nós, é especial.

— Eu fiz votos. — Seu olhar baixou para a cama. — Eu abri mão de ter uma amante ou esposa ou família. Não pode haver nada que me tire de meus deveres.

Havia algo sobre a maneira como ele dizia deveres que confirmavam que ele era um Reaper. Ela deveria estar chocada que ele saía e matava Faes como tinha feito algumas horas atrás fora de seu prédio, mas esses tipos de Faes eram maus.

Tantas perguntas sacudiram em sua cabeça, mas ela sabia que nunca poderia perguntar a ele. Ninguém poderia saber que ela descobriu que ele era um Reaper. Jordyn nunca iria colocaria sua vida em perigo por causa de sua curiosidade.

Ela não tinha certeza do que trouxe Baylon em sua vida naquele dia, mas ela não se arrependia. Agora ela entendia por que não sentiu nada profundo por nenhum dos homens que tentou namorar. Ela estava esperando por Baylon.

Parecia errado ter um gostinho dele, apenas para saber que era a única vez que ela tinha com ele. Isso a deixou triste e irritada ao mesmo tempo.

Mas ela não lutaria nem discutiria. Não quando não sabia quanto tempo ela tinha com ele.

Jordyn enterrou o grito de frustração e colocou um sorriso quando ele olhou para ela.

— Quanto tempo nós temos?

— Não tempo o suficiente.

Ela se inclinou para frente e o beijou. Seus braços vieram ao redor dela quando ele caiu para trás e a trouxe com ele. Ele já estava duro, e ela ansiava por senti-lo dentro dela mais uma vez.

— Nós não deveríamos. — Ele murmurou entre beijos.

— Eu sei. — Mas ela não conseguia parar de tocá-lo.

Ela passou as mãos pelo peito e ombros dele. Antes que ela percebesse, ela estava de bruços na cama com ele atrás dela.

Ele levantou os quadris e deslizou para dentro dela. Jordyn fechou os olhos em êxtase quando se levantou em suas mãos. Ele se inclinou sobre ela, suas mãos em seus seios, amassando-os enquanto colocava beijos ao longo de suas costas.

A sensação dele entrando e saindo dela era gloriosa. Ela recuou contra ele, trazendo-o mais fundo. Ele gemeu e beliscou seu mamilo.

Jordyn virou a cabeça para o lado e de repente, seus lábios estavam nos dela, beijando-a ao mesmo tempo em que impulsionava o seu quadril. Era erótico, sensual e inacreditável.

Ela desejou ter o poder de parar o tempo para que pudessem ter o tempo que quisessem. Mas, na verdade, uma noite nunca seria suficiente para ela. Cada vez que pensava em Baylon saindo, parecia que alguém apertava seu coração. Então ela parou de pensar nisso e se concentrou no que ele estava fazendo com o corpo dela.

— Eu não posso ter o suficiente de você. — Ele disse asperamente.

Ela girou os quadris, sorrindo quando ele gemeu novamente. — Não pare. Nunca pare de me tocar.

— Eu temo que nunca seja capaz.

Aquelas palavras lhe deram esperança, mas pelo que ela não tinha certeza. Ela se perdeu no prazer, na felicidade que era as mãos e a boca de Baylon em seu corpo.

Ele rodou um dedo ao redor de seu clitóris, fazendo-a estremecer em resposta.

— Sim. — Ele sussurrou. — Eu quero ouvir você gritar de prazer novamente.

— Tudo o que você precisa fazer é me tocar.

Seu peito retumbou em um rosnado. Então ele começou a mergulhar mais fundo, mais forte enquanto provocava seu clitóris inchado.

Ela estava tão perto do pico. Como se soubesse, ele parou por alguns segundos antes de repetir o processo novamente.

Não demorou muito até que ela estivesse ofegante, seu corpo em chamas para a liberação. Ela sentiu os lábios dele no pescoço dela.

— Por favor. — Ela implorou.

— Ainda não. — Ele sussurrou.

Ela choramingou quando ele bateu em seu corpo e a excitou ainda mais. Não foi até que seu corpo estava tremendo, seu sexo inchado e preparado para o orgasmo quando ele disse:

— Agora. Venha para mim agora.

Atendendo a sugestão, seu corpo explodiu.

Jordyn gritou sua liberação, o prazer tão forte que ela sentiu como se estivesse tendo uma experiência fora do corpo.

Então ela sentiu Baylon enchê-la mais uma vez antes dele chegar ao clímax. A sensação dele liberando sua semente dentro dela causou um pico no orgasmo que ela já estava experimentando.

Muito tempo depois, seu corpo finalmente parou de pulsar. Os braços de Baylon se envolveram ao redor dela e a trouxeram contra ele quando ele deitou de lado.

Ele a beijou, segurando-a com força.



Cael não conseguia se lembrar da última vez que ficou tão furioso. Ele retornou a Edimburgo e ao castelo para encontrar os outros esperando por ele. Todos exceto Baylon.

Fintan deu de ombros quando Cael olhou em sua direção.

— Nós não vimos Baylon desde o pub mais cedo.

— Eu tentei chamar por ele. — Disse Talin. — Ele não está respondendo.

Eoghan foi procurá-lo.

Cael se virou para Eoghan, mas o Light Fae olhou para a cidade.

— Devo supor pelo seu silêncio que Baylon não está em perigo?

Eoghan deu um único aceno de cabeça.

Cael ia ter que empurrar mais fundo quando os outros não estivessem por perto. Com Eoghan, ele nunca sabia se o Fae estava sendo silencioso, ou se não queria compartilhar o que sabia.

— O que você descobriu? — Kyran perguntou.

— Muito. — Cael soltou um suspiro. — A Morte não emitiu a ordem.

Pela primeira vez nos milhares de anos que ele conheceu os Reapers, nenhum deles tinha nada a dizer. Eles o encararam com vários graus de alarme e choque.

— Eu suspeito que essa foi minha reação quando falei com a Morte. O fato de que alguém não apenas sabe quem eu sou, mas como a Morte me contata é perturbador.

— Perturbador? — Fintan repetiu com um bufo. — Eu diria que é muito mais do que isso.

Cael olhou para os homens.

— Nós vamos descobrir quem fez isso. O que não está claro é se eles querem nos atacar ou à Morte. Independentemente disso, nós vamos encontrá-los e eliminá-los antes que possam fazer qualquer outra coisa.

— Agora, essa ordem eu posso ansiosamente obedecer. — Afirmou Kyran.

Fintan sorriu.

— Quem quer que seja esse filho da puta não tem ideia do que está vindo para ele.

— Ele ou eles vão descobrir em breve. — Disse Talin.

Cael ficou feliz por seus homens estarem com ele. Embora se sentisse melhor se Baylon estivesse com eles. Eles também podiam usar Daire, mas ele precisava ficar com Rhi.

— Antes de qualquer um de vocês ficar muito animado, não temos a menor ideia de quem é o culpado.

— Nenhum Fae deve saber quem somos. — Disse Kyrán.

Cael enfrentou Talin. O que os outros não sabiam era que Talin estava trabalhando disfarçado no tribunal da Luz, tentando se aproximar da rainha Usaail.

Talin pensou que tivesse mantido seu caso com outro Fae privado, mas Cael o viu com a fêmea. Talin não a tocou, mas foi como olhou para ela que o entregou.

— Por que você está olhando para Talin? — Fintan exigiu.

Talin respirou fundo.

— Aquelas vezes que deixei o grupo? Bem, estava disfarçado na corte de Usaail.

— Agora essa é uma tarefa que eu gostaria. — Disse Kyrán com um sorriso arrogante.

Talin olhou para Cael.

— Ninguém sabe. Eu juro.

Isso é tudo que Cael precisava ouvir. Ele confiava em seus homens implicitamente.

— Todos sabemos como um tribunal pode ser traiçoeiro. Tem alguém lá que te preocupou?

— Várias pessoas. — Disse Talin. — Usaail passa muito tempo longe do castelo enquanto finge ser americana. Ela gosta muito de ser uma estrela de cinema. É uma coisa rara ela estar na corte.

— E quando ela está? — Fintan pressionou.

— Ela passa muito tempo em seu quarto. Há rumores de que ela tem um amante. Eu posso confirmar esse fato.

Eoghan olhou para Cael e levantou uma sobrancelha em questão.

Cael estava igualmente curioso.

— Quem é o amante?

— Essa é a questão. — Disse Talin com uma torção de seus lábios. — Alguns sugeriram que é um Dragon King.

Cael não gostou nada disso.

— Rhi sabe?

— Daire saberia melhor do que eu. — Respondeu Talin.

Kyran cruzou os braços sobre o peito.

— Como podemos ir atrás de alguém se não sabemos quem é? Nós nem sequer temos suspeitos.

— Poderia ser um humano? — Perguntou Fintan.

Eoghan grunhiu e sacudiu a cabeça.

— Eu concordo com Eoghan. — Disse Cael. — Os mortais pensam em Reapers de outra forma. Eles não têm motivos para nos temer. Além disso, seria necessário alguém com magia para enviar a mensagem da Morte.

— Não é como se pudéssemos perguntar aos Reapers. — Disse Kyran.

Eoghan se virou para Cael, seu rosto cheio de pavor.

— Eles estão mortos. A Morte viu isso quando eles tentaram ficar do lado dos Dark Faes durante as Guerras Fae. — Cael disse a ele. Para os outros, explicou:

— Eoghan e eu somos os únicos que sobraram daquele grupo. Além disso. A única maneira de deixarmos de ser Reapers é quando morremos.

Mas Eoghan não parecia convencido.

O que fez Cael começar a pensar no tempo do último grupo de Reapers.

CAPÍTULO NOVE

Jordyn acordou com Baylon entre suas pernas, sua boca em seu sexo. Ela gemeu e agarrou a cabeça dele. Sua língua estava fazendo coisas incríveis e eróticas para ela.

Ela abriu os olhos para ver que ainda estava escuro lá fora. Jordyn tinha lutado para ficar acordada, temendo que adormecesse e acordasse para descobrir que Baylon tinha ido embora.

Mas ele ainda estava com ela. Por que ela não poderia ter alguma magia que lhe desse a capacidade de prolongar o tempo para mantê-los isolados?

Ela suspirou quando sua mente ficou vazia quando o prazer a invadiu. Não era justo que ele tivesse tanto poder sobre o seu corpo. O orgasmo estava se aproximando. Ela tentou mantê-lo longe, mas Baylon não a deixou. Ela gritou seu nome quando chegou ao clímax.

Seu sexo ainda latejava com o orgasmo quando ele empurrou dentro dela. Ela estendeu a mão para ele, amando a sensação de seu peso sobre ela.



Cael mandou Talin, Fintan e Kyran embora para ver o que eles poderiam encontrar sobre qualquer um que tivesse ressentimentos contra os Reapers.

— O que você não está me dizendo? — Perguntou ele a Eoghan quando estavam sozinhos.

— Deixe-o.

Cael sacudiu a cabeça.

— Você sabe que não posso. Por que Baylon não está aqui?

— Ele virá.

— Mas ele não estava aqui onde eu disse para ele estar. — Cael suspirou. — Baylon não desconsidera os pedidos. Se ele não está em perigo, então a minha única outra conclusão é que é uma fêmea.

Quando Eoghan não respondeu, Cael cerrou os dentes. Ele entendeu por que Erith fez todos prometerem nunca ter qualquer tipo de relacionamento, nem mesmo amizades. Os únicos de que podiam depender eram de outros Reapers.

Essas eram as regras que os protegiam. Se os outros soubessem quem são os Reapers, eles poderiam tentar aproveitar ou transformá-los. Seus trabalhos eram difíceis o suficiente sem aquele fardo adicional.

— Dê a ele uma noite. — Disse Eoghan.

Cael olhou para seu velho amigo. Era incomum que Eoghan falasse, e ainda mais raro quando ele pedia alguma coisa.

— Eu preciso ficar preocupado?

Eoghan baixou o olhar para o chão antes de se virar e olhar para a cidade.

Essa era toda a resposta que Cael ia receber, mas era tudo o que precisava. O que quer que Eoghan tenha visto deve ter sido sério.

Era a última coisa que os Reapers precisavam agora. Não era a primeira vez que Cael viu um Reaper tentar abandonar sua promessa.

Bran, um dos primeiros Reapers, havia se apaixonado. Cael e os outros descobriram o relacionamento e exigiram que Bran terminasse. Em vez disso, Bran se voltou contra eles. O resultado foi catastrófico para todos.

Cael rezou para que Baylon fosse inteligente o suficiente para se afastar da fêmea antes que fosse tarde demais. Cael não queria perder outro Reaper.

Sem uma palavra, Cael se velou e pensou em Baylon. Ele foi imediatamente levado para um apartamento em Edimburgo. Cael olhou para todos os livros surpreso quando se virou.

Então ele viu o quarto. Sobre a cama estava Baylon fazendo amor com uma mulher meio-Fae, seus gritos de êxtase enchendo o apartamento.

Cael imediatamente se teletransportou para Daire. Ele ficou surpreso ao encontrar-se em Dreagan, embora tenha levado tudo o que tinha para permanecer velado.

O quarto em que estavam era grande, e sobre a cama jazia a Light Fae, Rhi. Ela estava ilesa, embora ele visse a queimadura em sua camisa que indicava que magia negra foi usada nela.

Daire revelou e soltou um suspiro.

— A magia dos Dragon Kings é poderosa. É muito difícil permanecer aqui velado.

Cael revelou-se e assentiu.

— Os Dragon Kings não ficariam felizes em saber que estivemos aqui. Eles sabem de nós, mas não tivemos motivos para interagir. Talvez devêssemos continuar assim. Eu não os quero como inimigos.

— Absolutamente. — Disse Daire. Ele então olhou para Rhi. — Houve uma batalha envolvendo Ulrik. Eu não o vi enviar a magia para ela, mas só pode ter sido ele. Além disso, a maioria dos Dragon Kings vieram para ver Rhi. Rhys está aqui frequentemente. E quando ele vem, fica por algum tempo.

— Curioso.

— Ela está curada. Não sei por que ainda dorme.

Cael encolheu os ombros distraidamente.

— Só o tempo irá dizer.

— Há mais uma coisa. — Daire olhou para a cama e para a Fae adormecida.

— Rhi teve outro visitante hoje.

Cael levantou uma sobrancelha.

— Quem?

— Um guerreiro chamado Phelan.

— Então os guerreiros ainda estão por aí. E aqueles que controlam seu deus em vez do deus os controlarem. Impressionante.

— Existem vários guerreiros no Castelo MacLeod. — Disse Daire.

Isso era novidade para Cael. Talvez ele precisasse verificar os guerreiros e ver o que estava acontecendo.

— Então, por que ele visitou Rhi?

Daire passou a mão pelo rosto.

— Ele é meio-Fae.

Cael olhou para o decantador de uísque que ele viu na mesa. Depois do dia que teve, ele poderia tomar uma bebida ou duas.

— Eu vim para deixar você saber que temos uma nova ordem, matar cada meio-Fae que encontramos.

— O quê? — Daire exigiu choque fazendo seu rosto afrouxar. — Desde quando matamos humanos?

Cael ergueu a mão para acalmá-lo. — A ordem veio de um mensageiro. Eu questionei as ordens, e os outros se recusaram a executar a ordem. Então falei com a Morte. O novo comando não veio dela.

— Se não veio da Morte, de quem então? — Daire perguntou.

— Essa é a questão. Por mais difícil que seja, permaneça velado aqui e veja se você pode descobrir alguma coisa sobre quem iria querer nos atacar ou a Morte.

Daire deu um aceno de cabeça.

— Certamente. E se Rhi acordar?

— Fique com ela. Não importa o quê.

— Você realmente acha que ela é tão importante?

— A Morte acha, e isso significa que eu também acho.



Jordyn acordou devagar. Por um momento ela não se mexeu, com medo de se encontrar sozinha. Então ela ouviu a respiração de Baylon.

Um segundo depois, ela percebeu que estava de lado, de frente para ele, enquanto ele estava deitado de bruços. Sua perna estava sobre ele enquanto sua mão descansava em sua bunda nua.

Seus olhos se abriram para encontrar a luz do sol entrando pelas janelas. Baylon dormiu, dando-lhe a oportunidade de estudá-lo.

Seu cabelo preto estava despenteado de um jeito que a fez sorrir. Ela começou a pensar que não havia uma parte do Fae que estivesse fora do lugar. E o jeito que ele a fazia se sentir.

Senhor, ele era perigoso para a alma dela.

Seu sorriso desapareceu quando ela pensou em sua noite. Ela perdeu a noção de quantas vezes eles fizeram amor. Jordyn não percebeu que ela era tão devassa. Mas em seus braços, ela se tornou outra pessoa. Como se ele trouxesse o Fae nela.

Jordyn estava confusa com as inúmeras emoções que sentia por Baylon. O pensamento dele saindo a deixou cambaleando tanto que ela não achava que jamais iria endireitar seu mundo novamente.

Então havia o próprio Baylon. Ela não podia estar perto dele e manter as mãos longe dele. Jordyn ouvira falar de casais que se sentiam tão insanamente atraídos pelo outro que nada mais importava. Bem, ela experimentou em primeira mão.

Foi glorioso.

E assustador.

Fome por alguém de tal maneira. Ligou-os em um nível que ela não sabia que existia antes. Então havia o fato de que ele não poderia ter qualquer tipo de relacionamento.

Eles tiveram uma noite juntos. Uma noite a arruinou para qualquer outra pessoa. Não porque Baylon fosse Fae, mas porque ele mexeu com algo dentro dela que estava esperando para ser encontrado.

Nenhum outro macho, humano ou Fae, jamais seria capaz de tocá-la tão profundamente quanto Baylon.

Jordyn retirou lentamente a mão e saiu da cama. Ela saiu do quarto e encontrou seu robe. Depois que o vestiu, foi até a cozinha e começou a preparar o café.

Uma olhada no relógio lhe disse que tinha algumas horas antes de começar a trabalhar. Jordyn bocejou ao descer uma caneca dos armários. Levou uma eternidade para o café ficar pronto.

Ela despejou o líquido fumegante em sua caneca e acrescentou leite e açúcar até o café ficar com uma cor castanha clara. Jordyn tomou um gole e olhou para o quarto onde Baylon ainda dormia.

Uma batida suave a abalou. Ela caminhou até a porta e espiou pelo olho mágico para ver que era de um serviço de entrega. Deveria ser os livros que ela encomendou na semana passada.

Jordyn destrancou a porta e abriu-a.

— Bom dia.

O homem sorriu, mostrando covinhas no rosto bonito.

— Bom dia, senhorita Patterson. Eu tenho uma entrega para você.

— Ótimo. Você pode trazê-los agora.

Ele hesitou e olhou para baixo da escada.

— É que um par de caixas estourou. Eu não tenho certeza do que pertence a você. Você poderia descer e dar uma olhada?

— Os meus são os livros.

— Havia três caixas de livros. — Disse ele. — Eu quero ter certeza de que todos recebam o que pediram. Foi meu erro, e eu realmente não quero ser demitido.

Jordyn suspirou.

— Deixe-me trocar de roupa.

Ela estava se afastando quando o sotaque irlandês a atingiu. Ela ficou tão acostumada a ouvir Baylon a noite toda que quase não o reconheceu.

Seu olhar retornou ao entregador para ver que ele era insanamente bonito. Seu cabelo era loiro e seus olhos verdes. Ela não se incomodou em perguntar a Baylon se Light Faes tinham cabelos e olhos de cores diferentes. Então, novamente, ele poderia estar usando o glamour.

— Algo errado? — Ele perguntou.

Jordyn sorriu e balançou a cabeça.

— É um pouco cedo para as entregas, não é?

Ele deu de ombros e olhou para a prancheta.

— Eu tenho muitas paradas, então eu pensei em começar cedo.

— Olha. — Começou Jordyn, mas suas palavras terminaram quando quatro Dark Faes saíram atrás do motorista.

Um deles jogou uma grande bolha iridescente no motorista, matando-o instantaneamente. Os quatro Faes pisaram em seu corpo e começaram a andar em direção a ela.

Por um momento, Jordyn não conseguiu se mexer. Sua mente não foi capaz de processar o fato que eles estavam ali e vindo direto para ela.

Ela se virou e tentou correr, mas um Fae envolveu seu braço em volta do pescoço, empurrando-a para trás. Jordyn gritou quando seu café derramou em seu braço e ombro, queimando-a através da seda.

— Hora de morrer. — O Fae disse em seu ouvido.

Os outros três estavam ao redor dela com sua magia pronta e sorrisos em seus rostos. Eles iam gostar de matá-la.

Houve um grito alto. Jordyn olhou para o quarto a tempo de ver Baylon se atirar da cama com a espada sobre a cabeça.

Ele cruzou o apartamento em um piscar de olhos antes de matar um dos quatro Faes, mas o que a segurava arrastou-a para fora do apartamento até o corredor. Jordyn tentou agarrar o batente da porta, mas seus dedos não conseguiram segurá-lo. Ela olhou para Baylon observando-o ir de um Fae para o outro, matando-os.

Então ela estava no corredor, o aperto do Fae se tornou letal enquanto ele continuava a arrastá-la. De repente, havia outro homem parado na frente dela. Seus olhos prateados brilharam com fúria dirigida ao Dark Fae. Seu cabelo preto pendia longo e direto para os ombros.

O Light Fae levantou a mão e disse uma palavra que Jordyn não entendeu. O Fae segurando-a gorgolejou como se ele estivesse engasgando. Seu aperto afrouxou e Jordyn tentou fugir.

Mas o Dark Fae se manteve firme mesmo enquanto lutava para respirar.

— Jordyn! — Baylon gritou de dentro do apartamento onde ele matou os dois últimos Faes.

CAPÍTULO DEZ

Jordyn estendeu a mão para Baylon quando o Dark a segurando começou a cair para trás. Não havia nada além de escadas ali, e ela duvidava que pudesse sobreviver à queda.

O Fae que matou seu atacante agarrou a mão dela e a puxou para longe do Dark Fae. Jordyn se virou e o observou cair um lance de degraus, apenas para se desintegrar um segundo depois.

— Jordyn.

Ela virou a cabeça para Baylon e começou a ir até ele, quando notou sua expressão rígida. Jordyn parou ferida por tratá-la dessa maneira.

— Você está ferida. — Disse o Fae.

Jordyn piscou e olhou para ele. Ferida? Sim, seu coração doeu. Foi quando ela percebeu que ele estava segurando o braço ferido onde o café a queimou.

Seu robe estava arruinado, mas não era por isso que ela queria chorar. Foi porque o tempo dela com Baylon acabou. Doeu muito mais do que pensou que doeria.

— Talvez devêssemos levar este assunto para dentro. — Disse o Fae a Baylon.

Baylon assentiu com a cabeça e passou por eles. Jordyn observou-o, sentindo o peito como se seu coração tivesse sido arrancado dela com uma colher.

Ela deixou o Fae guiá-la para dentro de seu apartamento. Ele não a soltou quando fechou a porta atrás deles. O Dark Fae que atacou ela se foi, como foi o entregador. Ela não tinha certeza do que aconteceu com ele, e estava certa de que não queria saber.

— Eu sou Cael. — Disse o Fae quando ele a conduziu para o sofá. Ele deu-lhe um empurrão para se sentar e seguiu-a.

Jordyn estremeceu quando ele gentilmente tirou a seda de suas queimaduras. O material estava começando a se prender em sua pele, e era doloroso tê-lo afastado.

— Sua pele está empolada.

Ela não se incomodou em responder. Nem olhou para o braço dela. Só queria que os dois fossem embora para que ela pudesse começar a pegar os pedaços de sua vida.

Seu olhar estava no chão, olhando para o padrão de seu tapete quando viu um par de botas a frente dela. Baylon. Seu corpo reagiu instantaneamente à sua proximidade.

Cael então colocou a mão sobre a perna dela e deu um tapinha.

— Não é tão ruim quanto eu temia. Não acho que você vá mesmo ficar com uma cicatriz. — Ele disse e se levantou.

Com o canto do olho, Jordyn viu-o ir até a janela. Ela olhou para o braço para encontrar seu robe não mais arruinado. A dor do braço dela estava diminuindo a cada momento. Cael tinha curado ela?

— Obrigada.

— O que diabos aconteceu? — Baylon exigiu de Cael. — Por que eles a atacaram?

Suas perguntas deixaram Jordyn curiosa. Ela levantou a cabeça e olhou para Cael. Seus dedos agarraram o peitoril da janela como se ele preferisse quebrar o vidro a pensar sobre isso.

— Eu não vi você na noite passada. — Disse Cael em resposta.

Baylon fechou os olhos brevemente, se perguntando mais uma vez por que ele não havia deixado Jordyn no meio da noite. Mas então ele sabia a resposta. Ele não foi capaz.

Cael virou a cabeça para Baylon antes de olhar então para Jordyn. Ela levantou-se e tentou se afastar.

— Por favor, fique. — Disse Cael. — Isso envolve você agora.

Baylon não gostou do som disso.

Cael se moveu de modo que ele se recostou contra o peitoril da janela, suas mãos descansando em ambos os lados dele. — Alguém quer os meio-Fae mortos.

— Eu não entendo. — Disse Baylon. — Por quê?

— Estamos tentando descobrir. — O olhar de Cael deslizou para Jordyn. — Há quanto tempo você sabe que é metade Fae?

Ela levantou o queixo e respondeu: — Desde a noite passada.

Cael levantou uma sobrancelha e apontou para o apartamento com a mão.

— No entanto, você está estudando os Fae.

— Eles sempre me interessaram.

— Cael. — Disse Baylon, perdendo rapidamente a paciência.

O líder dos Reapers voltou os olhos para Baylon.

— Alguém assumiu a missão de encontrar humanos meio-Fae e matá-los, se esta manhã for alguma indicação.

Havia algo que Cael não estava dizendo. Baylon não o pressionou desde que sabia que Cael não revelaria nada na frente de Jordyn.

— Se eu vou enfrentar mais Faes, então gostaria de fazer isso com minhas roupas. — Disse Jordyn quando ela ficou de pé. — Eu tenho certeza que vocês rapazes podem se divertir enquanto tomo banho.

Baylon desejou que Cael não estivesse lá para que ele pudesse se juntar a Jordyn no chuveiro. Seu pênis endureceu quando ele imaginou pressioná-la contra a parede com a água correndo sobre eles, sabão permitindo que seus corpos deslizassem contra o outro.

Foi tudo o que Baylon pôde fazer para não seguir Jordyn até o banheiro. Ele olhou por um longo momento para a porta fechada enquanto a água se ligava. Suas poucas horas com Jordyn haviam mudado alguma coisa dentro dele. Ele não conseguia identificar o que era, mas sabia que lutaria até o último suspiro por isso.

Baylon esperou que Cael o pressionasse por perder a reunião. Em vez disso, Cael permaneceu em silêncio. Baylon finalmente olhou para ele.

Cael olhou para ele com um olhar curioso.

— A Morte não nos enviou a ordem para matar os meio-Fae.

— Estou aliviado. Quem fez então?

— É isso que precisamos descobrir. Não está claro se eles estão atacando à Morte ou à nós.

Baylon cruzou os braços sobre o peito.

— Ou ambos.

— Ou ambos. — Cael respondeu com um aceno de cabeça. — Estou mantendo Daire com Rhi. Ela está em Dreagan por enquanto, e ele pode descobrir alguma coisa lá.

— Você realmente quer arrastar os Dragon Kings para isso?

Cael lançou lhe um olhar perturbado.

— Absolutamente não. Espero que nunca saibam que Daire está lá. Mande os outros procurarem qualquer coisa que possa nos ajudar a encontrar quem sabe sobre nós.

— Por que eles atacaram Jordyn? Baylon passou a mão pelo rosto e deixou cair os braços. Ele olhou para a porta, lembrando-se de como seu coração vacilou em seu peito quando ele acordou para encontrar Dark Faes cercanda-a.

— Você os impediu de levá-la embora. Pensamento inteligente colocando esse feitiço nela.

Baylon deu uma pequena sacudida de cabeça.

— Eu fiz isso enquanto ela dormia na noite passada. Senti que algo poderia acontecer. Eu sabia que ela tinha uma chance se um de nós estivesse perto para ajudá-la, mas se o Dark Fae a pegasse, eu nunca a encontraria.

— O que ela é para você?

Ele ainda não estava pronto para contar a Cael, principalmente porque não tinha certeza se poderia admitir o que estava sentindo. Era tudo muito novo, muito cru.

Muito particular.

— Podemos fazer sexo com Faes. — Disse Baylon.

Cael levantou uma sobrancelha negra.

— A Morte preferiria ficar longe dos humanos. Suponho que você tenha percebido que desde que Jordyn é meio-Fae, você estava livre?

— O que eu sabia era que eu não conseguia tirar minhas mãos dela. — Disse Baylon em um sussurro áspero. Ele olhou para o banheiro e virou as costas para ele.

— Eu ia deixá-la esta manhã.

— Você tem certeza sobre isso?

— Eu tenho. Ela também sabia disso.

— Então você acordou com o Dark Fae. — Disse Cael.

Baylon olhou brevemente de lado para ele.

— Em todos os anos que você esteve vivo, mesmo antes de você ser um Reaper, havia algo que você queria tão desesperadamente que estivesse disposto a fazer qualquer coisa por isso?

Houve uma longa pausa. Então Cael respondeu com uma voz em um sussurro:

— Sim.

Agora isso era algo que Baylon nunca esperou que Cael respondesse, muito menos admitisse. Ele olhou para ele sob uma nova luz. Era por isso que Cael ainda tinha que lhe dizer que ele tinha que deixar Jordyn para trás para sempre?

Cael esfregou a mão ao longo de sua mandíbula.

— Eu vim buscá-lo esta manhã. Foi uma surpresa chegar e encontrar Dark Faes atacando Jordyn. Eles a atacaram. E não para levá-la de volta ao seu reino para sexo. Eles a queriam morta.

— Eu sei. — Rasgou Baylon em pedaços que ela esteve tão perto de ser morta.

— Eu deveria ter protegido o apartamento para que eles não pudessem entrar.

— Ela terá que deixar o apartamento eventualmente. — Cael apontou.

Baylon se virou para encontrar seu olhar.

— Ela estará segura se estiver conosco.

— Isso não é possível. Ela não pode saber de nós. Ela é Fae.

— Ela também é humana. — Argumentou Baylon. — A Morte não se importa se dissermos aos humanos.

Cael se afastou da janela e balançou a cabeça.

— Ela é humana ou Fae, Baylon. Você não pode continuar mudando quem ela é para se adequar ao seu propósito.

— Então eu fico com ela.

— Você não pode. — Disse Cael, sua testa franzida profundamente. — Seu lugar é com a gente.

Baylon caminhou para ficar na frente de Cael.

— Eu não vou deixar ela morrer.

— Se você ficar com ela, a Morte vai ver isso como abandono de seus deveres.

— O rosto de Cael era uma máscara de confusão. — Você morrerá. Quem vai protegê-la então?

Baylon ouviu o chuveiro parar.

— Por qualquer motivo, ela foi trazida para a minha vida e eu para a dela. Não importa porque realmente. Tudo que sei é que tenho que protegê-la.

Cael simplesmente olhou para ele, sem emoção em seu rosto.

Então Baylon tentou novamente.

— Ela viveu toda a sua vida como humana. Ela continuará sendo humana. Não é culpa dela ter sangue Fae.

— Isso pode ser dito sobre qualquer mortal com sangue Fae.

— Exatamente. — Disse Baylon com sinceridade. — Não podemos permitir que os Dark Faes matem-os.

Cael olhou para longe e suspirou.

— Mesmo se quiséssemos ajudar, não é nossa missão.

— Não. Nossa missão era matar os Dark Faes que permaneceram em Edimburgo. Eu diria que é uma e a mesma coisa.

Cael riu e girou a cabeça para Baylon.

— Pensamento agradável. Vai funcionar para aqueles em Edimburgo e em todo o Reino Unido, mas os outros em todo o mundo não terão tanta sorte.

— Nós podemos fazer isso, Cael.

— Você está arriscando muito por ela.

Baylon estava disposto a arriscar tudo.

— Sim.

Um momento depois, Jordyn saiu do banheiro com o roupão mais uma vez. Ela não olhou para eles quando entrou em seu quarto e fechou a porta atrás dela.

Baylon queria ir até ela, puxá-la em seus braços e beijá-la até que ela se derretesse contra ele. Ele não gostava de vê-la colocando paredes ao seu redor como se estivesse tentando mantê-lo fora.

Ele a viu claramente na noite passada, e ele se recusava a ter menos. Eles colocaram as almas um do outro nuas. Baylon tentou se afastar, mas era impossível com Jordyn.

Ela tinha um jeito de fazê-lo querer contar tudo. Ele não queria segredos entre eles. Ela tentou esconder sua decepção quando ele não disse que era um Reaper, mas ele tinha visto através do sorriso dela.

— Ela vai ter que deixar sua vida para trás. — Disse Cael.

Baylon balançou a cabeça.

— Não, ela não vai. Precisamos descobrir quem está atrás de nós. A melhor maneira é obter algumas respostas daqueles que tentam matá-la.

— Você acha que ela vai concordar com o seu plano de usá-la como isca?

— Eu não vou saber até perguntar. — Baylon ficou mais ereto quando a porta do quarto se abriu um momento depois.

Jordyn surgiu usando uma camisa rosa pálida, aberta o suficiente para revelar uma camisa branca por baixo e um par de jeans. Seu cabelo loiro curto e escuro ainda estava úmido, e não havia um ponto de maquiagem no rosto.

— Então, qual é o veredicto? — Ela perguntou enquanto colocava as mãos nos bolsos de trás.

Cael sorriu para ela.

— Como você se sente em nos ajudar a pegar quem está atrás de você?

CAPÍTULO ONZE

Jordyn olhou para Cael por um momento antes que seu olhar se voltasse para Baylon. Não era como se ela realmente tivesse escolha. Os Darks estavam vindo por ela, e se houvesse até mesmo um pinga de esperança de que ela pudesse escapar deles, então tinha que ajudar Baylon e Cael.

— Eu acredito que é a coisa certa. — Respondeu ela.

A cabeça de Baylon abaixou quando seu olhar caiu no chão. Uma parte dela esperava, bem na verdade toda ela, que ele veria que poderia ser corajosa, que poderia fazer sua parte.

Certamente ele não achava que sua metade mortal a fazia fraca e covarde.

— Baylon. — Disse Cael.

Baylon levantou a cabeça e olhou diretamente para Jordyn.

— Eu preferiria manter você fora disso, mas para encontrar a verdade, precisamos de você.

Jordyn relaxou quando percebeu que ele não a achava fraca. Só não a queria envolvida. A estava protegendo.

— Não seja muito apressada. — Baylon advertiu.

— Significa se afastar de tudo isso. — Disse ele, apontando para seu apartamento.

Ela olhou para as estantes de livros e todos os livros sobre os Faes. Durante décadas ela estava absorvendo toda e qualquer informação sobre eles. Agora havia dois em pé na frente dela. Se aprendeu tudo ou apenas um pouco, era muito mais do que tinha aprendido antes da noite passada.

Então havia os Darks. Sem Baylon, ela não tinha chance contra eles. Ela poderia ter sangue Fae, mas não possuía mágica ou qualquer coisa que pudesse ser usada para lutar contra os Darks.

Mas não era apenas do lugar onde morava que ela estaria se afastando. De seus amigos. Da sua família.

Cael se inclinou para ela.

— É muito o que pedimos a você.

— Mas a minha outra opção é a Morte. — Ela terminou por ele.

— Entendi. Eu só estou pensando na minha família.

— Quanto menos eles souberem, melhor. — Disse Baylon.

Jordyn olhou para Cael.

— Se os Dark sabem que eu tenho sangue Fae, eles podem encontrar minha família?

Quando Cael deu um único aceno curto, a sala começou a girar. Ela tinha que avisá-los para que soubessem que estavam em perigo.

Jordyn correu até sua bolsa e remexeu procurando por seu celular. Suas mãos tremiam enquanto procurava o número de seus pais. Quando ela estava prestes a pressionar o botão, uma mão cobriu o telefone.

— Onde eles estão? — Perguntou Baylon.

Ela olhou em seus olhos prateados.

— Stonehaven.

Em um piscar de olhos, ele se foi. Jordyn baixou a mão e olhou para Cael que estava de cenho franzido. Ele não estava feliz, mas ela não se importava. Era a família dela.

Os olhos de Cael endureceram uma fração.

— Quanto Baylon lhe contou?

— Ele me contou sobre os Fae, sobre quem eu sou. Ele também mencionou que houve uma guerra iniciada pelos Darks. Se você está se perguntando se ele me disse quem ele é, deixe-me acalmar sua mente. Eu sei que o que ele está fazendo é importante. Eu sei que ele não deve ter nenhum relacionamento e que vai desaparecer em breve.

Por longos momentos, Cael a observou.

— Você teve uma noite e ainda assim olha para ele como se o conhecesse há séculos.

— Porque é isso que parece.

Ela puxou uma cadeira na mesa e sentou-se enquanto respirava instável. Preocupação se instalou como chumbo em seu estômago.

— Eu esperava não encontrá-lo quando acordei esta manhã. Estou agradecida por ele estar aqui, mas sei que quanto mais eu estiver perto dele, mais difícil será deixá-lo ir.

Cael se moveu para o lado oposto da mesa e descansou as mãos no encosto da cadeira.

— Você vai ter que deixá-lo ir. Se ficar com você, ele será executado.

— Eu não vou deixar isso acontecer. — Disse ela e levantou o queixo.

Ela estava colocando uma máscara de valentia que não sentia. Era uma máscara que teria que usar a partir de agora.

Para ela mesma.

Para Baylon.

— Ele disse-lhe outra coisa. — Disse Cael de repente.

Jordyn desviou o olhar. Ela não suportava ter os olhos prateados de Cael, tão parecidos com os de Baylon, observando-a.

— Ele me contou sobre os Fae.

— O quê, especificamente?

Ela esfregou a têmpora enquanto sua perna começava a saltar. Sua mente estava em sua família, não na conversa na noite anterior.

— Ele me disse algumas diferenças no meu mundo e dele.

— Como? — Cael pressionou.

Jordyn bateu a mão na mesa e balançou a cabeça para ele.

— Ele não me contou!

— Mas você descobriu isso. — Cael bufou e balançou a cabeça.

— O que ele disse que fez você juntar tudo?

— Isso importa? A única coisa que você precisa saber é que ele não me contou. E eu não disse a ele que eu juntei as peças.

Cael cerrou os dentes, um músculo saltando em sua mandíbula.

— Há uma razão pela qual nunca compartilhamos nosso segredo com outros Fae, Jordyn. É para nos mantermos seguros. Agora colocou Baylon e você em perigo.

— Eu já estou em perigo. — Disse ela e recostou-se na cadeira.

— Os Darks não têm chance contra a Morte porque é para quem nós reportamos.

Jordyn caiu na cadeira. Ela deveria ter mantido a boca fechada.

— Nada disso é culpa do Baylon. É minha. Ele foi muito cuidadoso em não divulgar nada. Eu queria conhecer as diferenças em nossas culturas. Ele me contou sobre os Reapers. Comecei a suspeitar na noite passada que ele poderia ser um.

— O que confirmou isso?

Ela deu de ombros sem emoção.

— Nada específico. Apenas o jeito que ele agia, as coisas que conhecia. Eu nunca teria perguntado a ele. Se a Morte quiser punir alguém, que seja eu. Baylon é inocente.

— Ele não é inocente. — Disse Cael e passou a mão pelo rosto quando se virou. — Ele sabia que não deveria passar a noite com você.

— Então, nenhum de vocês pode... estar... com outro?

O silêncio se arrastou fazendo Jordyn se perguntar se Cael iria responder.

Então ele disse:

— Nós podemos, mas alguns de nós optamos por não fazer. Os riscos são muito grandes.

— Você quer dizer como se um de vocês desenvolvesse sentimentos por alguém.

— Exatamente. É por isso que ficamos apenas uma vez com uma mulher.

Não uma noite? Mas uma única vez? Interessante.

— Já aconteceu antes?

Cael se virou para ela.

— Sim. E o resultado final foi horrível. Eu deveria estar preocupado com você e Baylon?

Jordyn pensou em Baylon, em como ela precisava do toque dele, em como desejava tê-lo por perto. Havia sentimentos? Oh sim. Ela diria a Cael? De jeito nenhum.

— O sexo foi bom, mas foi só isso. — Jordyn mentiu.

Cael começou a dizer algo quando Baylon apareceu ao lado dele. Jordyn encontrou o olhar de Baylon, esperando que ele lhe dissesse que sua família estava bem.

Mas sua expressão de arrependimento dizia tudo.

Baylon estava ao lado de Jordyn em um instante quando ela começou a hiperventilar. Ele se ajoelhou na frente dela e pegou seu rosto nas mãos.

— Jordyn, olhe para mim. Olhe para mim. É isso aí. Concentre-se em mim.

Ele usou apenas magia suficiente para ajudá-la a se orientar. Embora estivesse tentado, Baylon não tirou sua dor. Ela precisava lidar com o que a vida lhe dera. Isso era verdade para todos os seres, mortais ou imortais.

— Como? — Ela perguntou enquanto as lágrimas se juntavam e derramavam por suas bochechas.

Baylon nunca diria a ela o detalhe hediondo com que o Dark matou sua família. Ele poderia não ser capaz de salvá-la da dor de perdê-los, mas poderia poupá-la dos detalhes.

— Baylon?

Ele olhou em seus olhos turquesa cheios de agonia e remorso. Baylon usou o polegar para enxugar um rastro de lágrimas que não fez nada para impedi-la de chorar.

— Foram os Dark.

— Eles sofreram? — Ela perguntou.

Cael soltou um suspiro severo.

— Foram os Darks, Jordyn. Eles não fazem nada gentilmente.

Quando o rosto dela caiu em suas mãos enquanto chorava lágrimas silenciosas com os ombros tremendo, Baylon a soltou e se levantou.

Ele olhou para Cael e balançou a cabeça para deixar Cael saber que tinha sido uma cena cruel. Essa foi a resposta dos Darks por eles terem parado o ataque esta manhã.

— Precisamos levá-la para longe e criar um plano com os outros. — Disse Cael enquanto olhava ao redor.

— Temos uma chance de descobrir quem está atrás de nós. Precisamos fazer o certo.

Baylon ouviu seu nome sendo dito em sua mente.

— Kyran está chamando por mim.

— Não diga a ele para vir aqui. — Disse Cael às pressas. Ele correu para Jordyn e agarrou seu braço para levantá-la.

— Nós vamos para o Castelo de Edimburgo.

Baylon encontrou o olhar de Jordyn e lhe deu um sorriso que esperava que a confortasse. Assim que ela e Cael desapareceram, Baylon ouviu o movimento do lado de fora de sua porta. Dark Fae.

Como ele queria ficar e lutar contra eles. Mas não era a hora. Baylon se teletransportou para o castelo quando a porta foi atirada das dobradiças.



Bran olhou para o apartamento, seu olhar percorrendo a área. A mulher meio-Fae estava lá. Ele tinha certeza. Ela não tinha mágica, o que significava que um dos Reapers a ajudara a fugir.

— Continue correndo, Cael. Eu vou te pegar em breve. — Ele sussurrou.

Bran gesticulou para o Dark atrás dele. Eles entraram no apartamento quando começaram a procurar qualquer coisa sobre ela. Bran caminhou devagar até as estantes de livros. Um sorriso se formou e cresceu quando ele viu que todos os livros da meio-Fae eram sobre Fae.

Qual dos Reapers a encontrou? Não foi Cael. O bastardo não tinha um pinga de sentimento dentro dele. É o que fazia dele um Reaper perfeito.

Bran esperava que Erith gostasse de ter Cael como líder dos Reapers porque quando ele terminasse com Cael, não restaria nada.

— Aqui, Bran. — Um dos seus homens chamou.

Bran girou e entrou no quarto que cheirava a sexo. Que... interessante. Um Reaper tinha tomado a meio-Fae. Bran suspeitava que Cael não estava nada feliz com isso. Que situação era para Cael e todos os Reapers.

Eles disseram à mulher quem eram desde que ela era humana? Ou eles mantiveram segredo por causa de seu sangue Fae? Isso uniria Cael a nós por um tempo.

— Olhe. — Disse o Dark e apontou para a cama.

Bran se aproximou e viu que parte dos arabescos de ferro da cabeceira da cama estava dobrada.

— O sexo deve ter sido muito bom.

— A magia permanece lá.

Ele deu de ombros e virou-se.

— Nós nunca descobriremos qual dos Reapers estava na cama com a meio-Fae. Não a partir disso, pelo menos.

— Eu pensei que ela estaria aqui. — Outro Dark disse com raiva.

Bran parou e vagorosamente se virou para olhar para o Dark em questão. Ele sorriu.

— Você dizimou toda a sua família um momento atrás. Quanto à fêmea, vamos encontrá-la em breve.

— Mas você disse que ela estaria aqui. — Argumentou o Dark.

Ele não teria ninguém o questionando nunca mais. Bran levantou a mão e enviou uma explosão de magia que evaporou o Dark, onde ele estava de pé.

Bran olhou em volta para o outro Dark.

— Alguém mais quer reclamar sobre a fêmea não estar aqui?

CAPÍTULO DOZE

Em um minuto, Jordyn estava em seu apartamento e no outro ela estava em um castelo, o Castelo de Edimburgo, se ouviu Cael corretamente.

Ela aspirou através de suas lágrimas e girou pela sala à procura de uma janela para que pudesse ver, mas não havia janela. Jordyn envolveu seus braços ao redor de si mesma quando a frieza da realidade afundou em seus ossos.

Chegaria um momento para ela lamentar sua família corretamente, mas agora não era a hora. Agora ela tinha que se concentrar na tarefa em mãos e permanecer viva com as únicas pessoas, ou Faes, que poderiam ajudá-la.

Com grande esforço, forçou sua atenção para longe das antigas pedras do castelo para a sala. Era uma sala de bom tamanho com um teto arqueado.

Tapetes que pareciam tão antigos quanto a própria sala se alinhavam no chão de forma casual que ela achava atraente. Em desacordo com a câmara em si estavam os dois sofás Chesterfield de couro e três cadeiras, todas parecendo desgastadas e completamente confortáveis.

Ela notou que a luz vinha de dezenas e dezenas de velas de todos os tamanhos. Algumas estavam alinhadas ao longo das paredes. Outras estavam no topo das prateleiras e no beiral da enorme lareira. Mas foram as que pararam aparentemente no ar que a fizeram dar uma segunda olhada.

Foi quando ela teve que se lembrar que estava com um Fae.

— Um... Cael? — Disse uma voz masculina atrás dela.

Jordyn se virou e encontrou quatro homens atrás dela. Assim que viu o que tinha cabelo preto e prata e olhos vermelhos, deu um passo para trás. Direto nos braços de Baylon.

— Está tudo bem. — Ele tranquilizou-a em um tom quente e suave.

— Ele é Kyran. É Dark, mas é um amigo.

— Uh, huh. Claro. — Ela murmurou.

Então seu olhar viu o homem com longos cabelos brancos olhando para ela. Seus olhos eram prateados, mas com rodeado de vermelho. Era além de assustador.

Cael fez sinal para ela.

— Essa é Jordyn. Como tenho certeza que vocês deduziram, ela tem sangue Fae. Os Darks estão atrás dela, e é por isso que está aqui. Ela vai agir como isca para nos ajudar a determinar quem estamos enfrentando.

— A Morte não vai ficar feliz com isso. — Disse o maior com cabelos negros na altura dos ombros e olhos prateados.

As narinas de Cael se alargaram. Ele então virou a cabeça para ele.

— Esses são os homens que vão ajudar a proteger você. Este é Kyran, como Baylon já apontou. Ao lado dele está Talin, que não sabe quando ficar de boca fechada.

Jordyn apertou os lábios para não rir quando Talin olhou para Cael como se tivesse perdido a cabeça. Atrás dela, Baylon riu.

— Descendo a linha, temos Fintan. Se você ainda não adivinhou por seus olhos avermelhados, ele também é Dark.

Fintan virou seus olhos incomuns para ela.

— Todos nós temos nossos passados.

Cael o ignorou e apontou para o último homem que estava ligeiramente afastado.

— O silencioso é Eoghan. Não fique chateada se ele não falar, porque ele não fala com nenhum de nós.

Eoghan a observou com curiosidade. Ela lançou-lhe um sorriso e, para seu choque, ergueu os lábios no que devia ser a sua ideia de sorriso.

— O único que falta é Daire. — Disse Baylon ao se aproximar dela. — Ele está em outra missão.

Jordyn achou mais do que um pouco desconfortável ter seis pares de olhos focados inteiramente nela. Ela limpou a garganta e balançou para trás em seus calcanhares.

— Assim. O que eu faço?

— Nada. — Cael afundou em uma das cadeiras Chesterfield e descansou seus braços nos braços arredondados.

Baylon fez sinal para ela segui-lo até um sofá.

Jordyn o seguiu, seu caminho levando-a entre Talin e Fintan.

Baylon sentou-se na beira do sofá, com os braços nos joelhos.

— Os Darks chegaram quando estávamos saindo.

— Eu sei. — Disse Cael.

— Eu também pensei em colocar nosso plano em ação naquele momento, mas não estávamos prontos. Precisamos de todos os seis de nós, não só você e eu, se houver uma pequena chance de Jordyn sair disso viva.

Ela ergueu as sobrancelhas à escolha de palavras de Cael. Não era como se não conhecesse o perigo, mas ele disse como se fosse uma ocorrência diária. E talvez para eles fosse.

Jordyn sentou-se ao lado de Baylon. Um momento depois, Eoghan afundou no outro lado dela. Ela olhou para o Reaper silencioso para encontrá-lo olhando para ela.

Fintan se reclinou no outro sofá enquanto Talin e Kyran se sentaram nas cadeiras restantes. Todos pareciam tão perturbados por sua aparência quanto ela por estar lá.

— Eles vieram por Jordyn esta manhã. — Explicou Baylon. — Cael e eu fomos capazes de despachá-los.

Fintan olhou para ela enquanto inclinava a cabeça para o lado.

— Por que eles não a teletransportaram?

— Eu me certifiquei de que eles não pudessem.

As palavras de Baylon fizeram os outros olharem para ele com mistura de descrença e alarme. Todos, exceto por Talin, cujo olhar estava no chão.

Kyran cruzou o tornozelo sobre o joelho.

— Quanto ela sabe?

— Nada. — Respondeu Baylon.

Foi Cael quem disse:

— Isso não é verdade.

Jordyn virou quando o olhar de Baylon deslizou para ela. Ela olhou para ele e encolheu os ombros.

— Eu juntei tudo.

O rosto de Baylon caiu. Ele levantou-se e passou as mãos pelo cabelo.

— Merda.

— Eu não vou contar a ninguém. — Ela assegurou enquanto se levantava.

— Eu não ia deixar você saber que percebi isso. Eu juro.

Fintan riu então.

— Eu vou ser amaldiçoado. Agora sabemos porque Baylon perdeu a nossa reunião na noite passada.

— O fato é que — a voz de Cael soou através da câmara — nós temos inimigos. Precisamos saber quem são e o que estão procurando exatamente. O sangue Fae em Jordyn faz dela uma prioridade desde que o Dark a escolheu.

Talin apontou para Jordyn e disse:

— Ela é Fae ou humana? Porque um Fae não pode saber de nós.

Jordyn se jogou no sofá e soltou um suspiro. Ela fazia parte dos dois mundos, mas qual ditava sua vida? Se ela fosse Fae, os Reapers poderiam protegê-la. Mas se ela era Fae, não poderia saber deles.

— Ninguém disse a ela. — Disse Cael. — Ela adivinhou. Porque é humana, eu confirmei sua suspeita.

Os olhos de Baylon estavam perturbados.

— E quando isso acabar? Digamos que ganhemos e descobrimos quem está atrás de nós e acabamos com eles. Nós salvamos Jordyn. O quê então? Ela deixou para trás seu mundo, Cael. Ela não pode simplesmente aparecer.

— Isso será tratado mais tarde.

Jordyn não gostou da resposta de Cael. Ela voltou os olhos para ele, deixando-o ver seu descontentamento.

— Se essa resposta significa que você vai me matar mais tarde, eu prefiro que você faça isso agora.

Os olhos de Cael ficaram frios.

— Você está me dizendo que não ficaria para ajudar a salvar a vida de Baylon?

— Cael. — Disse Baylon numa voz perigosa.

Nem ela nem Cael prestaram atenção a mais ninguém na sala. Ela sabia o que Cael estava perguntando, e ela o odiava por isso. Porque havia apenas uma resposta.

O pensamento de que ela poderia passar dias, semanas ou até meses com o grupo enquanto se colocava como isca e estar tão perto de Baylon era excitante e assustador. Mas principalmente emocionante porque ela estaria com Baylon.

No entanto, não era justo poder conhecer Baylon em tal nível, apenas para perceber que ela poderia ser morta por descobrir todos os seus segredos.

A sala estava totalmente silenciosa. Ela não podia ouvir ninguém respirando quando ela e Cael se entreolharam. Ao lado dela, Jordyn podia sentir os olhos de Baylon nela.

Ela queria jogar os braços em volta de Baylon e fazer com que ele a abraçasse. Lágrimas ameaçaram novamente quando ela se lembrou que agora estava totalmente sozinha. Toda a sua família estava morta, massacrada pelos Darks.

— Você sabe que eu vou. — Ela respondeu a Cael.

Toda a tensão na sala diminuiu imediatamente quando Cael relaxou mais uma vez.

— Não há Fae que saiba o que estou prestes a lhe dizer. Nós mantemos isso de todos os Fae porque ninguém pode saber nossos nomes ou nossos rostos. Somos uma história contada para assustar.

Jordyn sentiu o sofá ao lado dela afundar quando Baylon se sentou. Ele não parou de olhar para ela ainda, e ela estava com medo de olhar para ele. Com medo de que ela lhe dissesse que não poderia enfrentar o dia seguinte sem ele ao seu lado.

— Nós somos Reapers. — Continuou Cael.

— Nós não coletamos as almas dos humanos. Somos enviados pela Morte para caçar e matar Faes por seus crimes.

Ela ficou confusa com isso.

— Então você não elimina todos os Dark Fae?

Cael apontou para Kyran e Fintan.

— A Morte escolheu cada um de nós, Dark e Light, por um motivo. Não pode haver Luz sem Escuridão nem Escuridão sem Luz. A responsabilidade da Morte é manter o equilíbrio.

— Mas os Darks são maus.

— E há Light Faes que fazem coisas ruins. Isso significa que deveríamos matá-los? — Perguntou Cael.

Para Jordyn, as coisas eram no preto e branco. Ela não conseguia entender como é que os Dark Fae eram autorizados a viver.

— Assim como nunca iremos atrás de Taraeth, o Rei das Trevas. — Disse Cael.

— Ele foi o único que orquestrou o ataque à sua cidade recentemente.

Ela ficou boquiaberta, agora verdadeiramente confusa.

— Ele faz o mal.

— Ele é Dark. — Disse Fintan. — É claro que ele faz o mal.

Jordyn sacudiu a cabeça, perplexa.

— Você não vai atrás do Fae mau?

Cael inclinou a cabeça em reconhecimento.

— Isso significa que nós vamos atrás tanto de Light Fae quanto de Dark. É também por isso que é tão imperativo que nossas identidades permaneçam ocultas. O mesmo para a Morte.

— A Morte tem um nome? — Ela perguntou surpresa.

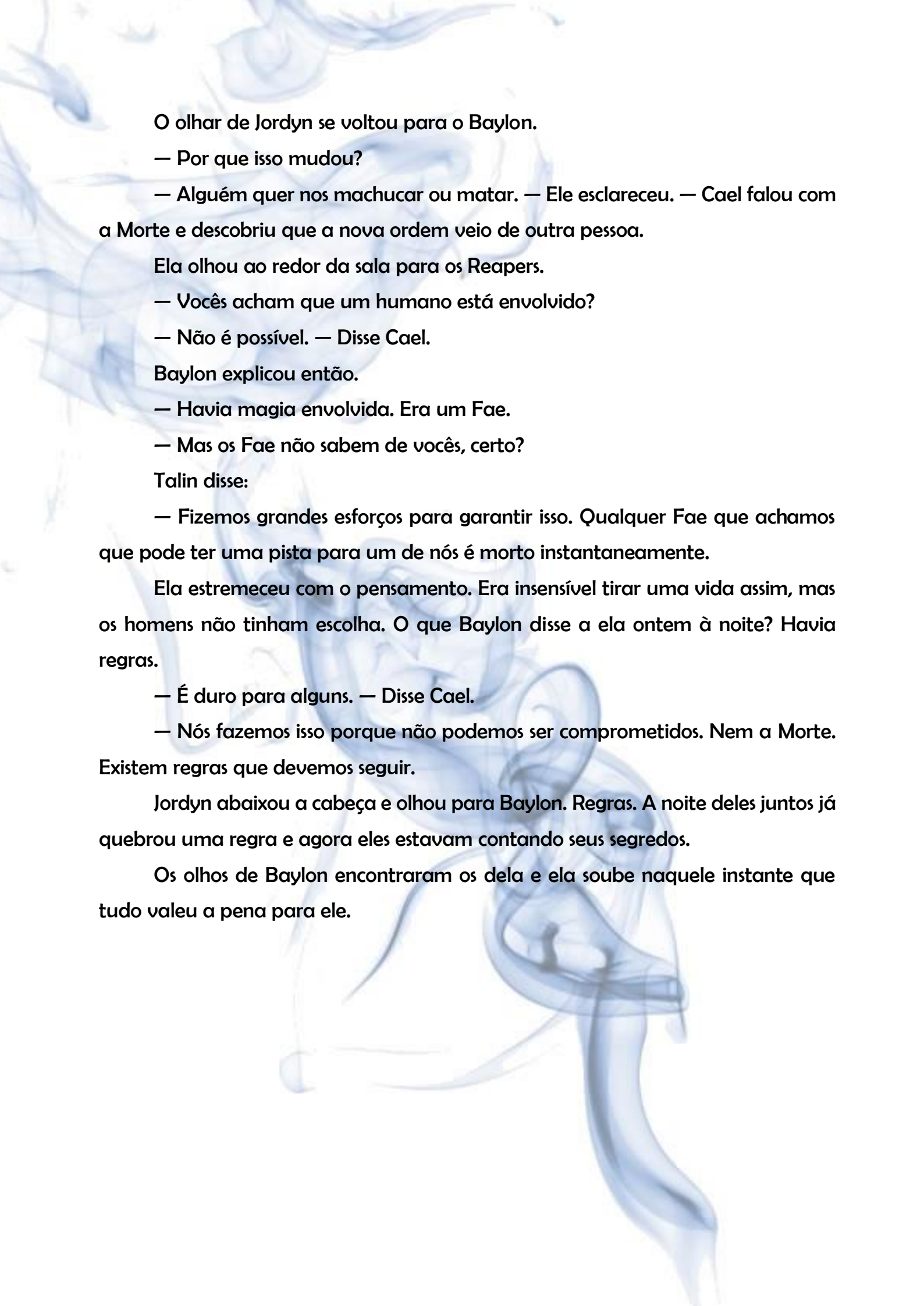
— Claro. — Talin respondeu como se todo mundo soubesse disso.

Kyran pegou onde Cael parou.

— Nós só recebemos ordens da Morte.

— Nós nunca caçamos humanos de qualquer maneira. — Disse Fintan.

— Até ontem.



O olhar de Jordyn se voltou para o Baylon.

— Por que isso mudou?

— Alguém quer nos machucar ou matar. — Ele esclareceu. — Cael falou com a Morte e descobriu que a nova ordem veio de outra pessoa.

Ela olhou ao redor da sala para os Reapers.

— Vocês acham que um humano está envolvido?

— Não é possível. — Disse Cael.

Baylon explicou então.

— Havia magia envolvida. Era um Fae.

— Mas os Fae não sabem de vocês, certo?

Talin disse:

— Fizemos grandes esforços para garantir isso. Qualquer Fae que achamos que pode ter uma pista para um de nós é morto instantaneamente.

Ela estremeceu com o pensamento. Era insensível tirar uma vida assim, mas os homens não tinham escolha. O que Baylon disse a ela ontem à noite? Havia regras.

— É duro para alguns. — Disse Cael.

— Nós fazemos isso porque não podemos ser comprometidos. Nem a Morte. Existem regras que devemos seguir.

Jordyn abaixou a cabeça e olhou para Baylon. Regras. A noite deles juntos já quebrou uma regra e agora eles estavam contando seus segredos.

Os olhos de Baylon encontraram os dela e ela soube naquele instante que tudo valeu a pena para ele.

CAPÍTULO TREZE

Baylon queria como o inferno que ele estivesse sozinho com Jordyn. Ele ansiava por tê-la debaixo dele, em cima dele ou como ela quisesse, contanto que ele estivesse dentro dela.

Ele não tinha sido capaz de respirar normalmente desde que ela admitiu para Cael que estava ficando para ajudar, como se sua vida não importasse.

Ela não entendia que ela era uma pessoa importante? Ele não era um dos primeiros Reapers, e ele sabia que haveria mais depois dele.

Sentara-se tão perto de Jordyn que suas pernas se tocaram e seus braços roçaram um no outro, mas não ser capaz de puxá-la em seus braços era puro tormento.

Seus olhos ainda estavam vermelhos das lágrimas que ela derramou em seu apartamento. O fato de que ela foi capaz de empurrar a dor de lado, por um momento confundiu sua mente. Ele sabia que ela ainda estava agonizando por perder sua família.

Os outros sabiam que ele a levaria para a cama. E ele estava feliz por isso. Isso era uma coisa que não teria mais que esconder.

Baylon não tinha certeza se poderia esconder sua ânsia por ela, a necessidade que o arranhava e rasgava para declarar Jordyn como dele. Seria uma sentença de Morte, mas viver sem ela... Isso também era uma sentença de Morte.

Ele esfregou o dedo mindinho contra o dela e viu um leve sorriso. Jordyn não tinha ideia do que essa reação simples lhe causara. Isso aliviou sua preocupação por uma fração, mas também o deixou orgulhoso.

— Agora que Jordyn conhece nosso segredo, podemos planejar como vamos encontrar esses filhos da puta? — Kyran perguntou.

Cael pegou o olhar de Baylon.

— Eles foram à procura de Jordyn em seu apartamento. Eles vão para lugares que ela frequenta agora.

— Eles não vão descobrir que estou com você? — Ela perguntou.

Isso deu uma pausa em Baylon.

— Se eles sabem de nós, então é seguro dizer que sabem que a manteríamos protegida.

— Esse é um bom ponto. — Disse Fintan.

Talin assentiu.

— Precisamos assumir que eles vão conhecer todos os nossos movimentos.

— Eles não sabem deste lugar. — Disse Cael.

Baylon viu a careta de Eoghan.

— O que é? — Perguntou ele a Eoghan.

O Fae balançou a cabeça uma vez, embora ele e Cael trocassem um olhar silencioso.

Cael apertou os lábios em irritação quando desviou o olhar.

— Há um lugar de encontro que eu não mudei depois que os últimos Reapers foram mortos.

— Onde? — Kyrán perguntou.

— Está bem aqui em Edimburgo. Abaixo da biblioteca.

Baylon agora entendia por que Eoghan estava preocupado. Se o inimigo deles soubesse daquele local de encontro, tudo o que eles precisavam fazer era procurar outros lugares na cidade.

— Espere. — Disse Jordyn. — Havia outros Reapers? E eles foram mortos? Por quê?

Houve uma batida de silêncio enquanto cada Reaper pensava sobre os que estavam diante deles. Era uma história contada apenas uma vez, mas isso foi tudo o que era necessário.

— Eu fui o sétimo Reaper do último grupo. — Disse Cael. — Eu fui trazido por último. Mais jovem do grupo. Havia três Darks e quatro Light. As mesmas regras que temos agora foram aplicadas então.

Cael parou por um momento.

— Por milhares de anos aceitamos o comando da Morte.

— Enquanto estávamos sendo traídos por um dos nossos. — Disse Eoghan.

A cabeça de Jordyn se virou para ele. Até Baylon ficou surpreso ao ouvir a voz de Eoghan algo a ver com o tempo.

Os olhos de Cael se tornaram distantes.

— Sim. Um deles nos enganou. Ele disse a alguns poderosos Fae quem era. Eles lhe deram coisas em troca de favores, como não matá-lo ou eliminar um rival.

Baylon sabia o quanto era importante que os sete confiassem uns nos outros. Quão difícil deve ter sido para Eoghan e Cael sentirem tal traição quando souberam da verdade.

— Por mais horrível que tenha sido. — Continuou Cael. — Outro de nós se apaixonou. Nosso líder na época tentou acabar com isso. Durante algum tempo, dissemos que o caso terminara, mas era tudo mentira. Ele a escolheu, dizendo quem era porque acreditava que poderia tê-la e ser um Reaper.

Este era o jeito de Cael lembrar Baylon do que nunca poderia ter. Como se Baylon precisasse desse lembrete. Ele sabia muito bem o que o futuro reservava.

Jordyn se virou para Baylon quando Cael parou de falar.

— E...? — Ela perguntou com expectativa.

Baylon olhou para Cael, que estava olhando para o chão, perdido no passado. Até mesmo os pensamentos de Eoghan se voltaram para dentro. Baylon teria que terminar a história.

— Estes sete foram os primeiros Reapers. A Morte deu tempo àqueles Reapers para consertar seus erros. — Disse Baylon.

Os olhos de Jordyn se arregalaram.

— Você quer dizer matar aqueles que sabiam.

— Sim. Quando não o fizeram, a Morte matou todos os Faes que foram informados.

Fintan então acrescentou:

— O Reaper que manteve sua amante secreta ficou louco quando soube de sua Morte. Ele e o outro Reaper que enganou o grupo juntaram forças e trouxeram os outros Reapers para seu lado.

— Foram três contra quatro. — Disse Kyran.

— Cael e Eoghan deveriam ter vencido, mas seu líder tentou uma abordagem pacífica ao invés da batalha. Os outros o mataram primeiro.

Baylon olhou para Eoghan para encontrar a cabeça virada, a mão em punho.

— Então foram três contra três. — Disse Talin. — Amigos contra amigos.

Baylon pegou a mão de Jordyn enquanto seu olhar se movia para ele.

— Eoghan e Cael foram ambos feridos. O Reaper que estava com eles foi morto. Antes que Cael ou Eoghan pudesse terminar a batalha, a Morte chegou e levou os traidores.

— E os matou? — Perguntou Jordyn.

Baylon assentiu.

O olhar de Jordyn se voltou para Eoghan e Cael

— Eles tiveram o que mereciam.

Baylon ficou surpreso quando ela colocou uma mão reconfortante no braço de Eoghan. Eoghan não olhou para ela, mas não se afastou também. Quando Baylon olhou seus amigos, ele viu que eles estavam tão surpresos quanto ele.

Cael respirou fundo e cruzou os braços sobre o peito.

— Vamos ver o quão bem nosso inimigo nos conhece. Nós não visitamos nenhum dos lugares habituais. Nós não vamos a lugar algum sozinhos.

— Como você propõe enganá-los? — Kyran perguntou.

Cael lançou-lhe um olhar.

— Este novo inimigo acha que nos conhece. Nós vamos provar que não.

— Não no início. — Disse Baylon. — Nós os deixaremos pensar que nos encurralaram.

Fintan se sentou no sofá e inclinou a cabeça para o lado.

— Eu gosto disso. Mas você percebe que vai colocar Jordyn em perigo?

— Eu já estou em perigo. — Disse ela com um sorriso quando soltou a mão de Eoghan e se virou para Fintan.

— Eu confio em todos vocês.

— Isso é muito corajoso ou muito tolo. — Disse Talin.

Baylon encontrou o olhar de Jordyn e viu seu aceno de aceitação. Ele então olhou para Cael.

— Nós vamos a um dos lugares que eles estão nos esperando e prepararemos a armadilha.

O sorriso de Cael era frio e cruel.

— Vamos começar a planejar então?

Nas próximas horas, planejaram todos os detalhes. Eoghan usou sua magia e fez um modelo da cidade em pequena escala. Uma mesa apareceu para colocá-la com todos os seis em pé ao redor dela.

— Haverá mais de um Dark depois de Jordyn. — Disse Fintan.

Os lábios de Cael se achataram quando olhou para a maquete da cidade.

— Eles vão tentar matá-la, mas também podem ir atrás de nós também.

— E quanto aos outros meio-Fae? — Kyran perguntou de repente.

Baylon estava tão focado em Jordyn que nem sequer pensara nos outros. Pelo olhar de Cael, nem ele. Nenhum deles tinha.

Cael deu um aceno de cabeça.

— Se você sabe onde outros meio-Fae estão, visite-os agora, leve-os a um lugar seguro e, em seguida, retorne imediatamente.

Fintan, Kyran, Talin e Eoghan se teletransportaram em um piscar de olhos. Baylon olhou para Jordyn para encontrá-la dormindo no sofá atrás dele.

— Eu preciso de você para encontrar um guerreiro chamado Phelan. — Disse Cael.

Baylon sacudiu a cabeça ao redor.

— Um guerreiro?

— Daire encontrou-o em Dreagan. Ele conhece Rhi.

— Ele tem sangue Fae?

Cael assentiu.

— Não deixe que ele te veja, mas verifique-o. Ele tem um chalé escondido.

Baylon se velou e teletransportou para longe. Levou mais tempo do que ele gostaria para encontrar o chalé perto do lago. Pequenos flocos de neve começaram a cair.

Ele caminhou até a cabana e sentiu a magia em torno dela. Magia Druida. A porta da cabana se abriu e um homem alto, com longos cabelos escuros e olhos azuis cinzentos, apareceu imponente na varanda.

— Quem está aí fora? — Perguntou ele.

Um segundo depois, uma mulher de olhos castanhos e longos cabelos pretos ondulados se juntou a ele.

— Algo tocou a barreira.

Baylon observou o casal por um momento antes de chegar a uma conclusão. Se Phelan era meio Fae, então, é claro, ele sentiria Baylon. Quanto mais tempo Baylon permanecesse em silêncio, mais zangado Phelan ficaria. Então, Baylon ficou velado e disse:

— Eu sou um amigo.

— Então mostre-se. — Phelan disse com firmeza. Ele libertou seu deus, sua pele se tornando ouro e garras douradas escuras brotando de seus dedos. Phelan afastou os lábios para mostrar presas e rosnou enquanto procurava pela área.

Baylon sorriu, gostando de Phelan imediatamente.

— Eu não posso.

— Sotaque irlandês. — Disse a mulher. — Um Fae.

— Que pode permanecer velado por muito tempo. — Afirmou Phelan.

Havia algo diferente sobre o druida. Baylon não conseguia apontar o dedo, mas a magia dentro dele era mais forte do que um druida deveria ter.

— Eu sou um Fae. Eu venho porque você está em perigo. Há uma ameaça lá fora, que está procurando por qualquer humano com sangue Fae e matando-os.

— Isso não tem nada a ver comigo.

Baylon suspirou alto. Levaria mais que meras palavras para convencer o guerreiro.

— Eu estava protegendo uma humana com sangue Fae. Um grupo de Dark veio atrás dela mais cedo e não para levá-la embora. Eles tentaram matá-la.

— Quem é você? — Perguntou o druida.

Baylon sabia que, mantendo sua identidade secreta, estava tornando mais difícil para o casal, mas ele não tinha escolha.

— Eu não posso dizer. Eu só deveria verificar se Phelan ainda estava vivo, não avisá-lo do que estava por vir.

— Eu posso cuidar de mim. — Disse Phelan e desceu os poucos degraus da varanda.

— Suas palavras podem ser falsas.

— Mas elas não são.

Os olhos de guerreiro de ouro de Phelan se estreitaram.

— Como você me conhece?

— Muito por acaso. Nós temos um conhecido mútuo. Rhi.

Phelan bufou, seus lábios se curvando em um sorriso de escárnio.

— Rhi nunca teria dito nada.

— Você está certo. Ela não fez. Eu entendo que ela está protegendo sua herança com cuidado, mas ela não é a única que sabe, não é?

Phelan olhou por cima do ombro para a mulher. Ela franziu a testa e se moveu para a borda da varanda.

— Aisley? — Perguntou Phelan.

Baylon arquivou o nome da druida. Ele queria saber mais sobre ela e por quê sua magia era diferente, mas isso viria depois. Havia assuntos mais prementes à mão.

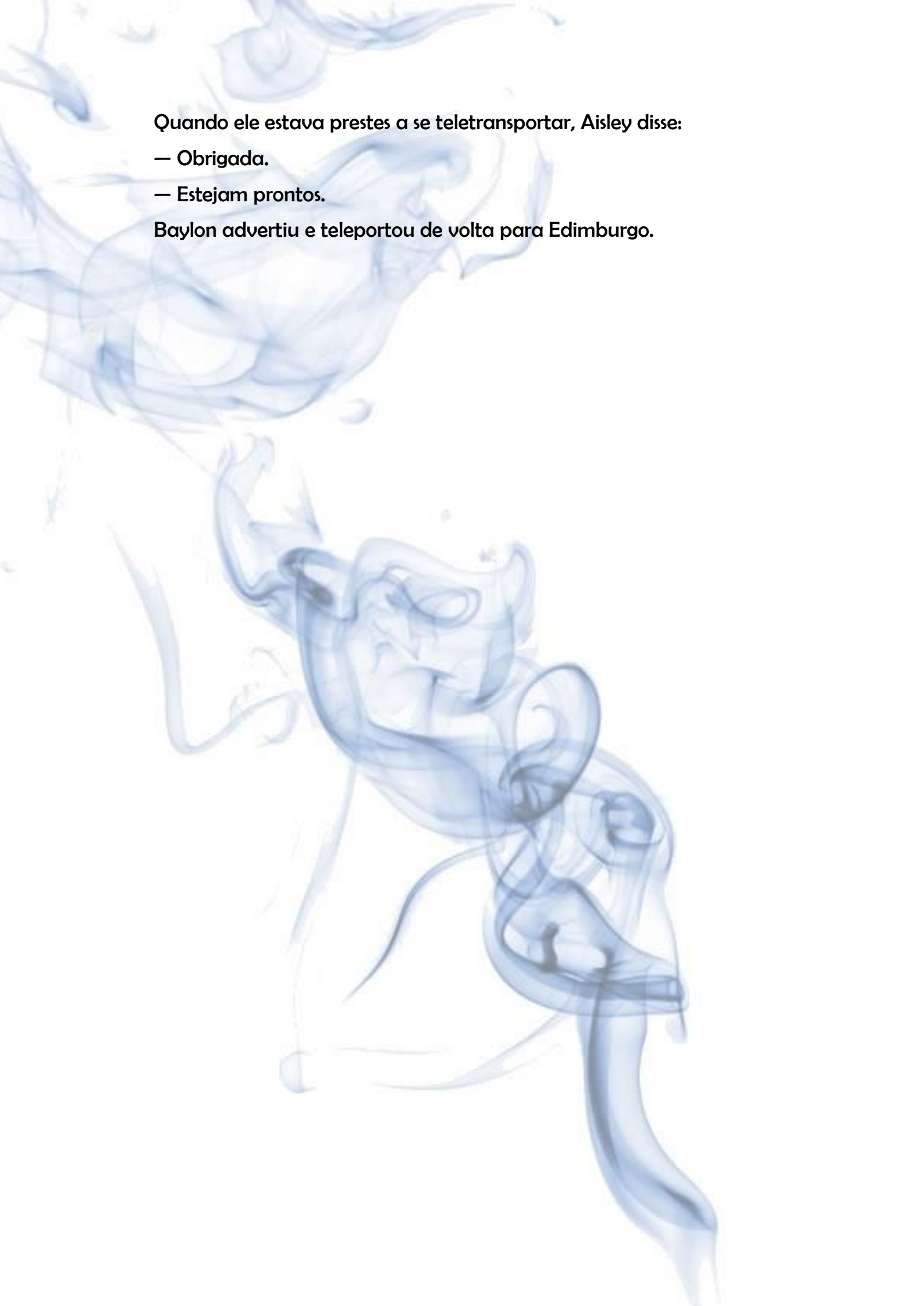
— A mulher que eu protegi teve toda a sua família abatida quando não conseguiram chegar até ela. Você deveria se preparar.

— Deixe-os tentar. — Phelan disse quando se virou.

— Nós não vamos cair facilmente.

— Não, você não vai.

E Baylon estava feliz por isso.



Quando ele estava prestes a se teletransportar, Aisley disse:

— Obrigada.

— Estejam prontos.

Baylon advertiu e teleportou de volta para Edimburgo.

CAPÍTULO QUATORZE

Bran estava no quarto embaixo da biblioteca de Edimburgo. Parecia há eras atrás que tinha sido um dos seus lugares favoritos para se encontrar com os outros Reapers.

Ele ergueu a bola de luz mais alto para poder ver mais da sala. Pelas teias de aranha e poeira, Cael havia mudado de lugar.

Não era surpreendente. Nem ficou chocado ao saber que Cael havia assumido como líder. Eoghan era muito... quebrado para liderar. Mas Cael prosperou nisso.

Bran esperava pegar os Reapers aqui. Cael e os outros não tinham ideia de quem estava atrás deles, então não teriam tempo de trocar de local.

Cael manteria um lugar em Edimburgo. É apenas o tipo de Fae que ele era. Ele iria manter as raízes dos Reapers, apenas mudaria.

Bran sacudiu a cabeça enquanto ria. Cael era tão previsível. Ele se achava inteligente e forte. Cael virou as costas para ele quando Bran mais precisava dele, e por isso Cael pagaria.

Raiva queimou dentro de Bran. Levou muito mais tempo para sair do Submundo. Mas ele estava de volta.

E ele iria liberar o inferno.



Baylon voltou para a câmara a tempo de ver Eoghan cobrir Jordyn com um cobertor.

— Curioso, eu sei. — Disse Cael ao se posicionar ao lado de Baylon.

Ambos observaram Eoghan gentilmente enfiar o cobertor em volta dela.

Eoghan então se endireitou e se afastou como se não tivesse feito nada fora do comum.

— Esse foi a primeira vez que o vi interagir com alguém que não seja nós. — Disse Baylon.

Cael levantou um ombro em um encolher de ombros.

— Estou tão confuso quanto você. Eu nunca esperei que a chegada de Jordyn provocasse tal reação dele.

— Talvez não seja Jordyn. E se for o fato dela ser parte Fae?

— Você o viu perto de um Fae? — Cael perguntou com um estremecimento.

— Não tem nada a ver com isso e tudo a ver com ela. Desde que você parece calmo, sei que Phelan está bem.

Baylon não conseguia desviar o olhar de Jordyn. Seu braço estava debaixo da cabeça como um travesseiro.

— Ele está.

— Bom. Você falou com ele, não foi?

Baylon olhou para Cael e assentiu.

— Ele precisava ser avisado. Tem uma druida com ele. Eu acho que é sua esposa.

— Eu confio que você permaneceu velado.

— Claro.

— Uma druida. — Disse Cael.

— Suponho que era inevitável que um guerreiro e uma druida se juntassem. Foram os Druidas, afinal, quem fizeram os guerreiros. Eu acho que quando este pequeno problema for tratado, nós observaremos os Guerreiros. Daire disse que eles estão no Castelo MacLeod.

Baylon observou Eoghan caminhar para os arcos a vários metros atrás do sofá em mais cômodos.

— Eoghan é o único de volta?

— Sim. — O suspiro de Cael estava cheio de frustração e fúria.

— Eoghan conhecia um humano com sangue Fae dentro da cidade. Esse humano, assim como sua família, está morto.

Baylon balançou a cabeça com a falta de sentido de tudo.

— Droga.

Cael abriu a boca para falar quando Talin apareceu. A atenção deles estava fixa no Fae, quando as narinas dele se abriram.

— O Dark o matou. — Afirmou Talin.

Em rápida sucessão, Fintan e Kyran chegaram. Fintan estava segurando seu lado que sangrava do que era obviamente uma dose de magia.

— Os dois que eu verifiquei estão mortos. — Kyran afirmou furiosamente.

Fintan encostou-se a um dos pilares do arco.

— Eu cheguei quando os Darks estavam matando-o. Tentei salvar o humano, mas o Dark causou muito dano.

Cael apontou para sua ferida com a cabeça.

— Foi assim que você ficou ferido.

— Não.

Os olhos de Fintan baixaram para o chão, a raiva rolando dele em ondas grossas.

— Eu tomei uma explosão significativa pela criança do mortal.

Finalmente, algumas boas notícias. Baylon sorriu.

— Pelo menos você salvou o bebê. Onde você levou-a?

— Ele não salvou. — Disse Cael no silêncio.

Baylon se virou para Fintan.

O Dark Fae levantou o olhar e sacudiu a cabeça.

— Havia tantos deles. Eu não vi os que vinham da parte de trás da casa.

— Você tentou. É o que conta. — Disse Cael.

Quem liderava estes Darks estava decidido a aniquilar cada meio-Fae. Eles eram Darks, então nada os incomodava. Nem mesmo o assassinato de uma criança.

Os Darks tinham que ser parados, porque se não fossem, milhões de humanos poderiam ser eliminados na próxima semana. Baylon olhou para Jordyn novamente. Uma onda de alívio passou por ele sabendo que ela estava segura.

Ou tão segura quanto ela poderia estar desde que estava sendo usada como isca.

Ela não tinha ideia de como tinha sorte por estar com eles. Ou melhor, ele foi o sortudo. Se ele não a tivesse encontrado, se ele não a tivesse seguido, ela estaria morta. E ele nunca conheceria o doce sabor de seus beijos.

— Como diabos os Darks estão encontrando eles? — Talin exigiu com raiva.

As palavras de Talin puxaram Baylon de volta ao problema em questão.

Kyran ficou com as mãos cerradas ao lado do corpo.

— Nós nem sequer conhecemos todos os mortais com sangue Fae, mas estes Darks de alguma forma sabem.

— Eu não tenho nenhuma resposta. — Disse Cael.

Seus olhos ficaram duros.

— Mas isso vai mudar.



Jordyn não tinha certeza do que a acordou. Ela abriu os olhos para encontrar a câmara estranhamente quieta. A borda do cobertor fez cócegas em seu nariz. Ela sentou-se, imaginando quem lhe deu um cobertor.

Um estalo chamou sua atenção. Ela olhou para a direita para encontrar um fogo rugindo na lareira e Cael parado diante dele, suas mãos cruzadas atrás das costas enquanto ele olhava para as chamas.

— Aconteceu alguma coisa? — Ela perguntou timidamente.

A cabeça de Cael se levantou ao som de sua voz.

— Os Darks começaram a matar mortais com sangue Fae.

— Querido Deus.

— Sim, eu acredito que é uma declaração adequada.

Cael ficou de costas para ela quando ele disse:

— Esses seres humanos morreram desnecessariamente. Precisamos descobrir quem está fazendo isso e o tempo é essencial.

— Estou pronta para ajudar.

— Esperemos.

Então Cael desapareceu.

Jordyn tirou as pernas do sofá e se levantou. Ela odiava que os Reapers pudessem entrar e sair à vontade. Agora *isso* teria sido algo legal para ter com o sangue Fae dentro dela.

Ela olhou ao redor da câmara em busca de um sinal de Baylon. Não foi até que ela pegou um vislumbre de luz vindo de trás do sofá que o seguiu.

Jordyn ficou surpresa ao encontrar um pequeno corredor depois de caminhar sob o arco e depois mais salas. Seus passos desaceleraram e pararam quando ela viu Baylon.

Ele ficou no meio da sala com o olhar fixo em um mapa que devia ter pelo menos cinco metros de largura e três metros de altura.

Qualquer que fosse o mapa, não tinha nada a ver com a Terra, até onde Jordyn sabia. Mas ela estava menos interessada no mapa do que em Baylon.

O objeto de sua atenção virou a cabeça como se ele a tivesse ouvido. Então a encarou e sorriu.

Jordyn devolveu seu sorriso e caminhou até ele. Foi a primeira vez que estiveram sozinhos desde a noite anterior. Parecia que isso aconteceu anos atrás, e não horas, desde que muita coisa aconteceu.

Ela parou ao lado dele e apontou para o mapa com o polegar.

— Isso é importante?

— É um mapa do reino dos Fae.

Jordyn assentiu, tentando não olhar para a boca dele.

— Você sente falta?

— Eu sinto falta do que uma vez foi. Nós ficamos lá por muito tempo limpando um pouco da bagunça da nossa última guerra civil. Acabamos de voltar para o seu reino.

— Por que você está aqui?

— Porque é onde os Fae estão.

Ele se virou para encará-la.

— Nós saímos para que você pudesse dormir um pouco. Não me lembro de você ter feito muito isso ontem à noite.

A menção da noite anterior fez seu estômago vibrar com as muitas horas de prazer passadas em seus braços. Ela teve que tentar duas vezes para engolir.

— Eu acho que foi o silêncio que me acordou. Onde estão os outros?

— Colocando nosso plano em ação.

Estar sozinha com ele foi um erro. Ela o queria desesperadamente para ficar tão perto e não tocar nele.

Jordyn deu alguns passos para trás, mas ele a seguiu.

Ela continuou até que bateu em uma parede.

Baylon pressionou-a contra ela, sua boca apenas a uma respiração da dela. Suas mãos estavam em ambos os lados dela, e sua respiração era dura.

— Uma noite. — Disse ele em uma voz crua e primitiva. — Isso é tudo que podemos ter.

Jordyn não se lembrava de pegá-lo, mas de alguma forma os dedos dela agarraram sua camisa. Sua respiração estava irregular, o desejo aquecendo seu sangue.

— Eu sei.

— Eu não posso. — Baylon sussurrou com a cabeça baixa.

Suas pálpebras se fecharam enquanto seus lábios estavam prestes a tocar os dela. Quando ele parou, Jordyn queria gritar exasperada.

Ela sabia que se eles se entregassem à necessidade, ambos poderiam ser mortos. Mas como é que um deles poderia ignorar algo tão irresistível, tão vasto?

Baylon soltou um gemido um segundo antes que seus lábios cobrissem os dela. O beijo foi tão selvagem e indomável quanto o desejo deles.

Jordyn segurou-o com força. Seu corpo se derreteu contra ele, sentindo a pele dele contra a dela.

Uma noite. Isso é tudo o que foi permitido a Baylon, mas não foi o suficiente. Para sempre nunca seria o suficiente. Jordyn afundou nele quando o beijo deles os consumiu.

Ela já não sabia onde ela terminou e ele começou. Eles eram um, infinitos e ininterruptos. Ela sabia nas profundezas de sua alma que deveria estar com Baylon. Não importava quanto tempo ela tivesse.

— Se continuarmos, morremos. — Disse Baylon.

Jordyn tocou seu rosto.

— Se eu não tiver você dentro de mim, morrerei.

Com um gemido, ele tomou sua boca novamente. Um momento suas roupas estavam no caminho, e no outro, não havia nada além de pele a pele.

Ela gemeu e deslizou os dedos em seu cabelo preto e grosso. Suas grandes mãos desceram por suas costas e por cima de seu traseiro. Ele a agarrou, levantando-a e abrindo as pernas dela.

Jordyn envolveu suas pernas ao redor de sua cintura enquanto ele a segurava acima de seu pênis duro. Ela terminou o beijo e olhou para ele, consumida por emoções tão profundas que levaram seu ar e seus pensamentos.

Em toda a sua vida nunca sentiu a necessidade de quebrar qualquer regra, mas era diferente com o Baylon. Ela não conseguia se conter, mesmo quando sua vida estava em risco.

Mas não era apenas a vida dela. Era a vida de Baylon. Se eles fizessem amor novamente, a Morte o mataria. Como ela poderia colocá-lo nessa posição?

— Eu tenho que ter você. — Disse ele, seu peito subindo e descendo rapidamente. — Eu não posso ter você tão perto e não tocar em você.

Jordyn sentiu os olhos arderem de lágrimas. Era realmente possível sentir algo tão intenso sobre alguém que você alegremente desistiria de sua própria vida?

Amor.

Isso é como era chamado.

Mas não poderia ser amor. Ela só conhecia Baylon há pouco tempo, e ainda assim não havia como negar o que ela achava que era genuíno e agudo.

— Eu sou sua. — Ela sussurrou.

Uma luz estranha entrou em seus olhos prateados. Então ele a abaixou em sua excitação. Os olhos de Jordyn rolaram para trás em sua cabeça pelo prazer. Ele segurou-a com firmeza quando começou a balançar os quadris, deslizando para dentro e para fora dela.

Qualquer um poderia encontrá-los, mas eles não se importaram. Eles estavam perdidos demais em seu desejo, no êxtase que os envolvia.

A ameaça da Morte vindo por Baylon, junto com os Dark atrás dela aumentaram sua necessidade a tal ponto. O suor brilhava em seus corpos, sua respiração dura enchendo a sala.

— Não posso segurar. — Baylon disse.

Jordyn não pôde falar quando o clímax atravessou-a, arrebatando o fôlego. Ela se agarrou a Baylon enquanto ele se enterrava profundamente e colocava o rosto no pescoço dela.

— Jordyn. — Disse ele com uma voz estrangulada enquanto o orgasmo o alcançava.

Depois de alguns segundos, Baylon levantou a cabeça. Ele olhou para ela com seus grandes olhos, e havia uma sugestão de arrependimento ali. Com um sorriso, ele saiu dela. No momento seguinte, suas roupas estavam de volta no lugar.

Baylon deu alguns passos para trás dela.

— Você ouviu o que aconteceu com o outro Reaper que tomou uma amante.

Ela assentiu com a cabeça, fechando a garganta quando percebeu o que Baylon estava fazendo.

— Você já está sendo caçada pelos Darks. Vamos deixar a Morte fora disso.

Provavelmente já era tarde demais para isso, mas Jordyn não se incomodou em dizer as palavras. Ela esperou até que ele se afastasse antes que ela deslizesse pela parede e levasse os joelhos até o peito. Ela descansou a testa nos joelhos e não tentou parar as lágrimas.

Ela não tinha certeza se chorava por sua família ou pelo fato de ter perdido Baylon. A dor de ambos foi devastadora. Ela foi esmagada sob o peso de cada um.

Que idiotice pensar que ela poderia deixar Baylon sair de sua vida. Ela falava alto, mas era tudo mentira. Ela não podia nem estar sozinha na mesma sala com ele.

Essa última vez tornou tudo ainda mais difícil. Porque ela não tinha sido forte o suficiente para ir embora, ela poderia muito bem ter selado seu destino. Jordy se perguntou se poderia falar com a Morte e tentar explicar.

As lágrimas vieram mais rápido então. Havia um vazio dentro dela, um vazio que começou no momento em que ela abriu os olhos naquela manhã. Quanto mais tempo permanecia perto de Baylon, mais o abismo aumentava.

Ela estava cercada por Faes, mas Jordyn nunca se sentira mais sozinha em sua vida. Não havia ninguém com quem pudesse conversar, ninguém em quem pudesse confiar.

Não tinha mais uma família e se afastou de seus amigos. Quão completamente sozinha estava agora?

Algo foi colocado em seus dedos. Ela pegou o item e percebeu que era um lenço. Jordyn ergueu a cabeça o suficiente para ver quem tinha dado a ela.

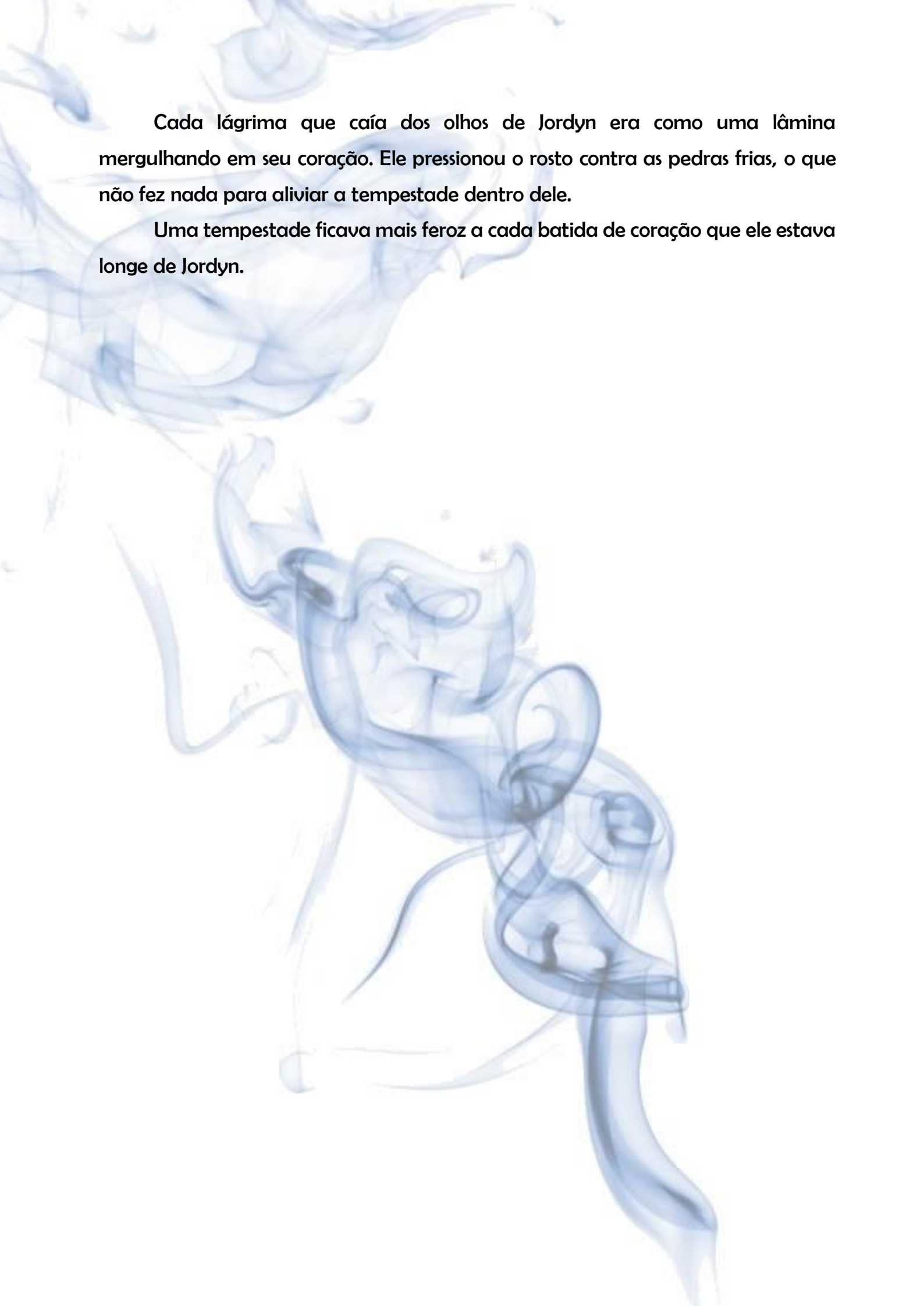
Enquanto ela chorava, Eoghan chegou a se sentar tão perto dela que estavam quase se tocando. Ele não disse nada, mas sua mera presença lhe deu o muito necessário conforto.

Jordyn fungou e enfiou o lenço contra ela. Eoghan deu-lhe um aceno de cabeça. Ela deitou a cabeça nos joelhos quando uma nova onda de lágrimas veio.



Baylon ficou no canto e observou Jordyn, lutando para não ir até ela. Matou-o que Eoghan podia se sentar ao lado dela, mas ele não. Baylon não se atreveu. Ele estava pronto para dizer a Morte se danar apenas para que pudesse estar com Jordyn pelo tempo que quisesse.

Mas não era assim que funcionava ser um Reaper.

The background of the page features abstract, ethereal blue ink splashes and swirls. These markings are most prominent in the upper left and lower right areas, creating a sense of movement and emotion. The ink is a light, translucent blue, blending into the white background.

Cada lágrima que caía dos olhos de Jordyn era como uma lâmina mergulhando em seu coração. Ele pressionou o rosto contra as pedras frias, o que não fez nada para aliviar a tempestade dentro dele.

Uma tempestade ficava mais feroz a cada batida de coração que ele estava longe de Jordyn.

CAPÍTULO QUINZE

A hora chegou. Jordyn esfregou as mãos em um esforço para mantê-las aquecidas enquanto olhava em volta para o lindo lago, embora nem mesmo o fogo do Inferno pudesse aquecê-la naquele momento.

O tempo estava frio, e ela estava petrificada em ser a isca contra um inimigo desconhecido em um vale com colinas altas e uma densa floresta ao seu redor. Mas não era por isso que estava tão fria. Era por saber que Baylon estava perdido para sempre para ela que a congelou de dentro para fora.

Foi apenas uma hora mais cedo que ela acordou, depois de chorar até dormir, para encontrar uma variedade de roupas para ela. Pelo menos com os Fae, nunca teria que se preocupar em ter algo para vestir.

Fintan se aproximou dela.

— Pronta?

Ela olhou para o Dark Fae, observando sua respiração ao redor dele.

— É agora ou nunca, certo?

— Isso mesmo. — Ele respondeu com um sorriso.

Ela não ficou surpresa porque Baylon decidiu não ficar com ela. Depois de fazer amor e de suas palavras, era melhor que os dois permanecessem mais afastados possível.

Na verdade, ela não colocou os olhos nele desde as últimas palavras. Jordyn não tinha ideia de onde ele estava, mas ela sabia que ele estava por perto. Ela podia sentir os olhos dele nela.

— Os outros cercaram a área.

Ela olhou para Fintan antes de olhar para a área isolada uma hora longe de Edimburgo cheia de inúmeras árvores, colinas e um lago. O sol brilhava quando não estava se escondendo atrás das nuvens, fazendo-a piscar os olhos quando espiou para fora.

— Eu sei.

— Eu posso dizer a localização dele para que você não tenha que continuar procurando.

Jordyn queria seriamente ferir Fintan. Ela deu alguns passos para se dar um pouco de espaço para respirar.

— Estou procurando quem está atrás de nós, seu imbecil.

Fintan veio por trás dela e se inclinou para sussurrar:

— Eu não sou Cael ou a Morte. Não há necessidade de mentir.

— O que aconteceu entre Baylon e eu foi uma noite. Todo mundo está fazendo um grande negócio por nada.

Fintan bufou quando ele se moveu para ficar na frente dela.

— E ontem à noite?

Jordyn ficou de boca aberta para ele. Até onde ela sabia, ninguém mais estava por perto.

— Eu estava saindo do outro quarto. — Explicou Fintan.

— Quanto você viu?

Fintan deu-lhe um olhar de pena.

— Tudo.

— Oh.

O que ela poderia dizer sobre isso? Ela só podia esperar que não tivesse parecido tão patética quanto se sentia. E ainda se sentia.

— Nenhum de vocês desenvolve sentimentos por outros?

— Alguns se colocam em situações que podem levar a isso.

— Mas não você?

Ela perguntou com uma sobrancelha levantada.

Fintan fez um som no fundo da garganta.

— Eu realmente pareço o tipo de macho capaz de ternura ou amor?

Agora que ele mencionou isso, seria um grande e gordo não.

— Exatamente. — Disse ele com uma risada seca.

Jordyn ouviu o som do lago batendo suavemente contra a costa. Era uma pena que eles não pudessem encontrar um lugar mais aberto, mas como Cael havia informado, era um lugar que eles usavam antes para se encontrarem.

Ela alcançou Fintan quando ele começou a andar lentamente ao redor do lago.

— Todos vocês têm milhares de anos. Certamente tem que haver alguém no grupo que se apaixonou, apesar do que aconteceu com o primeiro grupo Reaper.

— Claro que houve.

Isso fez com que Jordyn se sentisse um pouco melhor.

— Eles estão mortos agora. A Morte os matou antes que a história pudesse se repetir.

O pouco de alívio que ela experimentou subiu em uma explosão de chamas. Isso não era uma boa notícia. Ela arruinou seu cérebro para ajudar Baylon. Então veio para ela.

— Tudo bem. Entendi. Mas o que dizer de sentir forte sentimento, mas não assumir isso?

Os pálidos olhos prateados de Fintan rodeados de vermelho deslizaram para ela. Ele levantou uma sobrancelha branca.

— O que nos deixa em tal situação é assumir isso. Se não o fizermos, suponho que estamos a salvo.

— Então Baylon está seguro. Ele foi embora.

— Guerras foram ganhas ou perdidas com os mesmos sentimentos que há entre vocês dois. — Disse ele antes de virar a cabeça para a frente.

— E pare de usar nomes. Nós não sabemos quem pode estar escutando.

Jordyn parou, sentindo-se mais vazia do que antes.

— Ele não vai trair nenhum de vocês. Não importa o quê. Ele não faria isso.

Fintan parou de andar. Ele ficou lá por um momento antes de se virar para encará-la.

— Você acha que o conhece bem?

— Ele já provou isso várias vezes. Para mim. Para você. Para a Morte. O que mais ele deve fazer?

— Não compete a mim dizer. — Afirmou Fintan.

— Estou tentando ter certeza de que ele permaneça vivo.

— Então talvez você nunca devesse tê-lo levado para a sua cama.

Jordyn piscou, completamente surpresa com suas palavras. Ele não disse isso com severidade, mas tampouco foi feito com uma voz gentil.

— Eu não pude negá-lo mais cedo mais do que eu poderia parar de respirar.

— Isso é luxúria.

— Importa o que é? Estava lá e era palpável. Nós dois reagimos sobre isso.

Fintan sacudiu a cabeça e desviou o olhar com um olhar de desaprovação.

— Baylon sabia. Ele deveria ter ficado longe de você.

— Você está me dizendo que nunca sentiu luxúria antes?

— Claro que sim. — Ele disse com um olhar cortante.

Ela caminhou até ele, zangada por ele ter feito pouco do que sentia por Baylon.

Jordyn parou a centímetros dele e olhou para os olhos avermelhados.

— Ou você é um mentiroso ou nunca sentiu o que eu senti.

O olhar de Fintan ficou duro como gelo. Ele ficou tão imóvel quanto pedra.

— Eu não sou um mentiroso.

As palavras foram cortadas e violentas.

O que estava diante dela era mais besta do que homem. Fintan escondia sua maldade, mas estava mostrando para ela agora. E isso a assustou a tal ponto que ela deu um passo para trás.

— Um dia. — Disse ela, sua voz tremendo de medo. — Um dia você vai encontrar uma mulher que vai fazer você querer fazer qualquer coisa só para estar com ela.

Ele sorriu ironicamente, o animal de volta em sua jaula.

— Isso nunca vai acontecer.

Jordyn esperou até que ele tivesse ido longe o suficiente antes de sussurrar:

— Nunca diga nunca.



Baylon observou Jordyn de sua estação no alto da colina. Ele estava velado, mas mesmo que não estivesse, as árvores o teriam escondido. Como ele queria saber o que Jordyn estava falando com Fintan. Ela ficou chocada e zangada. Irritou Baylon que ele não estivesse lá com ela.

Chocou Baylon quando Fintan declarou que protegeria Jordyn. Baylon sabia que ele não poderia ter esse dever e permitir que Jordyn fizesse o que ela deveria para pegar o Dark. Mas isso ainda o incomodava.

Baylon ficou de guarda na câmara abaixo do Castelo de Edimburgo a noite toda enquanto Jordyn dormia. Era o mais perto que ele se permitia, e até onde podia chegar sem sentir como se fosse quebrar se não a visse.

Depois de deixar Jordyn dessa maneira, Baylon se perguntou se ela falaria com ele. O amor deles o estava matando. Provando que ele precisava dela tanto quanto naquela primeira noite, mais, na verdade.

Afastar-se e terminar o que estava se desenvolvendo rapidamente entre eles foi a coisa mais difícil que ele já tinha feito.

Não se compararia a sair de sua vida para sempre.

Baylon afastou tais pensamentos de sua mente. Ele precisava se concentrar na ameaça em mãos. O resto... Bem, ele lidaria com isso depois.

Vinte minutos se passaram e nada. Baylon estava começando a se perguntar se o novo inimigo se mostraria.

Sua atenção se aguçou quando Talin apareceu ao lado de Jordyn e Fintan, exatamente como planejado.

Baylon contou até cem e Kyran se teletransportou para os outros no horário certo. Outra contagem de cem, e Cael estava com eles.

Assim que Cael surgiu, todo o inferno se soltou.

Oito Darks se materializaram ao redor deles. Era exatamente o que Cael esperava, e planejava.

Baylon assistiu seus amigos lutarem contra os Darks e protegerem Jordyn.

Eles fecharam em torno de Jordyn.

Fintan a empurrou para o chão enquanto eles estavam de costas para ela e bloqueavam a magia dos Darks apontada para ela.

Eoghan se revelou atrás de três dos Darks e os matou com um golpe de sua espada. Isso surpreendeu os atacantes o suficiente para que Fintan e Talin fossem capazes de matar os cinco restantes.

A quietude do vale não era natural. Parecia que todos os seres vivos ao redor da área haviam simplesmente desaparecido. Baylon permaneceu velado, esperando impacientemente pela próxima parte do plano.

Até agora tudo o que eles fizeram foi exatamente o que o grupo anterior de Reapers havia feito.

A próxima parte era algo novo.

Para fazer tudo parecer genuíno, tudo que Jordyn sabia do plano era que era a isca e os outros a protegeriam.

Era imperativo que o inimigo acreditasse que o ataque foi um choque para todos eles.

— Mantenha-a no chão! — Cael berrou.

Kyran levantou a espada.

— Nenhum humano com sangue Fae vai morrer.

Baylon olhou ao redor do lago ao sentir mais Faes. Havia mais Darks nas árvores. A essa altura, os outros Reapers também sentiriam a presença deles. Seria um ataque concentrado. Mas os Dark Fae não tinham ideia de que não estavam apenas lutando contra qualquer Fae. Eles estavam lutando contra os Reapers.

Bolas de magia saíram das árvores.

Cael empurrou a maioria delas para o lago com sua magia, mas algumas passaram por Kyran, Fintan e Talin.

Eoghan desapareceu e emergiu um momento depois no meio dos Darks, sua espada balançando selvagem.

Nada disso dissuadiu os Darks de sua missão.

Eles não quebraram as fileiras nem fugiram como esperado.

Em vez disso, começaram a caminhar em direção a Jordyn e aos Reapers. Baylon viu um Dark aparecer atrás de Eoghan.

Sem hesitar, Baylon se teletransportou para eles. Ele se revelou e mergulhou sua espada no Dark assim que Eoghan se virou.

Baylon olhou para a ponta da espada de Eoghan que parou em sua garganta.

— Seja bem-vindo.

Eoghan deu um aceno de cabeça e voltou para os Darks.

Os Darks já tinham visto Baylon. Não havia como voltar à sua posição no esconderijo e procurar aquele que controlava os Darks.

Com precisão e velocidade letal, Baylon abriu caminho pelos Dark Faes, um de cada vez. Eles estavam tão decididos a matar Jordyn que nem tentaram se defender.

Apenas duas vezes Baylon foi atingido com magia. As duas vezes o deixaram sem fôlego. Quem quer que esses Darks fossem, sua magia era mais forte que qualquer outra.

Com um movimento de seu pulso, Baylon enviou sua espada cortando o ar, acertando a cabeça de um Dark. Antes de o corpo atingir o chão, Baylon girou com a espada apontada para o Fae, e se sentiu furtivo.

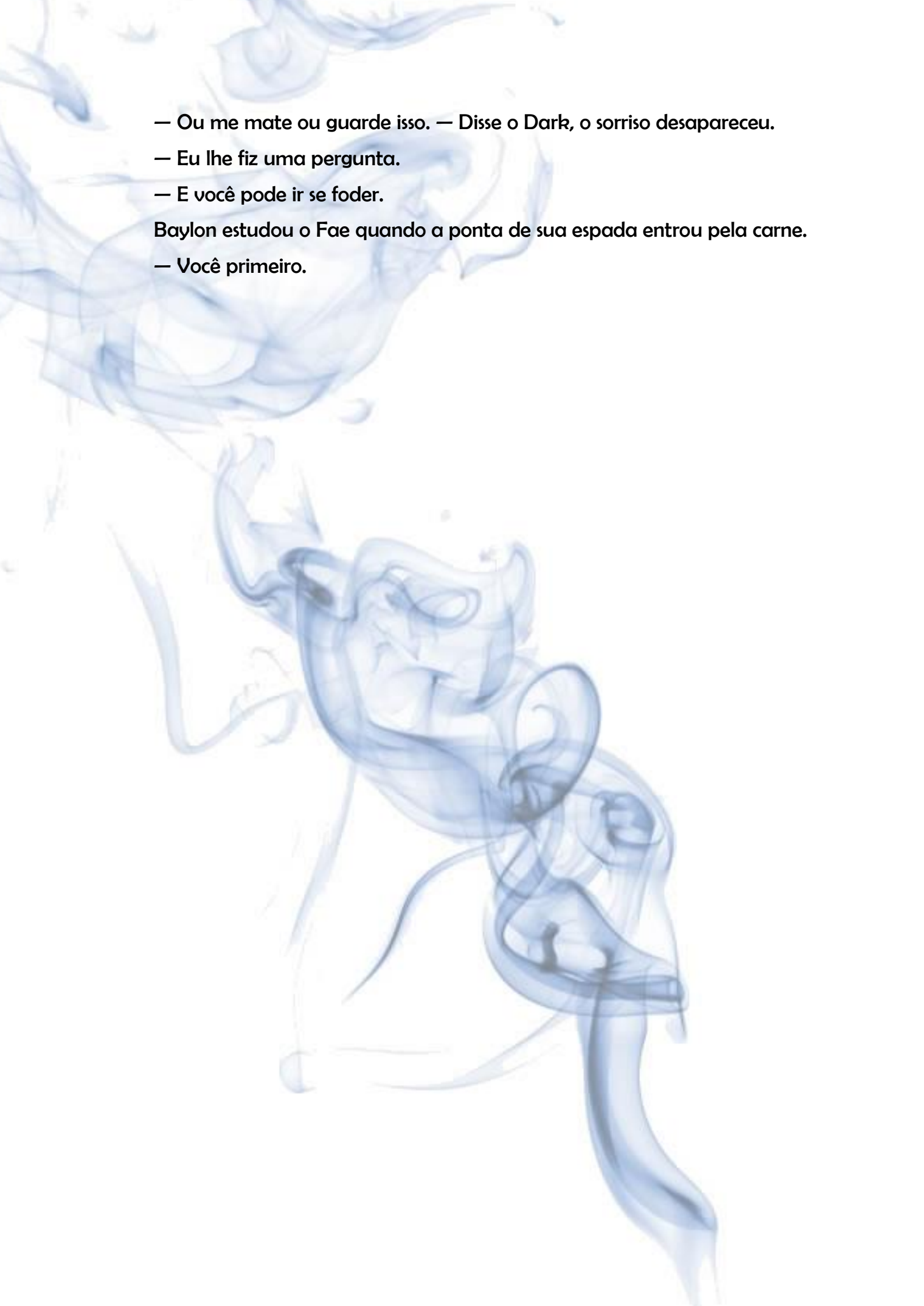
O Fae sorriu, embora não atingisse seus olhos vermelhos. Ele olhou para a ponta da espada que estava nivelada em seu coração.

— O que você está esperando?

— Quem é você? — Perguntou Baylon.

O Fae riu e derrubou a lâmina.

Baylon imediatamente trouxe de volta no lugar, empurrando-a contra o peito do Fae.

A faint, artistic illustration in blue ink serves as a background. It depicts a figure, possibly a woman, in a dynamic, almost dancing pose. The lines are fluid and expressive, with some areas appearing more solid while others are more ethereal and wispy. The figure's head is tilted back, and her limbs are extended in a way that suggests movement. The overall style is reminiscent of traditional ink wash painting but with a more modern, fluid aesthetic.

— Ou me mate ou guarde isso. — Disse o Dark, o sorriso desapareceu.

— Eu lhe fiz uma pergunta.

— E você pode ir se foder.

Baylon estudou o Fae quando a ponta de sua espada entrou pela carne.

— Você primeiro.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Jordyn olhou ansiosa ao redor. Dark Faes estavam vindo para eles de todas as direções. Magia estava literalmente voando pelo ar.

Ela não tinha certeza de como os Reapers conseguiram desviar a maior parte da magia, mas conseguiram. Jordyn sabia que não era normal eles ficarem tão próximos um do outro na batalha. Eles queriam se espalhar e não serem encurralados juntos. Mas a estavam protegendo.

O que os tornou alvos fáceis.

Uma bola de magia do tamanho de uma bola de boliche caiu do outro lado de Fintan. Jordyn observou enquanto o solo chiava como gordura em uma frigideira quente enquanto a bola afundava na terra.

Se fez isso com a terra, o que faria com ela? Jordyn não queria descobrir. De fato, ela estava certa de que não queria mais estar ali.

Desamparada e vulnerável, era o que ela era. Um maldito pato sentado. A única coisa que ficava entre ela e a morte eram os Reapers. E quanto mais eles poderiam aguentar?

Ela olhou para cima para ver se algum dos Reapers tinha sido atingido mais de uma vez com magia. Com cada explosão que entrava em contato com eles, eles apenas se encolhiam como se tivessem sido picados por uma abelha.

No entanto, ela viu o que fez com suas roupas e pele. A dor deve ser terrível. Como eles continuavam lutando e ignorando a dor?

Seu olhar procurou Baylon. Ela conseguiu dar uma olhada nele pelas pernas dos Reapers enquanto ele conversava com alguém nas árvores.

Então ele não estava mais falando. Estava lutando. Ela só podia olhar com um medo mudo enquanto sua espada se movia como um raio para bloquear e repelir as explosões de magia vindas dos Dark Fae.

Jordyn foi repentinamente derrubada em um par de pernas. Ela ouviu uma maldição e apressadamente olhou para cima para ver que havia caído em Kyran.

— Desculpe!

Ela gritou e empurrou-se de volta em sua posição de cócoras mas ela não conseguia se endireitar corretamente. Ela continuou caindo. Alfinetadas de preto começaram a preencher sua visão. Ela tentou esfregar os olhos, mas o braço direito não funcionava.

Jordyn olhou para baixo imaginando de onde vinha toda a fumaça. Não conseguia focar os olhos. Também não entendia por que não conseguia mexer o braço.

— Ah, Merda! Cael! — Alguém gritou.

Ela piscou, lutando para manter os olhos abertos.

Por que os Darks começaram a recuar? Os Reapers ganharam? Eles tinham pego seu inimigo?

— Jordyn? Jordyn, você pode me ouvir?

Era Cael? Ela abriu os olhos, imaginando quando os fechou. Alguém tocou seu braço e a dor fez com que ela começasse a desmaiar novamente.

Ela realmente queria que quem estivesse gritando, calasse a boca. Era perturbador. Ela continuou tentando dizer aos Reapers para ajudarem as pessoas, mas as palavras ficaram presas em sua garganta.

Então simplesmente parou de tentar.



O fato do Dark de Baylon ter lutado quase tão rápido quanto ele, confirmou o que suspeitava: os Darks com quem eles estavam lutando tinham recebido um impulso à magia deles por alguém. E os Reapers realmente precisavam encontrar esse alguém.

Baylon segurou o punho de sua espada com mais força e usou-o para perfurar o Dark no nariz. O sangue jorrou por toda parte.

Ele usou o impulso para dirigir o Fae contra uma árvore. Baylon pressionou a lâmina de sua espada contra o pescoço do Fae.

— Agora. — Disse ele. — Quem diabos é você?

O Dark começou a rir quando ele olhou por cima do ombro de Baylon.

— Fizemos o que fomos enviados para fazer.

A audição de Baylon pegou as vozes dos outros Reapers atrás dele, bem como gritos. Então o Dark em suas mãos desapareceu.

Ele baixou os braços, olhando para a árvore. O Dark não deveria ter sido capaz de fugir. Não enquanto era segurado por um Reaper.

Baylon girou e começou a andar em direção aos outros quando percebeu que todas os Darks haviam sumido. Ele voltou sua atenção para os outros. Os gritos se registraram então. Era o grito de uma mulher.

O coração de Baylon parou, caindo aos seus pés como chumbo quando percebeu que era Jordyn que estava deitada no chão, imóvel, com Cael inclinado sobre ela. Ele se teletransportou para eles, nem mesmo perdendo os poucos segundos para correr.

— Jordyn. — Disse ele e empurrou Talin e Kyran para fora do caminho.

Baylon olhou para ela, impotente. Ele caiu de joelhos, fazendo uma careta quando viu o braço dela, ensanguentado e queimado da magia dos Darks.

— Eu não sei como isso passou por mim e por Kyran. — Disse Fintan.

Eoghan se ajoelhou do outro lado de Jordyn e colocou a mão em sua garganta. Seu olhar levantou para Baylon quando ele deu um pequeno sorriso.

— Ela ainda está viva? — Baylon perguntou, esperança surgindo.

Eoghan assentiu.

— Vamos tirá-la daqui. — Disse Cael.

Baylon cuidadosamente levantou-a em seus braços e teletransportou de volta para o castelo. Assim que entrou na câmara, atravessou o arco e desceu o corredor.

Fintan estava alguns passos à frente dele. Baylon caminhou até a última sala à esquerda e encontrou Eoghan e Cael que já estavam lá junto com uma cama.

Baylon a deitou no momento em que Kyran estalou os dedos e uma fogueira rugiu para a vida na lareira. Baylon passou os dedos pela testa dela para alisar o cabelo.

— O que podemos fazer? — Fintan perguntou ao lado de Baylon.

Eoghan colocou a mão na testa de Jordyn e fechou os olhos.

— Nada. — Disse Cael.

Baylon virou o olhar para Cael.

— *Nada?* O que você quer dizer com *nada*?

— Você sabe que não temos a capacidade de curar os outros. — Disse Cael.

Kyran e Talin estavam ao pé da cama. Kyran olhava desconfiado para Cael.

— Certamente tem que haver alguém a quem possamos pedir.

— Os Dragon Kings talvez? — Cael perguntou em um tom de zombaria.

— Nós somos Reapers. É por isso que não podemos ter relacionamentos. Colocamos a nós mesmos e a Morte em um aperto, cuidando e devendo aos outros.

Baylon apontou para Jordyn, fúria emergindo perigosamente de dentro dele.

— Ela colocou sua vida em risco para nos ajudar. E você espera que a gente fique de braços cruzados e vendo ela morrer!

O rosto de Cael ficou duro, os olhos se estreitando de raiva.

— Não confunda minhas ações com o que eu não me importo. Nós temos regras, Baylon. Preciso te lembrar delas?

Baylon sentiu a magia em sua mão. Antes que ele pudesse jogá-la, Fintan colocou a mão em seu peito e empurrou-o de volta.

Fintan então ficou entre Baylon e a cama.

— Não faça isso. Aqui não. Não sobre a cama dela.

Toda a luta saiu de Baylon. Ele olhou de volta para Jordyn. Fintan estava certo. Agora não era a hora. Baylon se concentrou em Jordyn. Ele não podia curar, mas ele podia esperar. E rezar.

Eoghan finalmente abriu os olhos e tirou a mão da testa dela. Sem uma palavra, ele foi até o fundo da sala e se encostou na parede.

Baylon fez uma cadeira aparecer para que ele pudesse se sentar. Ele chegou perto da cama de Jordyn e pegou a mão dela.

— Se pudesse, eu a curaria. — Disse Cael.

Baylon encolheu os ombros.

— Eu a coloquei em perigo para que ela pudesse nos ajudar.

— Você não fez nada. Foi sua escolha. Jordyn queria ajudar.

— Porque eu a arrastei para isso. Eu nunca deveria ter dito a ela o que ela era.

Cael soltou um suspiro.

— Você a salvou. Se você não a tivesse encontrado e ficado a noite com ela, ela estaria morta. E não estaríamos mais perto de descobrir quem está por trás disso.

Baylon engoliu e sentou-se na cadeira.

— Nós não saímos completamente de mãos vazias. O Dark atacando seu grupo tinha um propósito único.

— Sim. — Disse Talin. — Jordyn.

— Eles nem sequer tentaram se defender contra mim e Eoghan. — Disse Baylon.

Ele olhou para cima e ao redor da cama para seus colegas Reapers.

— Mas um Dark veio atrás de mim. Ele não parecia se importar com Jordyn. Fintan franziu a testa.

— O que ele queria?

— Eu não tenho ideia. — Baylon balançou a cabeça em confusão.

— Lutamos. Ele foi rápido. Quase tão rápido quanto eu.

Kyran fez um som quando uma expressão horrorizada surgiu em seu rosto.

— Impossível.

— Confie em mim. Não foi. Ele era incrivelmente rápido e tão letal quanto. Mas a pior parte foi quando eu tive minha mão sobre ele e minha espada em sua garganta.

Cael olhou para ele cautelosamente. — Você o matou?

— Essa é a coisa. — Disse Baylon enquanto esfregava o polegar ao longo das costas da mão de Jordyn. — Ele se teleportou para longe.

Ninguém suspirou alto, mas suas expressões diziam tudo.

Baylon assentiu em compreensão.

— Exatamente.

— A Morte colocou outro grupo em cima de nós? — Talin perguntou.

Cael lhe deu um olhar penetrante.

— Não. Isso não beneficia a Morte ou nós. Isso é outra coisa. Quem quer que seja, eles não se importam de perder Faes para nos combater.

— Os que nos atacaram não se moveram tão rápido. — Disse Fintan.

— Mas a magia deles parecia mais forte do que a de um Fae normal deveria.

Baylon apertou a ponte do nariz com o polegar e o indicador.

— Talvez com quem eu falei esteja administrando as coisas.

— Duvido. — Disse Cael.

— Ele não é um lacaio como o resto dos Darks com quem nós lutamos, no entanto.

Kyran encostou as mãos no estribo.

— Pelo menos nós os deixamos acreditar que fomos pegos de surpresa.

— Essa foi a única coisa que funcionou. — Talin murmurou.

Baylon olhou para Jordyn, imaginando se algum dia ele voltaria a contemplar seus olhos turquesa. Um a um os outros partiram, até que só ele permaneceu.

Nem mesmo a Morte poderia fazê-lo sair do lado de Jordyn. Ela não estaria sozinha quando desse seu último suspiro.



Bran estava no Louvre olhando o sarcófago de Ramsés III quando sentiu a aproximação de Searlas atrás dele.

— Bem...? — Ele perguntou sem se virar.

— A meio-Fae que fugiu com os Reapers está morta.

Bran inclinou-se para ver as gravuras do sétimo e oitavo capítulos do Livro de Amduat.

— Tem certeza de que ela está morta?

— Ela foi atingida com magia e gritava. Cael estava debruçado sobre ela, mas ela ficou quieta rapidamente.

Bran se endireitou e se virou para Searlas.

— Mais um então.

— É hora de atacar Cael diretamente?

Bran foi até a próxima exposição com Searlas ao lado dele.

— Sim.

— Eu lutei com um Reaper. Você deveria ter visto o rosto dele quando desapareci enquanto ele me segurava.

Bran riu e bateu no ombro de Searlas quando pararam.

— Eu aposto que foi inestimável. Com quem você brigou?

— Baylon.

— E quem estava protegendo a mortal?

Searlas deu de ombros.

— Todos eles, exceto Daire, Eoghan e Baylon.

— Se você estava lutando contra Baylon, onde estavam Eoghan e Daire?

— Daire não estava lá. — Disse Searlas. — A menos que ele estivesse velado e eu não o visse.

Bran passou a mão pela mandíbula.

— Se Daire estivesse lá, teria se juntado. Isso significa que ele está em outro lugar. E Eoghan?

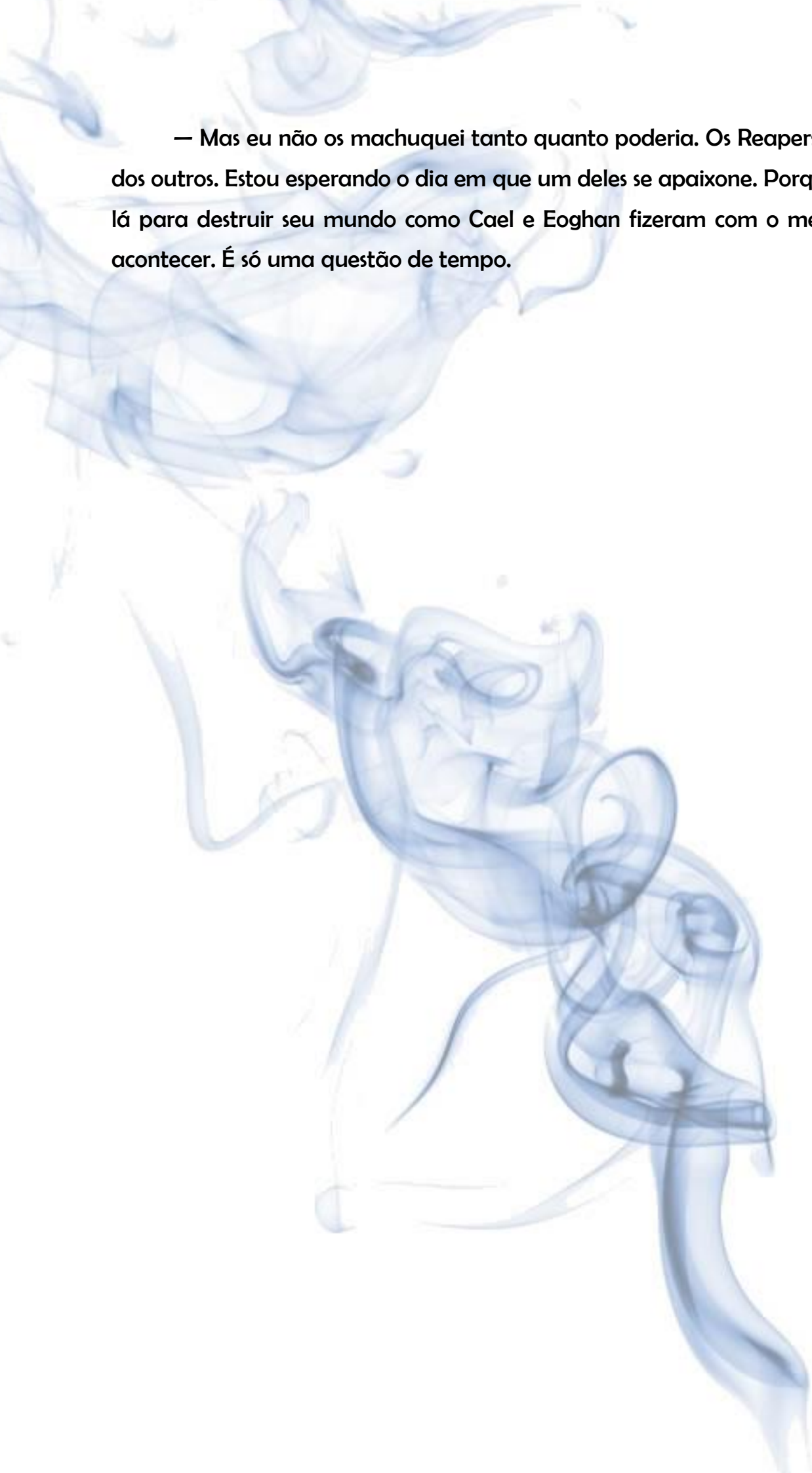
— Estava lutando contra os nossos Darks.

— É muito ruim. Eu gostaria de saber quem se interessou pela mortal.

Searlas sorriu largamente.

— Você bateu neles rápido e verdadeiro hoje.

— Mas eu não os machuquei tanto quanto poderia. Os Reapers cuidam uns dos outros. Estou esperando o dia em que um deles se apaixone. Porque eu estarei lá para destruir seu mundo como Cael e Eoghan fizeram com o meu. E isso vai acontecer. É só uma questão de tempo.



CAPÍTULO DEZESSETE

Baylon iluminou a sala inteira com velas. Ele não queria que a escuridão se aproximasse de qualquer lugar. Não para Jordyn. Não que ele tivesse alguma opinião sobre isso.

Passou a mão pelo rosto e cansado se levantou. Embora estivesse relutante em não tocá-la, se ele não se mexesse, e queimasse um pouco da raiva infeccionada dentro dele, explodiria.

Baylon revirou o pescoço enquanto caminhava pela sala. Como não podia fazer nada por Jordyn, sua mente se voltou para o Dark com quem ele lutou.

— O que foi?

Fintan perguntou como ele inclinou um ombro contra o arco.

Baylon balançou a cabeça e andou na frente da cama.

— Um Fae não arranja mais magia. Não é assim que funciona.

— Certo. Foi a Morte quem nos deu o impulso extra.

— Morte. — Repetiu Baylon e olhou para Fintan.

— Quem mais tem essas habilidades?

Ambas as sobrancelhas de Fintan se levantaram quando ele bufou.

— A Morte é a única que conheço, e eu não sabia que a Morte era real até que eu estive diante dela.

— Sim. Para mim também. Droga. Tem que haver outra pessoa.

— Você não acha que os Fae com quem nós lutamos só tinham mais magia?

Baylon parou e virou-se para olhar para Fintan.

— Você não?

— Nem por um instante. Mas eu queria conhecer seus pensamentos.

— Quem está matando mortais com sangue Fae está nos atacando. Eles queriam que cumpríssemos a falsa ordem que enviaram.

Fintan assentiu, pegando as palavras de Baylon.

— E quando não o fizemos, eles foram atrás dos próprios mortais, sabendo que os protegeríamos.

— Mas nunca nos importamos com os mortais. Por que eles pensariam que iríamos salvá-los agora?

O olhar de Fintan se moveu para a cama.

— Porque eles têm sangue Fae.

Sangue Fae que não estava fazendo nada por Jordyn. Baylon fechou os olhos e baixou o queixo para o peito. Desde que ele se tornou um Reaper, nada havia parado em seu caminho. Sua força, sua magia, sua velocidade aumentaram no dia em que ele aceitou a oferta da Morte.

Agora nada disso adiantou.

— Baylon. — Disse Fintan.

Mas Baylon não pôde olhar para Jordyn. Era errado vê-la deitada tão quieta na cama, sua vida drenada gradualmente enquanto a magia das Trevas comia ela.

— Baylon. — Disse Fintan com mais urgência.

Baylon se virou com raiva.

— O quê? — Ele exigiu.

Fintan agora estava junto a cama de Jordyn. Ele não moveu seu olhar dela enquanto apontava.

Baylon se concentrou em seu peito, esperando para ver se ela tinha parado de respirar. Alívio fluiu através dele quando viu a respiração constante. Se Fintan não estava apontando que Jordyn estava morta, então o que ele queria?

Com sua irritação aparecendo claramente, Baylon voltou para sua cadeira, onde Fintan estava de pé. Foi quando ele viu o braço de Jordyn e como a ferida estava cicatrizando.

Baylon se virou para Fintan, incapaz de encontrar palavras.

O sorriso de Fintan começou devagar. Ele deu um tapa nas costas de Baylon e deu um giro quando começou a gritar para os outros.

Baylon afundou na cadeira e observou o processo de cura. Era muito mais lento que um Fae puro-sangue, mas o fato dela estar se curando era a melhor notícia que Baylon tinha ouvido em muito tempo.

Ele mais uma vez segurou a mão de Jordyn quando o aperto em seu peito começou a diminuir. Baylon olhou para cima e encontrou os outros ao redor da cama.

— Eu vou ser amaldiçoado. — Disse Cael com um sorriso.

Kyran sacudiu a cabeça, embora estivesse sorrindo.

— Agora isso eu não estava esperando.

— Vamos esperar que não leve muito tempo para acordar. — Talin deu uma cotovelada em Kyran.

— Estamos ansiosos para obter a nossa retribuição pelo que fizeram a Jordyn.

Como de costume, Eoghan simplesmente olhou por longos momentos para Jordyn antes de se afastar. Baylon há muito desistira de esperar um dia conversar com Eoghan. A escolha de Eoghan de se abster de falar não foi por causa de algum voto de silêncio.

Não, Eoghan não falava porque estava quebrado de uma maneira que nenhum deles jamais seria capaz de discernir. Baylon não tinha certeza se Cael sequer sabia de todos os detalhes.

E nada disso importava. Eoghan era um Reaper. Eles eram uma espécie de família. Uma tagarela, uma letal, mas ainda uma família.

Tudo o que eles tinham era uns aos outros. Isso os forçou a se unir em um nível que poucos seres já experimentaram.

— E agora? — Perguntou Fintan.

— Não podemos ficar aqui. E concordo com Talin e Kyran. Eu quero encontrar esses filhos da puta e acabar com eles.

Baylon assentiu e desviou o olhar para Cael.

— Concordo. Temos que retaliar.

— E nós vamos. — Cael assegurou.

— Nós vamos ter certeza de que os machucaremos quando eles tentarem nos machucar.

O olhar vermelho de Fintan estava cheio de cálculos.

— Eu tive uma ideia.



Jordyn sorriu ao sentir a carícia nas costas da mão. Ela não precisava abrir os olhos para saber que era Baylon. Ele havia feito o mesmo gesto nas vezes em que se aninhavam entre fazer amor.

Pelo menos ele a tocava novamente. Isso foi uma grande melhoria desde antes. Embora não soubesse bem por que ele estava com ela enquanto ela dormia.

Ela abriu os olhos para encontrá-lo sentado em sua cama sorrindo para ela. Ele realmente não tinha ideia de como era lindo. E o sorriso dele. Isso sempre a fazia sentir como se seu estômago estivesse cheio de borboletas.

— Olá. — Ele disse.

Seu sorriso, seus olhos e aquele sotaque irlandês? Ela estava totalmente perdida.

— Olá.

— Como você está se sentindo?

Agora isso estava ficando estranho.

— Eu me sinto ótima. E quanto a você?

Seu sorriso escorregou.

— Você não lembra, não é?

— Lembro de quê?

— Uma bola de magia negra bateu em você.

Jordyn se sentou e abriu os braços.

— Estou bem.

— Mas você não estava. — Ele apontou para o braço dela com a cabeça.

Ela olhou para baixo e seu coração parou. A manga do suéter desaparecera completamente, as bordas queimavam no ombro e ao longo do corpo.

— Eu não me lembro de nenhuma dor.

— Isso é provavelmente uma bênção.

Sua cabeça se levantou para olhar em seus escuros olhos prateados.

— O que aconteceu?

— Você estava morrendo. Trouxemos você de volta para cá, mas depois você começou a se curar.

— Eu vi o que a magia negra fez no chão. Não há como eu me curar disso.

Baylon piscou para ela.

— Eu disse que você tem sangue Fae.

Ela poderia realmente ter tido essa sorte? Seu olhar baixou e ela viu o buraco queimado na camisa de Baylon. Ela olhou para ele incisivamente.

— Cael curou a queimadura de café no meu apartamento?

— Não podemos curar os outros.

— Mas a mancha no meu robe foi removida.

O sorriso de Baylon cresceu.

— Isso nós podemos fazer.

Bem. Ela não achava que poderia se surpreender mais, mas obviamente estava errada.

— E suas feridas? Eu vi que você tinha algumas.

Ele riu e mostrou a ela que ele estava curado. — As armadilhas de lutar contra um Dark.

— Os Faes podem ser mortos com magia?

A risada morreu nos olhos de Baylon.

— Eles podem. Imagine que magia é como esgrima. Você deve atacar seu oponente enquanto desvia e impede que sua lâmina alcance seu corpo. Em uma batalha Fae, é isso que devemos fazer.

— E às vezes a magia passa. — Disse ela e estendeu a mão para tocar seu lado.

— Às vezes.

Jordyn se recusou a olhar nos olhos dele. Ela sabia que veria desejo e saudade ali. Se ela tivesse certeza de que a Morte não o mataria, Jordyn precisava ter certeza e não se colocar em uma posição em que ela cedesse a ele.

Mas como ela queria sentir os braços dele ao redor dela, para descansar a cabeça no ombro dele.

— Olhe para mim. — Ele insistiu com uma voz suave.

Jordyn sacudiu a cabeça. Seu coração perdeu uma batida quando as mãos dele seguraram seu rosto e ele inclinou a cabeça para trás para que seus olhos se encontrassem.

— Eu quase perdi você. Você tem alguma ideia do que eu passei?

Ela viu o tormento em seus olhos, a dor que ele permitiu que ela visse.

— Não faça isso.

— Eu preciso fazer.

— Não. — Disse ela e colocou as mãos em seus pulsos. Ela tentou afastar os braços dele, mas ele não se mexeu.

— A Morte vai te matar.

— Então eu vou morrer feliz. Porque terei você.

— Baylon... — Ela implorou.

Ela não queria nada mais do que jogar os braços ao redor dele, mas também estava tentando salvá-lo. Ele não sabia disso?

Mas ele estava olhando-a como se tivesse esperado uma eternidade para segurá-la. Como qualquer mulher poderia se opor a isso?

Seu beijo foi lento, inebriante. Erótico. Não havia necessidade de palavras quando o beijo dele lhe disse exatamente o quanto ele temia a Morte dela, como ele desejava fazer amor com ela.

Como ele desejava.

Por ela.

Seus braços envolveram o pescoço dele enquanto ele a deitava na cama. Seu corpo cobriu o dela quando o beijo se aprofundou. Baylon gemeu quando ela enrolou uma perna ao redor dele.

Ele terminou o beijo e olhou para ela, respirando rapidamente.

— Eu sei que estar com você significa minha morte, mas depois da noite que passei pensando que você estava morrendo, eu não me importo. Eu preciso de você. Você entende isso? Eu *preciso de você*.

— Entendo perfeitamente. — Ela sussurrou. — Porque eu preciso de você também.

— Eu nunca senti isso antes. Eu... nem tenho certeza do que é.

Jordyn sabia. Ela sabia há algum tempo, mas estava com medo demais para admitir isso. Fintan chamou isso de luxúria, mas era muito mais profundo do que isso. A emoção que a preenchia agora era muito mais potente.

— Eu pensei que sempre estaria sozinha. Eu estava procurando por alguém e nem sabia disso. Esse alguém é você.

Seus lábios suavizaram. Ele deu um breve beijo em seus lábios.

— Se eu soubesse que você estava lá fora eu não teria me tornado um Reaper e poderíamos estar juntos.

— Você me achou porque é um Reaper.

— Eu quero você para sempre, Jordyn, não horas ou dias.

— Eu vou levar o que puder.

Ela alisou as mãos ao longo de sua bochecha e, em seguida, deslizou os dedos em seu cabelo espesso.

— Apesar do perigo e da quase morte, parece certo estar com você.

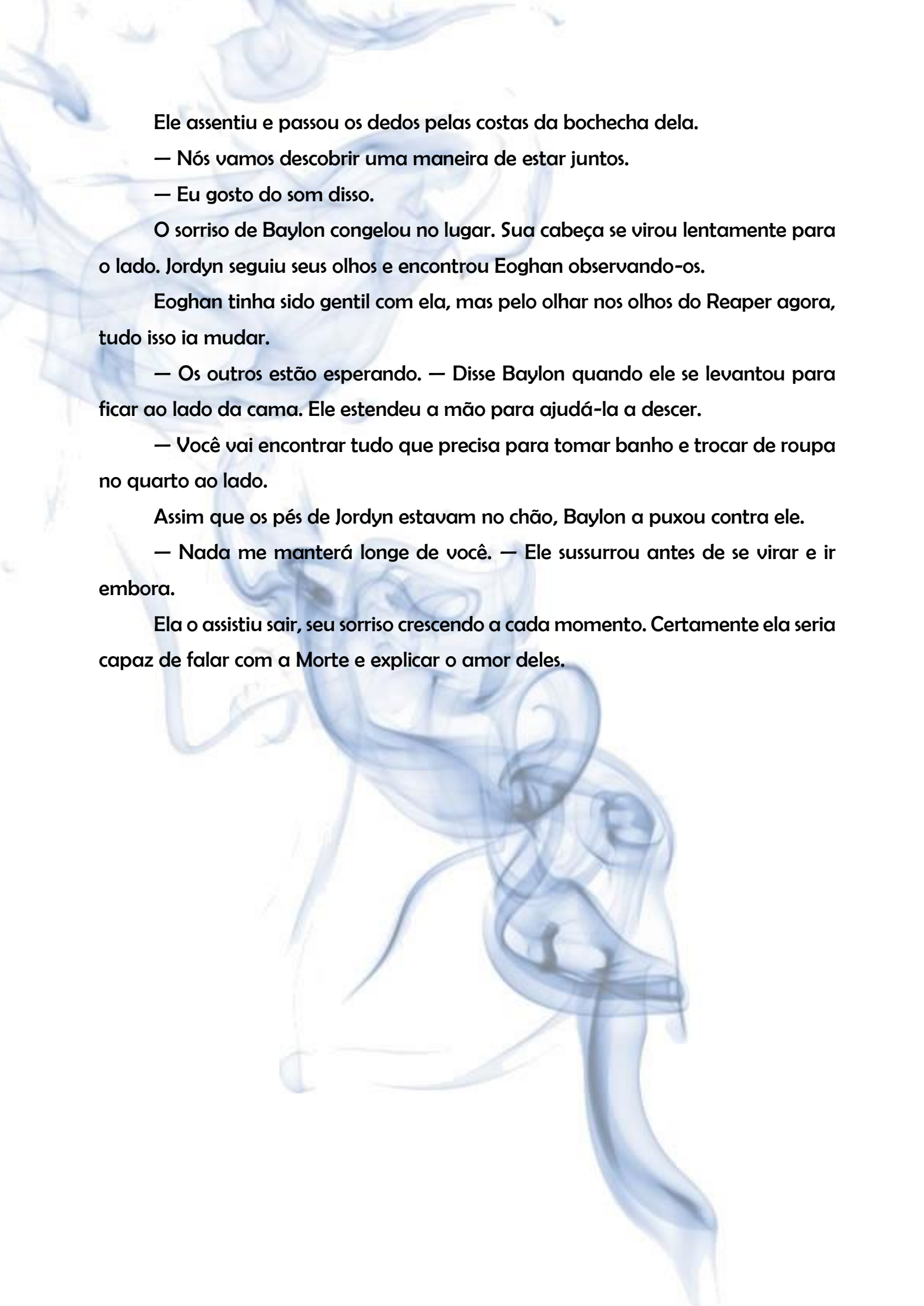
Ela colocou um dedo sobre os lábios dele quando ele começou a falar. Jordyn sorriu e olhou para a boca. Ela traçou seus lábios, recordando as coisas decadentes que ele poderia fazer com ela com aquela boca.

— O destino me colocou em seu caminho. — Disse ela, puxando os olhos de volta para ele.

— Eu não sei por que e isso não importa. Eu pertencço a este lugar. Contigo.

— Então nós ficaremos juntos.

— Juntos. — Ela repetiu com um sorriso sentindo como se as coisas pudessem realmente trabalhar a seu favor de alguma forma. — Não importa quais as consequências ou o resultado.



Ele assentiu e passou os dedos pelas costas da bochecha dela.

— Nós vamos descobrir uma maneira de estar juntos.

— Eu gosto do som disso.

O sorriso de Baylon congelou no lugar. Sua cabeça se virou lentamente para o lado. Jordyn seguiu seus olhos e encontrou Eoghan observando-os.

Eoghan tinha sido gentil com ela, mas pelo olhar nos olhos do Reaper agora, tudo isso ia mudar.

— Os outros estão esperando. — Disse Baylon quando ele se levantou para ficar ao lado da cama. Ele estendeu a mão para ajudá-la a descer.

— Você vai encontrar tudo que precisa para tomar banho e trocar de roupa no quarto ao lado.

Assim que os pés de Jordyn estavam no chão, Baylon a puxou contra ele.

— Nada me manterá longe de você. — Ele sussurrou antes de se virar e ir embora.

Ela o assistiu sair, seu sorriso crescendo a cada momento. Certamente ela seria capaz de falar com a Morte e explicar o amor deles.

CAPÍTULO DEZOITO

Baylon estava praticamente andando no ar quando encontrou os outros na sala principal. Eoghan estava olhando para ele com uma expressão fechada. Baylon não tinha certeza do que seu amigo estava pensando, e ele realmente não se importava.

Jordyn estava viva. Viva e curada.

E ele a queria.

Isso significaria o fim de sua vida, mas ele não podia negar o que havia entre eles. Quanto mais tentava manter distância, mais precisava dela.

Era um desespero, uma necessidade motriz estar perto dela. Ele estava preparado para mentir, enganar, roubar e até matar se isso significasse que poderia estar com Jordyn.

Baylon também percebeu o que isso significava para seus colegas Reapers.

As palavras da Morte para ele há tanto tempo sobre o quão importante era que os Reapers só tivessem uns aos outros fez sentido. Agora ele entendia as regras da Morte.

Só que isso não mudava nada.

— Como ela está? — Cael perguntou.

Baylon encolheu os ombros, incapaz de esconder seu sorriso.

— Ela se sente ótima. Não se lembra de nenhuma dor.

— Isso é uma benção. — Disse Talin.

Kyran assentiu devagar.

— Isso é certo. Como isso é possível?

— Deve ser o sangue Fae dela. — Disse Baylon.

Era a única explicação.

Cael cruzou os braços sobre o peito.

— Deve ser.

Baylon manteve o olhar de Cael. Ele nem tentou fingir que não sabia porque a sala estava carregada de tensão.

Baylon respirou fundo, uma calma desceu sobre ele.

— Diga o que precisa ser dito.

— Não há nada. — Cada cabeça na sala se virou para Eoghan. Seu olhar estava em Baylon, mas ele não disse mais nada.

Baylon acenou para Eoghan e voltou sua atenção para os outros.

— Nosso problema não vai desaparecer. Precisamos descobrir quem são esses Darks e como eles aumentaram sua magia a tal ponto.

— Concordo. — Disse Cael.

— Usamos a única carta que tínhamos e Jordyn quase morreu no processo. Isso não nos deixa muito.

Kyran cruzou os braços sobre o peito.

— Vamos voltar por um momento. Eles queriam que matássemos os humanos com sangue Fae no começo.

— Porque isso nos faria parecer ir contra a Morte, e então a Morte teria que nos matar. — Disse Talin.

Baylon balançou a cabeça enquanto a raiva se instalou em torno dele.

— O que teria deixado a Morte sem Reapers.

— Mas isso não aconteceu. — Assinalou Fintan.

— Nós não matamos os humanos.

Um músculo flexionou na mandíbula de Cael.

— Não, esse plano foi interrompido quando fui ver a Morte.

— Isso nos coloca onde? — Talin perguntou.

Kyran levantou os ombros em um encolher de ombros.

— O Dark não esperou por nós. Eles começaram a matar qualquer humano com sangue Fae. Por quê?

— Tem que haver uma conexão aí. — Disse Baylon.

Ele sentiu a presença de Jordyn antes de vê-la. Baylon se virou para encontrá-la nas sombras. Ele esperou que ela desse um passo à frente. Assim que a luz das velas pousou sobre ela, Baylon se viu sorrindo.

Ela era tão linda. E era dele. Isso o fez querer gritar para o mundo como ele estava feliz.

Mas Jordyn não estava sorrindo. Uma carranca profunda marcou sua testa.

— Baylon disse que os humanos com sangue Fae tinham habilidades.

— Alguns sim. — Admitiu Cael.

Baylon esperou até que Jordyn chegasse até ele antes de perguntar:

— Por quê? O que você está pensando?

Seus olhos turquesa se voltaram para ele.

— Eu só acho estranho que estamos sendo aniquilados. Por que eles fariam isso? Se o foco não está em nenhum de vocês agora, e não temos a magia que um Fae puro-sangue tem, então por que nos matar? O que eles têm a ganhar?

A sala estava silenciosa enquanto consideravam as palavras de Jordyn. Baylon não conseguia pensar em uma única razão pela qual os Darks estavam fazendo isso com os que eram metade Fae.

— Porra! — Cael disse e virou-se para socar a parede. Pedras caíram sob o punho a seus pés. — Eu deveria ter visto desde o começo.

Kyran baixou os braços. — Visto o quê?

Cael se virou, seus olhos prateados brilhando com um brilho não natural que mostrava o quão zangado ele estava.

— Isso é sobre a Morte. Se não estivéssemos aqui, a Morte teria que fazer o trabalho para o qual fomos enviados.

— E se não podemos controlar os Darks, a Morte vai ajudar. — Finalizou Baylon.

Fintan passou a mão pelo longo cabelo branco.

— Isso é fodido. Tem que ser alguém que saiba sobre a Morte e nós. Quem espalhou nossos segredos?

Cada um deles olhou para o outro.

Baylon foi o primeiro a dizer:

— Não fui eu.

— Eu nunca compartilharei nossos segredos. — Disse Kyran.

Talin levantou as mãos.

— Não fui eu.

— Por favor. — Disse Fintan com um revirar de olhos.

Eoghan deu-lhes um olhar divertido.

Cael soltou um longo suspiro.

— Não fui eu também. Daire tem seguido Rhi, mas sei que ele não disse nada.

— Se não foi algum de nós, então quem? — Perguntou Baylon.

Os olhos prateados de Eoghan encararam Cael quando alguma comunicação silenciosa passou entre eles.

Baylon observou os dois com cuidado antes de trocar um olhar preocupado com os outros.

— Não. — Cael disse em voz alta. — Não é possível.

Talin levantou uma sobrancelha.

— O que não é possível?

Cael baixou o olhar para o chão, para onde ele olhou por um longo tempo. Baylon sentiu Jordyn aproximar-se dele e instintivamente entrelaçou os dedos nos dela.

Eoghan virou a cabeça, uma expressão resignada e furiosa no rosto.

— Cael... — Afirmou Fintan, sua voz baixa.

Finalmente Cael respirou fundo, mas ele não olhou para eles.

— Não é possível, Eoghan, porque eles estão mortos. Não há como os outros terem sobrevivido à fúria da Morte. Eles foram embora.

Agora Baylon entendeu.

— Vocês dois viram a morte deles?

Eoghan sacudiu a cabeça.

— A ação da Morte foi rápida e letal. Eles estão mortos. — Repetiu Cael.

Kyran perguntou:

— Você tem certeza disso? Porque parece que você está tentando se convencer.

A cabeça de Cael se levantou, seu olhar fixando Kyran.

— A Morte não teria deixado eles sobreviverem.

— Por que não pedir à Morte? — Perguntou Jordyn.

Cael deu-lhe um olhar superficial.

— Não há necessidade. Se a Morte pensasse por um momento que eles sobreviveriam, nós saberíamos disso.

— Tudo bem. — Disse Talin.

— Então os Reapers que traíram você e Eoghan estão mortos. Isso nos deixa exatamente com zero suspeitos.

Baylon sabia que eles não iriam conseguir nada a esse ritmo. Ele olhou para Jordyn e sentiu o coração apertar. Ela estava em perigo. Todos eles estavam, e se não descobrissem uma maneira de parar o Dark Fae, ela acabaria morta.

Ele já esteve nessa estrada. Ele não queria descer nunca mais.

Seu rosto suavizou quando ela olhou para ele. Em suas profundezas turquesa, ele viu o quanto ela se importava. O calor que se espalhou por ele lhe disse que seus sentimentos eram profundos. Profundos o suficiente para que ele soubesse, sem ter que pensar nisso, que a amava.

O modo como eles se conheceram, as circunstâncias que a colocaram em seus braços, tudo apontava para o fato de que eles deveriam estar juntos.

— Considere isso. — Disse Baylon a Cael. Ele mudou sua atenção para seu líder. — Vamos pensar por um momento sobre a possibilidade de um ou mais traidores terem conseguido viver.

Cael deu de ombros sem emoção.

— Tudo bem. Digamos que eles fizeram.

— Eles estariam chateados. — Disse Talin.

Fintan bufou.

— Eu sei que estaria, e estaria se preparando para se vingar da pior maneira.

Cael passou a mão pelo rosto.

— Sim. Tudo isso e muito mais, mas a Morte nunca os teria deixado vivos.

— Talvez ela não soubesse que estavam. — Disse Kyrán.

Baylon apertou ainda mais a mão de Jordyn.

— Esses Darks sabem coisas, Cael. Eles sabem muito mais do que acabamos de ouvir.

— Se é um deles, então temos um problema sério. — Disse Cael.

Ele girou a cabeça para Eoghan.

— Se são eles, estão vindo para nós e para a Morte.

A fúria passou pelo rosto de Eoghan antes que seus olhos ficassem duros. Não havia necessidade de palavras. Tudo estava escrito claramente no rosto de Eoghan. Ele estava pronto e esperando pelo Fae que uma vez considerou amigo.

— Sim. Eu também. — Disse Cael.

Talin balançou de volta em seus calcanhares.

— Nós vamos precisar saber tudo sobre os três que se voltaram contra vocês. Não apenas a história, mas quem eram esses Fae e por quê se tornaram Reapers.

— Certo. — Disse Baylon.

— Precisamos ter certeza de que eles não tenham mais o elemento surpresa. Cael assentiu com a cabeça.

— Precisamos encontrar outro lugar. Se forem eles, não demorará muito para nos encontrarem. Localize algum outro lugar para nos encontrarmos. Este lugar não é mais seguro.

— Onde você está indo? — Fintan perguntou.

Cael olhou ao redor do quarto.

— Eu vou ver a Morte.

Depois que Cael desapareceu, eles ficaram parados por um momento.

Foi Eoghan quem olhou para eles e, com um aceno de cabeça, desapareceu.

— Bem, merda. — Talin murmurou.

Fintan voltou-se para Baylon e Jordyn.

— Se esses babacas descobrirem que Jordyn ainda está viva, eles não vão parar até que ela esteja morta.

— Especialmente se for Bran. — Disse Kyran.

— A Morte levou sua mulher. Ele não vai gostar de saber que você tem uma. Jordyn levantou o queixo enquanto olhava de Kyran para Baylon.

— Eu não vou mais me esconder mansamente. Eu posso não ter nenhuma magia, mas você tem armas que podem ser usadas. Eu quero uma. Não serei pega de surpresa novamente.

— Concordo. — Disse Baylon. Ele já havia pensado nisso.

Foi Fintan quem puxou dois punhais da cintura de sua calça jeans e caminhou até Jordyn. Ele entregou-os a ela primeiro com um sorriso.

— Essas lâminas foram forjadas nos fogos de Erwar. Elas foram feitas especificamente para matar Fae. Elas me serviram bem. Deixe que elas sirvam a você.

Baylon fez um aceno de agradecimento à Fintan assim que Jordyn colocou as mãos nos punhos e segurou as longas facas nas mãos.

Com Jordyn segurando as lâminas, Baylon pegou as bainhas de Fintan. As armas não eram suficientes, mas era um começo.

— Alguns dos nossos melhores guerreiros são mulheres. — Disse Talin com um sorriso.

— Uma das melhores se chama Rhi.

Baylon ficou de lado e observou Jordyn girar seus pulsos enquanto girava as facas.

— Você vai precisar ser treinada. Começando imediatamente.

— Cada um de nós pode se revezar. — Disse Kyran.

— Todos nós temos muito o que fazer na preparação.

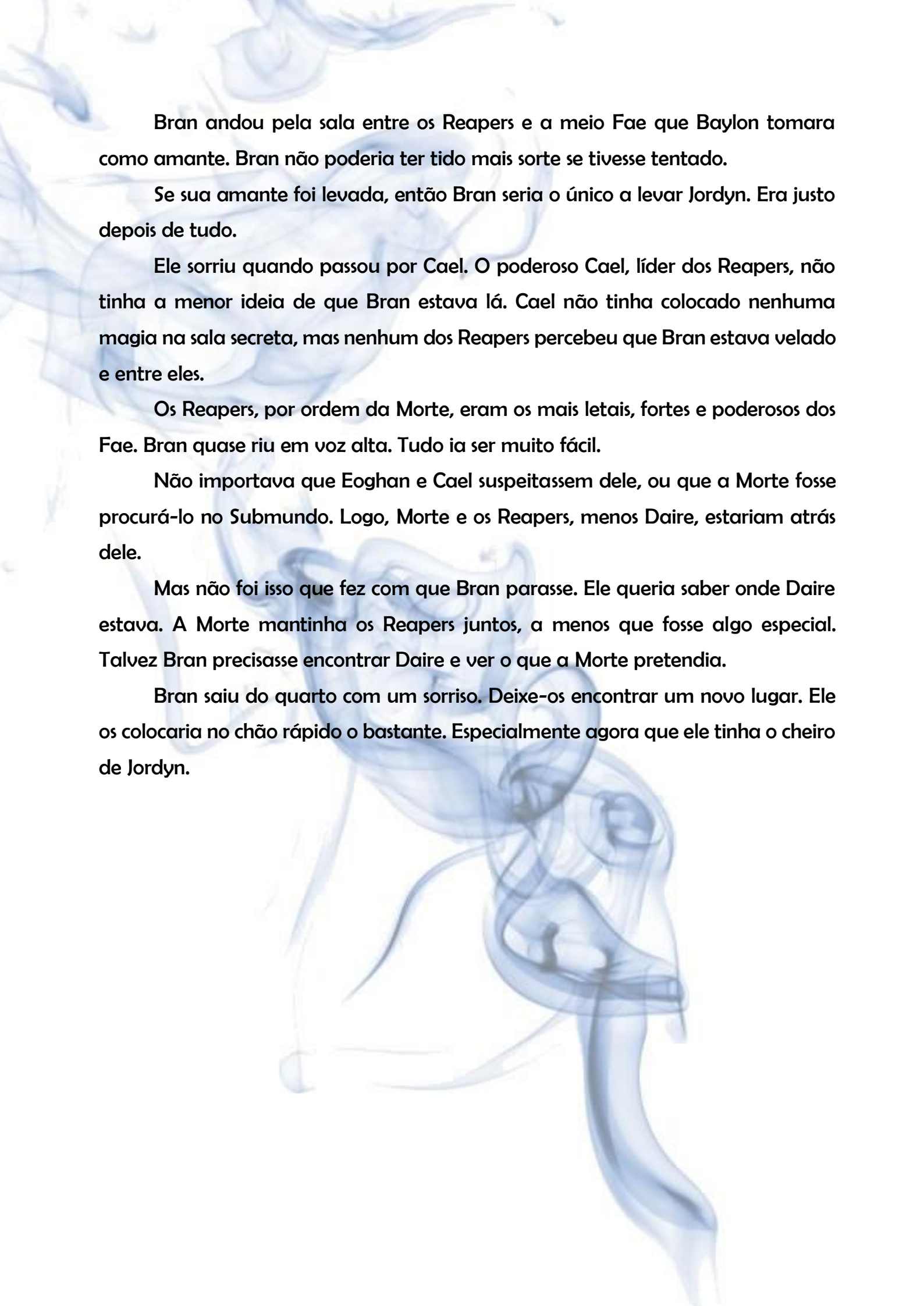
Jordyn baixou os braços para os lados.

— Assim... Isso é guerra?

Baylon assentiu.

— Isso é guerra.





Bran andou pela sala entre os Reapers e a meio Fae que Baylon tomara como amante. Bran não poderia ter tido mais sorte se tivesse tentado.

Se sua amante foi levada, então Bran seria o único a levar Jordyn. Era justo depois de tudo.

Ele sorriu quando passou por Cael. O poderoso Cael, líder dos Reapers, não tinha a menor ideia de que Bran estava lá. Cael não tinha colocado nenhuma magia na sala secreta, mas nenhum dos Reapers percebeu que Bran estava velado e entre eles.

Os Reapers, por ordem da Morte, eram os mais letais, fortes e poderosos dos Fae. Bran quase riu em voz alta. Tudo ia ser muito fácil.

Não importava que Eoghan e Cael suspeitassem dele, ou que a Morte fosse procurá-lo no Submundo. Logo, Morte e os Reapers, menos Daire, estariam atrás dele.

Mas não foi isso que fez com que Bran parasse. Ele queria saber onde Daire estava. A Morte mantinha os Reapers juntos, a menos que fosse algo especial. Talvez Bran precisasse encontrar Daire e ver o que a Morte pretendia.

Bran saiu do quarto com um sorriso. Deixe-os encontrar um novo lugar. Ele os colocaria no chão rápido o bastante. Especialmente agora que ele tinha o cheiro de Jordyn.

CAPÍTULO DEZENOVE

Cael atravessou a porta Fae e foi instantaneamente cercado por vivos tons de verde e todas as flores imagináveis.

Ver Erith duas vezes num período tão curto era incomum. E as duas vezes ele a procurou.

Ela não ficou feliz em vê-lo pela primeira vez. E não imaginou que as coisas mudariam desta vez.

Uma borboleta deslizou por ele, marcas pretas e azuis espetaculares em suas grandes asas. Cael seguiu o voo da borboleta por cima e atrás dele. Ele se virou, seu olhar preso pela graciosa beleza do inseto que o lembrava de Erith.

O jeito que ela parecia deslizar em vez de andar. O jeito que ela tinha que tocar as folhas das plantas quando passava, como se só elas fossem a razão pela qual ela respirava. O jeito que nunca ficava parada por muito tempo.

Assim que a borboleta pousou em uma rosa com pontas brancas, ele a viu. Morte.

Seus grandes olhos de lavanda se moveram na direção dele. Não havia um sorriso de boas-vindas, mas quando foi que houve? Seu cabelo preto-azulado caía sobre o ombro esquerdo em ondas de escuridão. E uma pequena flor rosa estava escondida atrás da orelha direita.

Ela usava outro vestido preto com um amplo decote e uma sugestão de forro rosa brilhante. Tiras finas mantinham o vestido sobre os ombros, enquanto o corpete se moldava à sua cintura estreita antes de se abrir em camadas de rendas elaboradas.

Erith não disse uma palavra quando se virou e se dirigiu para a torre branca. Cael seguiu, observando como a barra de seu vestido parecia flutuar logo acima do chão, o preto desbotando para rosa antes de voltar ao preto e começar o processo novamente.

Nenhuma palavra foi dita até chegarem à sala que Cael tinha apelidado de biblioteca. Era o único lugar que ele tinha visto em toda a torre branca, o único

lugar onde ela permitia que ele entrasse. Todas as outras portas estavam sempre fechadas.

Erith andou até o meio da sala e encarou-o com uma sobrancelha negra e azul levantada.

Ele esperava que ela perguntasse por que ele estava lá, mas, novamente, Erith nunca fez nada esperado. Depois de milhares de anos trabalhando com ela, Cael deveria saber disso.

Cael ficou parado do lado de dentro da porta, seu olhar segurando o da Morte. Ela era a única mulher em todos os reinos que tinha a capacidade de fazê-lo sentir-se tão insignificante quanto uma formiga e, por outro lado, tão poderoso quanto o universo.

Foi uma batalha de vontades que os manteve em silêncio. Cael precisava que ela perguntasse por que ele estava lá. A Morte não era onisciente, embora alguns achassem que ela fosse.

— Duas visitas em questão de dias. Quando não convoquei você. — Erith disse e levantou o queixo. — Você sabe que eu não gosto de ser incomodada.

Cael respirou fundo e soltou lentamente.

— Quando é que eu vim simplesmente para visitar? Estou aqui por um motivo.

— Você descobriu quem está matando os meio-Fae então?

— Eu tenho uma suspeita.

Seu olhar de lavanda se estreitou ligeiramente.

— Certamente você não está aqui para obter a minha permissão para matar esses Fae.

— Como você sabia que são Fae?

Ela olhou de soslaio para ele.

— E quem mais seria?

Verdade. Cael deu um passo para a direita, mas permaneceu perto da porta.

— Não é um Fae, Erith. É um exército.

Houve uma pausa de silêncio antes de ela perguntar:

— Quantos?

— Não podemos ter certeza. Eu fiz uma armadilha para eles.

— E? — Ela insistiu quando ele fez uma pausa.

— Havia uma meio Fae que Baylon encontrou. Ela concordou em agir como isca para atraí-los depois que eles dizimaram sua família. Havia mais de duas dúzias de Dark que nos atacaram. A meio Fae foi atingida.

Erith moveu-se para se sentar em um banco acolchoado sob uma janela cujos vidros haviam sido abertos.

— Ela está morta?

— Demorou um pouco, mas o corpo dela sarou.

— Você viu o líder desse exército?

Cael sacudiu a cabeça.

— Esses Darks nos conheciam. Eles sabiam onde nos encontrar, como iríamos lutar, e eles conheciam nossos costumes. Baylon tinha um em suas mãos, com sua espada na garganta do Dark, e ele foi capaz de se teletransportar.

— Impossível. — Afirmou, ofendida por ele sugerir tal coisa.

Cael encolheu os ombros.

— Aconteceu. Eles não se movem tão rápido quanto nós, mas está perto. Sua magia é mais poderosa do que a dos Darks deveria ser.

Erith ergueu um olhar para ele.

— Você está sugerindo que eu envie outro grupo atrás de você?

— Não. Se você nos quisesse mortos, estaríamos mortos.

— Mas alguém deu esses poderes adicionais ao Dark.

— Quem quer que seja o líder, concentrou sua atenção nos Reapers e em você.

Erith o estudou por um momento.

— Você sabe quem é.

— Eu acho que sim, mas não poderia ser possível.

— Quem?

— Bran.

Cael não sabia o que ele esperava que Erith fizesse, mas sentar lá sem sequer piscar seus olhos era como um soco no estômago.

Erith virou a cabeça para olhar pela janela.

— Bran não existe mais.

— Você o matou?

Seu olhar se virou para encará-lo.

— Você se atreve a me questionar?

— Sim, quando é sua vida em perigo. Para não mencionar a nossa, além de todos os meio-Fae na Terra.

Erith moveu uma onda solta que caíra sobre os olhos para o lado.

— Bran está em um lugar de onde nunca poderia escapar.

Cael fechou os olhos, o nó de medo se formando. Ele rezou para que Eoghan estivesse errado, mas parecia que seu velho amigo sabia o que Cael se recusava a admitir. Bran não estava morto.

— Onde está Bran?

Erith apoiou o braço no parapeito da janela e estendeu a mão. Um momento depois, uma libélula com asas claras, exceto por duas grossas faixas de verde escuro em cada uma das quatro asas pousou em seu dedo.

— Longe.

— Você verificou ele?

— Não há necessidade.

Cael não conseguia mais controlar a raiva que se elevava dentro dele.

— Por que diabos você não acabou de matá-lo?

Seu grito ecoou pela torre.

Erith não respondeu imediatamente. Ela esperou até que a libélula voasse para longe antes de se virar para ele.

Os olhos de lavanda o prenderam quando ela se levantou.

— Depois do que Bran fez, você me pergunta isso? Ele matou Theo e estava prestes a matar você e Eoghan.

— Então você deveria ter terminado com ele.

Ela sorriu, mas não havia humor ali.

— Ele quebrou minhas regras, Cael. Ele tomou uma amante e disse a ela quem ele era. Ele contou a ela sobre cada um de vocês. Então se virou para você. Morrer era muito fácil.

Ouvindo a conversa dela sobre a amante de Bran, Cael lembrou que Baylon estava indo para o mesmo caminho que Bran. A única diferença era que Cael permitiu de bom grado que Jordyn entrasse no grupo para impedir quem estivesse matando os meio Fae.

Mas e se Cael tivesse selado o destino de Baylon e Jordyn?

Então ele percebeu que o que havia entre os dois não podia ser parado. Se Jordyn tinha a proteção dos Reapers ou não, Baylon ainda teria dado seu coração a meio-Fae.

— Verifique se Bran ainda está onde você o colocou. — Insistiu Cael.

Erith olhou para Cael por um longo tempo. Ela não gostava que lhe dissessem o que fazer, em qualquer ocasião.

Ela era a Morte, afinal. Ela tomava as decisões.

No entanto, havia algo nas palavras de Cael que a alertou. Cael não estava propenso a pensamentos fantasiosos. Se ele perguntava sobre Bran, era porque Cael tinha informação suficiente para acreditar que era ele.

Com um aceno de mão, a porta se fechou no quarto. Apesar do poder extra e magia que ela deu a Cael, ele não seria capaz de sair daquele quarto sem a permissão dela.

A última coisa que ela queria era que ele vagasse pela torre, ou seu reino.

Era o santuário dela, e havia coisas que ela não queria que ele visse.

E ela não deveria gostar do pensamento dele em sua torre.

— Eu vou voltar em breve. — Disse ela e teletransportou para fora.

Erith estava no Mundo Inferior, indiferente aos ventos maliciosos que sopravam constantemente. O céu era um laranja escuro que nunca mudava a paisagem desolada.

Todo o reino era feito de nada além de areia e do vento uivante. Era um inferno para os Fae que não foram mortos, um mundo de prisão que os mantinha presos por toda a eternidade.

Aqueles que foram aprisionados no Mundo Inferior aprenderam a sobreviver cavando buracos na terra, caso contrário, os pequenos fragmentos de rocha carregados ao vento cortavam lentamente pedaços de pele dia após dia.

Erith pensou em Bran, esperando ser levada para ele instantaneamente. Mas nada aconteceu.

Ela olhou em volta. Ninguém jamais escapou do Submundo. Ninguém.

No entanto, não havia como negar que Bran não estava lá.

Sem outra escolha, Erith retornou à sua torre. Ela encontrou Cael em pé em uma das janelas, observando enquanto um par de borboletas dançava perto da glicínia roxa que subia a torre de um lado.

— Ele se foi, não é? — Cael perguntou sem se virar.

Erith estava doente do estômago ao pensar que Bran tinha de alguma forma escapado e ela não sabia. Ela estava tão confiante em si mesma que não viu quando algo estava dando errado?

Não. Isso não poderia estar certo. Ela conhecia seus limites muito bem.

— Sim. — Ela admitiu.

Cael se virou para ela.

— Onde você o colocou?

— No Submundo.

Os olhos prateados de Cael se arregalaram.

— E ele escapou? Como diabos isso aconteceu?

— É o que precisamos descobrir.

Ela caminhou para ficar ao lado de Cael, algo que raramente fazia. Ele sempre a fazia sentir-se nervosa, abalada quando ele chegava perto demais.

— Bran é quem está causando esse estrago. Ele precisa ser parado.

— Desta vez eu vou matá-lo.

A declaração, feita por um homem que nunca lhe falhou, foi o motivo pelo qual ela o escolheu como um Reaper. Bem, esse foi um dos motivos. Então havia o fato de que ele era o tipo de homem que os outros seguiam. Seus instintos geralmente estavam certos também.

Havia outro motivo, mas que ela mantinha trancado.

Erith sorriu.

— Se você não fizer, eu faço.

— Você vai participar desta luta?

— Eventualmente. Eu preciso ver se Bran teve ajuda para sair do Submundo.

Cael cruzou os braços sobre o peito.

— Estamos exaustos com Daire fora. Nós poderíamos usá-lo.

— Não. — Ela afirmou. — Daire fica com Rhi.

Cael inclinou a cabeça.

— Se você diz.

— Bran sabe que eu matei sua amante. Ele vai querer atacar os Reapers dessa maneira.

Ela deixou o resto não dito para ver que reação teria de Cael. Havia um pequeno brilho em seus olhos prateados, mas era tudo o que ela precisava ver.

— Bran não será capaz de nos machucar dessa maneira.

Erith olhou para Cael com seus longos cabelos negros soltos sobre os ombros, e seus olhos prateados com um brilho determinado.

— Essa mulher meio-Fae que se permitiu ser usada como isca, eu preciso me preocupar?

— Não.

Disse depressa demais. Erith sentiu um pedaço dela murchar por dentro. Ela nunca quis ser colocada nessa situação novamente, e ainda assim ela estava.

Ela virou-se para a janela, permitindo que seus dedos tocassem levemente em Cael. Em um instante, uma imagem da meio Fae encheu sua mente. Jordyn Patterson.

— Quantos humanos com sangue Fae perdemos? — Ela perguntou, para mudar de assunto.

O jeito como os ombros de Cael relaxavam era um sinal revelador. Havia algo acontecendo entre um dos Reapers e Jordyn. Era Cael?

Ela lhe deu um olhar com o canto do olho. Não, não Cael e não Eoghan. Aqueles dois viram em primeira mão o que havia feito ao grupo antes.

Nem era Fintan. O Dark nunca se permitiria envolver-se com outra. Daire estava com Rhi. Isso deixou Kyran, Talin e Baylon.

E Baylon foi quem a encontrou.

A Morte tinha grandes esperanças para Baylon. Ela não queria matá-lo ou a Jordyn, mas nenhum deles estava dando a ela uma escolha.

— Nós ainda não registramos isso. — Respondeu Cael. — Meu palpite é, centenas. Nós não temos nomes ou localizações dos humanos com sangue Fae, então nos levará tempo para encontrá-los.

— Tempo que não temos. — Disse ela.

— Eu farei o que puder.

Cael assentiu e se virou.

Erith abriu a porta com sua mente antes de alcançá-la. Ela permaneceu na torre observando enquanto Cael caminhava até a porta que o levaria de volta ao reino da Terra.

Seus passos eram longos, decididos. Ele era um Fae que não deixava nada em seu caminho. Cael era o Reaper perfeito, e o mesmo que ela modelou o grupo depois.

CAPÍTULO VINTE

O peso dos punhais sentou-se pesadamente nas mãos de Jordyn, antes que os colocasse em suas bainhas em sua cintura. Ela praticou com eles o máximo que podia, mas uma hora não era nada. Jordyn precisava de anos.

Ajudava saber que não estava completamente desarmada. Ela pode não saber como usar os punhais corretamente, mas deixe um dos Darks chegar perto o suficiente e ela ficaria feliz em afundar uma lâmina em seus corpos.

Se eles não a atacassem com magia primeiro.

Jordyn sentiu como se estivesse prestes a ficar doente. Ela poderia ter sangue Fae, mas ainda era humana. O fragmento de magia dela levou horas para curá-la da explosão da magia dos Darks. Ela não tinha nada além de suas adagas, sua inteligência, e Baylon, para protegê-la dos Darks.

Baylon. Ela virou o olhar para ele enquanto caminhavam pelas ruas de Edimburgo procurando um lugar onde os Reapers pudessem planejar seu próximo ataque.

Baylon deu-lhe um breve aceno de cabeça. Sua atenção estava nas pessoas ao longo das ruas. Embora parecesse estranho não encontrar nenhum Dark na meia hora em que andavam.

— E o meu apartamento? Sugeriu Jordyn.

Baylon olhou para ela.

— Eles sabem disso.

— Sim, mas isso também significa que vão assumir que não vamos voltar.

Baylon parou em um canto e olhou para trás antes de olhar para os lados.

— Isso poderia funcionar.

Jordyn riu.

— Desde que seu grupo normalmente se esconde sob estruturas antigas, eu diria que é um sim.

— Eu vou deixar os outros saberem. — Disse Baylon com uma piscadela.

Os passos de Jordyn estavam mais leves do que em horas. Sua vida tinha ido para o inferno em questão de segundos e ela não tinha mais nenhuma família. Mas havia Baylon. Ela tinha ele e o conhecimento de quem era.

Ela estava confiante de que os Reapers iriam parar este inimigo e, em seguida, Jordyn poderia lamentar sua família. Logo depois que implorasse a Morte a permissão para que Baylon vivesse.

Nenhum deles falou sobre o futuro desde a última conversa. Seus dedos deslizaram contra os dela, entrelaçando-se. Não havia necessidade de mais palavras. Eles disseram tudo o que precisava ser dito.

Jordyn sorriu quando viu seu prédio. Quando chegaram ao seu apartamento, Kyran e Talin já estavam lá dentro. Eles estavam olhando para seus numerosos livros Fae e comparando-os.

— Eles são como crianças. Têm que tocar em tudo. — Disse Fintan atrás deles.

Jordyn se virou para encontrá-lo encostado no balcão da cozinha e bebendo seu vinho. Ele levantou o copo e atirou-lhes um meio sorriso.

Baylon riu.

— Pelo menos aqueles dois tinham um adulto para vigiá-los.

— Até parece. — Talin atirou por cima do ombro.

— Fintan foi o primeiro a chegar aqui e nos mostrou os livros.

Quando Jordyn olhou para Fintan, ele apenas sorriu e encolheu os ombros antes de tomar um longo gole de vinho.

Ela ficou olhando para os quatro Fae, dois Darks e dois Lights, em sua casa.

Apenas alguns dias antes, ela se perguntou se encontraria um Fae, de preferência um que não fosse Dark. Que estranho que não mais temesse Fintan e Kyran. Ela confiava neles tanto quanto confiava em Baylon e no resto dos Reapers.

A porta do apartamento se abriu e Eoghan entrou seguido por Cael. Nenhum dos dois parecia feliz.

De uma vez, Kyran e Talin largaram os livros e foram até a mesa da cozinha. Fintan se aproximou, embora não tenha abandonado seu copo de vinho.

— Pelo seu rosto, eu estou supondo que é Bran que estamos procurando. —
Afirmou Fintan.

Cael deu um aceno de cabeça.

— A Morte o colocou no Submundo.

— Como diabos ele saiu? — Talin perguntou em uma mistura de choque e raiva.

Cael colocou as mãos nas costas de uma cadeira e soltou lentamente o ar.

— A Morte está tentando resolver esse problema.

— Por que ela simplesmente não o matou para começar? — Kyrán perguntou com uma carranca.

Cael e Eoghan trocaram um olhar. Foi Cael quem disse: — Porque ele matou Theo e quase me matou e a Eoghan. A Morte queria que Bran pagasse morando no Submundo por toda a eternidade.

Jordyn não sabia o que era esse Submundo, mas obviamente não era um lugar que as pessoas escapassem. O fato de Bran ter escapado significava que ele não era apenas inteligente, mas também era esperto.

Baylon se inclinou e sussurrou:

— O Submundo é como o inferno para os Fae.

Isso foi o que ela assumiu. Deve ser muito ruim para a Morte colocar Bran lá em vez de matá-lo. Mas isso significava que Bran estava realmente chateado e agora estava atrás deles.

— Este foi um bom lugar de encontro. — Cael disse a ela.

Jordyn sorriu, satisfeita com o elogio.

— Precisamos atrair Bran. — Disse Fintan.

Cada homem acenou com a cabeça em concordância. Jordyn estava acostumada a trabalhar na delegacia onde os homens agiam como se sempre tivessem as respostas e soubessem o que fazer.

Isso foi completamente diferente. Estes Fae sabiam exatamente o que tinha que ser feito, e eles tinham a maioria das respostas. Não havia atuação com esses

homens. Todos e cada um deles eram mandões, assertivos e arrogantes em suas próprias maneiras.

E ela descobriu que gostava disso. Não só porque eles a protegiam, mas porque se protegiam e aos humanos.

Eles eram a elite dos Fae e, embora nenhum deles falasse sobre isso, ela podia dizer que seus deveres lhes davam um tributo. Eles eram assassinos. Ninguém, nem mesmo um Reaper, poderia matar tantas pessoas e não deixar que elas manchassem sua alma de alguma forma.

Cael olhou para Eoghan.

— Eoghan e eu vamos explorar a cidade. Nós sabemos como é o Bran.

— Acho que seria melhor preparar uma armadilha para ele agora, em vez de esperar. — Disse Kyran.

Cael assentiu.

— Isso está por vir. Primeiro quero encontrá-lo.

Jordyn gritou quando a porta de seu apartamento foi arrombada e um homem alto com cabelos negros que iam até seu queixo surgiu parado na porta, sorrindo enquanto seus olhos prateados olhavam para cada um deles.

Atrás dele estavam vários Darks e estavam todos salivando para entrar e começar a matar.

Jordyn sentiu a cutucada de Baylon e ela deslizou gradualmente para trás dele. Havia algo sobre Bran que a fazia se sentir como se alguém andasse sobre seu túmulo.

Seus olhos eram de Light Fae, mas havia algo decididamente maligno nele.

— Você não precisa procurar, Cael. Estou bem aqui. — Disse Bran, seu sorriso crescendo.

— Eu realmente pensei que ia ter mais uma briga com você, mas isso é fácil demais.

Enquanto as mãos de Jordyn tremiam quando abriu o casaco e colocou as mãos nos punhos dos punhais, os seis homens à sua volta eram tão altos quanto carvalhos e tão assustadores quanto gigantes.

Bran passou a mão pela mandíbula enquanto sorria para Cael e Eoghan.

— Eu andei entre vocês antes de você ir ver a Morte e perguntar se eu estava morto. Como foi essa conversa, Cael?

— Às mil maravilhas. — Disse Cael, como se estivessem falando sobre o que pedir no jantar.

— Não foi preciso muito esforço para localizar onde os Reapers se encontrariam. Há sempre quartos escondidos em edifícios antigos. O Castelo de Edimburgo foi uma escolha óbvia. E você nem sequer colocou magia nos quartos.

Cael deu de ombros indiferentemente.

— Não havia um ponto.

Bran riu e deu dois passos para dentro do apartamento.

— O grande Cael não tinha a menor ideia de que eu estava velado e ouvindo sua conversa. Eu descobri algumas coisas. E algo muito interessante. — Ele disse quando seu olhar pousou em Jordyn.

Seu coração ficou apreensivo. Bran sabia dela e do seu caso com Baylon. O mal que ela vislumbrou em seu olhar foi o suficiente para fazê-la perceber que ele estava vindo para ela.

De repente, a grande forma de Baylon bloqueou Bran de sua visão. O que só fez Bran rir.

— Se eu não a matar, a Morte vai. — Disse Bran para Baylon.

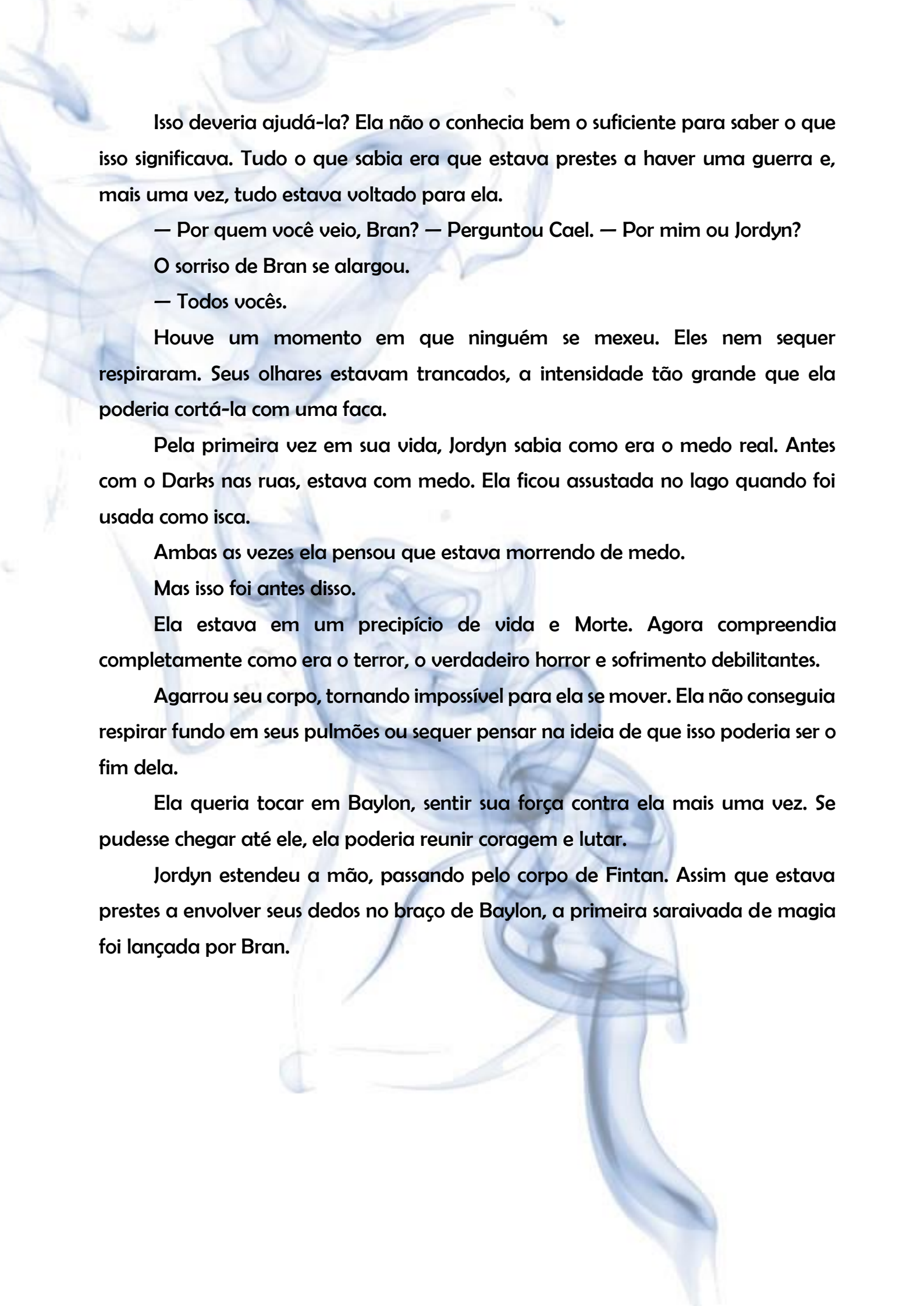
A espada de Baylon se materializou em sua mão.

— Experimente.

Jordyn se viu espremida entre Kyran e Talin quando Fintan se posicionou logo atrás de Baylon. A tensão no apartamento era palpável.

Quando ela sugeriu seu lugar, nunca pensou que poderia haver uma batalha. Havia pessoas inocentes por toda parte. Um deles poderia morrer.

Jordyn olhou em volta e viu Eoghan a observando. Havia raiva em seu olhar, mas era para Bran. Eoghan estava calmo e senhor de si. Então ele deu a ela um sorriso de fração de segundo.



Isso deveria ajudá-la? Ela não o conhecia bem o suficiente para saber o que isso significava. Tudo o que sabia era que estava prestes a haver uma guerra e, mais uma vez, tudo estava voltado para ela.

— Por quem você veio, Bran? — Perguntou Cael. — Por mim ou Jordyn?

O sorriso de Bran se alargou.

— Todos vocês.

Houve um momento em que ninguém se mexeu. Eles nem sequer respiraram. Seus olhares estavam trancados, a intensidade tão grande que ela poderia cortá-la com uma faca.

Pela primeira vez em sua vida, Jordyn sabia como era o medo real. Antes com o Darks nas ruas, estava com medo. Ela ficou assustada no lago quando foi usada como isca.

Ambas as vezes ela pensou que estava morrendo de medo.

Mas isso foi antes disso.

Ela estava em um precipício de vida e Morte. Agora compreendia completamente como era o terror, o verdadeiro horror e sofrimento debilitantes.

Agarrou seu corpo, tornando impossível para ela se mover. Ela não conseguia respirar fundo em seus pulmões ou sequer pensar na ideia de que isso poderia ser o fim dela.

Ela queria tocar em Baylon, sentir sua força contra ela mais uma vez. Se pudesse chegar até ele, ela poderia reunir coragem e lutar.

Jordyn estendeu a mão, passando pelo corpo de Fintan. Assim que estava prestes a envolver seus dedos no braço de Baylon, a primeira saraivada de magia foi lançada por Bran.

CAPÍTULO VINTE E UM

Em todos os seus anos como Reaper, Baylon foi o enviado para assassinar. Ele quem tirou vidas sem hesitação, porque era seu dever, sua promessa à Morte.

Pela terceira vez em tantos dias, ele estava protegendo. Parecia certo. Talvez fosse porquê o que ele estava defendendo era Jordyn, mas isso não importava. Tudo o que ele sabia era que, ao fazê-lo, o buraco em seu estômago, que o preocupava há séculos, começou a se dissipar.

Ele ergueu sua espada, a lâmina parando uma bola de magia apontada para sua cabeça. Baylon girou em círculo, inclinando-se para um joelho quando um dos Dark se aproximou. Ele balançou a lâmina, cortando as pernas do Dark ao meio.

O Dark caiu com um grito de agonia. Baylon se levantou e mergulhou a espada no estômago dele. Ele queria procurar Jordyn, mas não havia tempo. Ele teve que aceitar que os outros estavam protegendo-a.

Baylon se inclinou para o lado para escapar de uma bola de magia, apenas para ser atingido em rápida sucessão por duas explosões. Uma em sua coxa e outra em seu intestino.

Ele sacudiu a dor e encontrou-se de pé ao lado de Cael. Eoghan estava do outro lado de Cael enquanto eles lutavam ombro a ombro no pequeno apartamento de Jordyn.

Seus livros estavam sendo destruídos, as estantes de livros se desintegrando com o impacto da magia. Vidro quebrado, móveis estilhaçados, pratos jogados no chão e quebrados.

Baylon não conseguia mover corretamente sua espada para defender ou atacar. Ele permitiu que desaparecesse e focou em sua magia.

Os outros logo fizeram o mesmo e os Reapers foram capazes de manter o Dark na entrada da porta. Mas isso durou pouco tempo antes de demolirem a porta e a parede de ambos os lados.

Eoghan deu um golpe forte no peito de Bran que o enviou voando para trás. Baylon sentiu alguém do outro lado e olhou para ver Fintan. Isso significava que Kyrán e Talin estavam com Jordyn.

Baylon sabia o que significava perder. Ele sentiu o desamparo, a futilidade enquanto seus amigos o traíam e o matavam. Apenas algumas horas atrás, ele experimentara a mesma coisa quando achava que Jordyn estava morrendo.

Mas fazia muito tempo desde que ele havia perdido. Em todas as suas batalhas como Reaper, ele sempre ganhara. E ia ter certeza que ganharia hoje também.

O sorriso que Bran usava com tanta confiança estava desaparecendo lentamente à medida que mais e mais de seus Darks eram cortados pela magia dos Reapers.

Baylon sentiu-se seguro de que venceria. Ele avançou em Bran, mesmo quando ouviu Cael chamá-lo de volta. Mas Baylon queria que isso terminasse com Bran naquele momento.

Como se antecipando tal movimento, Bran ansiosamente foi cara-a-cara com Baylon. Os socos de Bran eram como ter pedras batendo nele. Mas Baylon era um Reaper. Ele se esquivou e cambaleou, dando seus próprios golpes, adicionando magia a eles quando o fez.

Pensou em Jordyn e no que Bran e os Darks fariam com ela, o que deu a Baylon a força para continuar mesmo quando sangue escorreu de suas feridas.

Batida após batida, ele socou seus punhos em Bran com força suficiente para matar um Fae menor. Baylon não parou até que Bran estivesse de joelhos.

Bran então olhou para ele e sorriu.

— Tão arrogante. Você vai saber como é perder a mulher que ama.

As palavras mal tiveram tempo de se registrar antes que o apartamento estivesse cheio de Darks.

Baylon tentou se virar e correr para Jordyn, mas foi golpeado por trás e explodiu depois que uma rajada de magia bateu nele até que foi tudo o que pôde fazer para manter os olhos abertos.

Ele ouviu Bran rir mesmo quando houve um alto grito de guerra que soou como se viesse de Eoghan. O corpo de Baylon lutou para curar o dano que tinha sido feito enquanto o Dark andava sobre ele quando corriam para o apartamento.

Kyran gritou o nome de Jordyn. Então Baylon a ouviu gritar. Ele rangeu os dentes e rolou para o lado. Foi quando deu uma olhada na carnificina.

Corpos dos Darks cobriam o chão. Cael e Eoghan foram separados dos outros por um grande grupo de Darks. Kyran e Talin ficaram na frente de Jordyn enquanto lutavam contra os Darks. Fintan havia sido separado dos outros por Bran, mas Baylon não conseguia entender o que Bran estava dizendo.

Seja o que for que Fintan disse em resposta, irritou Bran pelo rosto ruborizado. Baylon se arrastou em direção a Jordyn, Talin e Kyran. Ele estaria lá para ajudar a protegê-la.

Baylon chamou sua espada e rolou de costas, empurrando a lâmina para a espinha de um Dark. Então ele saiu do caminho antes que o Dark caísse sobre ele.

Pareceu demorar uma eternidade para Baylon chegar a algum lugar. Havia tantos Darks, mas os Reapers estavam se aguentando, mesmo tão feridos como cada um deles estava.

Baylon estava quase alcançando Jordyn. Ele pegou o olhar dela e lançou-lhe um sorriso. Ela retornou, seu rosto suavizando. Com o canto do olho, Baylon viu Bran virar-se para Jordyn. Fintan gritou seu nome enquanto balançava a espada para Bran.

E tudo o que Baylon pôde fazer foi observar horrorizado quando a bolha de magia atingiu Jordyn no peito. Ela caiu para trás, imóvel.

— Eu lhe disse que levaria tudo. — Sussurrou no ouvido de Baylon.

Baylon esqueceu sua dor. Ele esqueceu que seu corpo estava cheio de buracos de magia negra enquanto se levantava e mergulhava sua espada na direção de Bran, mas os Fae se teletransportaram para longe.

Enquanto os outros continuavam a lutar contra qualquer Dark que permanecesse, Baylon mancou até Jordyn. Ele caiu de joelhos e gentilmente puxou Jordyn em seus braços.

Ela não estava mais respirando. Toda a vida se foi de seu corpo. Baylon nunca tinha conhecido esse vazio antes. Ele pensou que o que seus amigos fizeram com ele foi o pior que poderia acontecer. Quão errado ele estava.

Agora entendia o verdadeiro significado da dor, dor da mente, do coração.
Da alma.

Levou um momento para perceber que não havia mais sons de luta. Seus amigos estavam ao redor dele, seu silêncio transmitindo sua tristeza.

Baylon tocou a bochecha de Jordyn, lembrando que força vibrante ela tinha sido. Nada a impedia quando ela se concentrava em algo.

— Baylon. — Disse Cael e tocou seu ombro.

Ele olhou para cima para encontrar cinzas dos Darks desaparecendo pela janela. Então ele viu a Morte. Ela usava um vestido preto com mangas longas e ajustadas e um decote alto. A barra do vestido dela arrastava atrás dela com uma sugestão de branco nas extremidades que desbotaram a cinza e então para preto.

Baylon não temia mais o que ela faria com ele. Ele havia perdido a única coisa que era preciosa para ele, a única pessoa que endireitou sua alma.

A Morte caminhou até ele sem uma palavra. Ela ficou olhando para ele com uma expressão fechada em seus olhos cor de lavanda. Baylon segurou Jordyn com mais força enquanto ele olhava para a visão da Morte.

Ela era tão bonita que doía olhar para ela. Baylon recordou a primeira vez que ela veio a ele. Ela segurou sua alma, dizendo que ele era um formidável guerreiro que teve a infelicidade de ser traído. Então perguntou se ele queria se juntar aos Reapers. Ela contou a ele sobre os poderes extras que receberia, assim como a força adicional para se tornar seu carrasco.

Depois do que acabara de acontecer com ele, Baylon não podia recusar. Ele aceitou de bom grado sua oferta e não olhou para trás.

A Morte se ajoelhou ao lado de Jordyn e tocou sua testa antes de seu olhar deslizar de volta para Baylon.

— Ela se foi.

Ele já sabia disso, mas ouvir era demais. Baylon sentiu a emoção bem dentro dele, mas não parou. Nem se importava que as lágrimas caíssem pelo seu rosto.

— Você a amava. — Disse Erith.

Baylon simplesmente assentiu, incapaz de falar as palavras.

— Mesmo você conhecendo minhas regras.

Ele piscou e olhou para a Morte. Este era o lugar onde ela tiraria a vida dele.

— Sim. A culpa é minha. Falei para Cael usar Jordyn como isca para pegar nosso inimigo. Nenhum dos outros estava feliz com a situação. Eu assumo total responsabilidade.

Ela levantou uma sobrancelha negra.

— Eu sei, levando-a para minha cama mais de uma vez eu quebrei sua regra e perdi minha vida. Os Reapers vão precisar de alguém para preencher o meu lugar para lutar contra Bran. Espero que você tenha alguém em mente.

— Eu tenho. — Ela respondeu.

Cael disse:

— Erith.

Ela levantou a mão, seu olhar ainda preso em Baylon.

— Você sabe por que eu tenho essas regras?

— Eu sei. — Respondeu Baylon. — Nós cumprimos suas ordens. Ninguém pode saber de nós para que eles não possam nos subornar como o que foi feito antes. Assim, também somos proibidos de formar qualquer apego emocional, caso isso ponha em risco nossas decisões em batalha.

A Morte olhou para cada Reaper.

— Todos vocês concordaram com as minhas regras quando aceitaram minha oferta para ser um Reaper.

Isso era o que Baylon temia. Ele era o único que deveria ser punido por sua decisão, não os outros. Mas antes que pudesse falar, a Morte o deteve com um olhar.

Ela respirou e soltou.

— Eu observei você e Jordyn, Baylon. Ela era corajosa, mesmo sabendo que morreria. Ela ficou ao lado dos Reapers, voluntariamente ajudando você a encontrar seu inimigo. Eu também vi outra coisa. — Continuou a Morte. — Eu vi os Reapers conscientemente aceitar Jordyn no grupo.

— Porque ela estava sendo usada como isca.

Erith sacudiu a cabeça.

— Cael sabia que você estava apaixonado por ela. Ele poderia ter proibido e usado outro meio Fae. Ele não fez isso. Nem os outros se recusaram a ter Jordyn entre vocês.

— O que você está dizendo? — Perguntou Cael.

A Morte ficou de pé.

— Proibir meus Reapers de encontrar o amor é como exigir que vocês não respirem. O que aconteceu com Bran vai repetir uma e outra vez, a menos que algo mude.

Baylon não tinha certeza se a ouviu corretamente. Certamente a Morte não disse que as regras estavam sendo alteradas.

— Baylon, se Jordyn concordar em ser sua, ela fará parte dos Reapers. Há coisas que ela pode fazer para ajudar o grupo.

Fintan cruzou os braços sobre o peito e balançou para trás em seus calcanhares.

— Você está fazendo de Jordyn um Reaper?

— Não. — Disse Baylon. — Eu não quero que ela mate ninguém.

O olhar de Erith se estreitou nele.

— Pode chegar a um ponto em algum momento em que ela precise tirar uma vida, mas não, eu não planejo mandá-la como faço com os sete de vocês. Eu tenho outros planos para Jordyn.

— E se o resto de nós encontrar alguém? — Talin perguntou.

— Assim como todos vocês foram escolhidos para ser Reapers, se você se apaixonar, as mulheres devem provar a si mesmas como Jordyn fez. — Erith fez uma pausa. — Eu não estou emitindo uma aceitação geral para ninguém. Os

Reapers ainda precisam permanecer em segredo. Jordyn terá que permanecer tão anônima quanto o resto de vocês ou esse esforço fracassará.

Cael se adiantou.

— Não vai. Eu não vou permitir isso.

— Baylon, leve Jordyn deste lugar. — Disse Morte.

Ele ficou de pé com Jordyn em seus braços.

— Quando você vai falar com ela?

Houve um pequeno sorriso nos lábios de Erith.

— Eu já falei. Ela vai acordar em breve.

— E quanto a Bran? — Kyran perguntou.

A fúria contorceu o rosto da Morte.

— Ele acredita que matou Jordyn. Deixe-o. Mas esteja avisado, qualquer um de vocês que demonstre sentimentos em relação a alguém, Bran estará lá.

— A menos que o paremos. — Disse Fintan.

Eoghan assentiu, sua mandíbula cerrada.

A Morte virou a cabeça para Cael.

— Ele teve ajuda escapando do Submundo. Eu tenho um nome.

— Deixe-me ter uma conversa com eles. — Cael disse.

Quando Cael e a Morte se afastaram para conversar em voz baixa, Baylon não conseguia parar de encarar Jordyn. Não só ele não seria morto, mas que a Morte salvou Jordyn enquanto a permitia entrar nos Reapers.

— Estou feliz por você. — Disse Kyran quando deu um tapa nas costas de Baylon.

Talin assentiu com um sorriso.

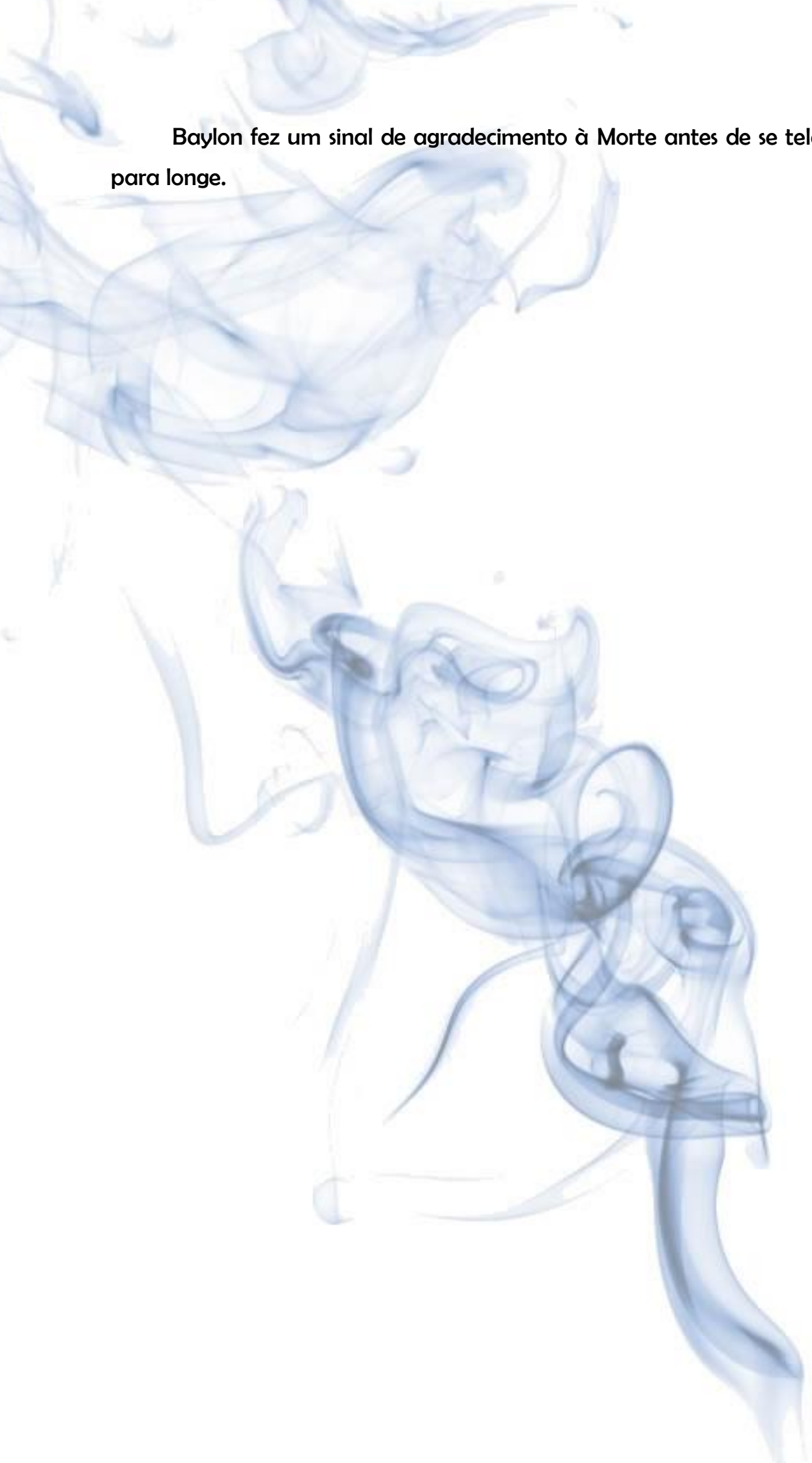
— Certamente vai ser diferente.

— Precisamos encontrar outro lugar para nos esconder. — Disse Fintan.

Eoghan estalou os dedos para chamar sua atenção. Ele apontou a janela, longe na direção do mar.

— Lidere o caminho. — Disse Kyran a Eoghan.

Baylon fez um sinal de agradecimento à Morte antes de se teletransportar para longe.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Jordyn acordou e encontrou-se embalada nos braços que conhecia muito bem. A dor da explosão de magia que a matou nunca poderia desaparecer de sua memória, mas era o conhecimento de que estava viva mais uma vez e com Baylon que a tornava aceitável.

— Como você se sente? — Baylon perguntou.

Ela mudou a cabeça para olhar para ele com um sorriso.

— Estou contigo. Eu me sinto incrível.

Ele deu-lhe um beijo rápido.

— Eu sei por experiência que você nunca vai esquecer como foi morta.

— Eu ainda estou me recuperando do fato de que a Morte é uma mulher, uma mulher bonita. E ela me deu um lugar com os Reapers.

— O que a Morte disse para você?

Jordyn pensou nos momentos em que foi morta. Sua mente estava cheia de arrependimentos por tudo que ela não pôde fazer com Baylon. E então, de repente, toda a miséria e a dor desapareceram. De pé diante dela estava uma mulher toda de preto, com um sorriso gentil.

A Morte não tinha sido em tudo o que Jordyn esperava. Erith não era nada como o Grim Reaper, mas, novamente, talvez essa história tenha surgido por causa dos Reapers.

Foi quando a Morte disse que estava assistindo ela e Baylon e viu tudo que Jordyn fez para ajudá-los. De alguma forma, Jordyn a impressionou. Embora a Morte fizesse saber que suas regras não seriam quebradas duas vezes.

Então, para o choque de Jordyn, a Morte lhe ofereceu um acordo.

— Jordyn? — Baylon cutucou.

Ela se virou e olhou para o quarto, notando pela primeira vez que estavam em uma cama macia com uma grande lareira diante deles, mantendo-a aquecida.

— A Morte me disse que havia um lugar para mim entre os Reapers. Eu não seria mandada para matar como todos vocês, mas há outras coisas que ela precisa

de mim. Eu não estava preparada para deixar você ainda, e quero pegar Bran. Então concordei. — Ela olhou para ele. — Eu não tenho mais família, Baylon. Você e os Reapers são tudo o que tenho agora. Você é minha família.

Ele não disse nada quando a trouxe contra ele e a abraçou. Eles permaneceram assim por longos momentos, com o único som vindo da madeira que surgiu no fogo.

— Bran teve ajuda para escapar do Submundo. — Baylon finalmente disse.
— Cael está questionando o homem agora.

— Estou surpresa que você não esteja com ele.

Os lábios de Baylon se torceram quando ele a soltou de seu abraço.

— Todos nós queríamos estar, mas Cael está fazendo isso sozinho.

— Onde estamos?

— Em alguma caverna ao longo da costa. Vai servir por agora.

Ela se aconchegou contra ele.

— Vamos atrás de Bran novamente?

— Definitivamente. Ele deve ser parado. Ele não vai deixar de vir atrás de nós ou da Morte até que esteja morto.

Jordyn lembrou da Morte dizendo algo parecido a ela.

— Quando começamos?

— Assim que você estiver pronta para isso.

Ela se sentou.

— Conte-me.

Baylon sorriu quando se levantou da cama. Jordyn foi rápida para segui-lo para fora da caverna que era o seu quarto em um túnel iluminado por velas penduradas ao longo das paredes no ar.

Eles não pararam até chegarem a um grande espaço. Jordyn ficou boquiaberta ao ver as estantes de livros e todos os livros, além de centenas de outros.

— Este é o seu lugar. — Disse Baylon.

— Você passou sua vida fazendo pesquisa, então nós lhe demos um lugar para fazer isso.

Ela andou até os livros e os tocou.

— Bran destruiu estes.

— Magia. — Disse Baylon com uma piscadela.

Jordyn riu e sacudiu a cabeça.

— Eu não acho que vou precisar de livros sobre os Fae mais.

— Você ficaria surpresa. Todo livro tem algum núcleo de verdade nele. Pode ser apenas uma frase, mas é importante.

— Uau. — Disse ela caminhando ao longo dos livros, permitindo que seus dedos tocassem os espinhos.

— Estou impressionada.

Baylon veio atrás dela.

— O que precisar, só precisa perguntar. Nós vamos pegar para você.

Ela se virou em seus braços.

— Tudo que eu preciso agora é você.

— Eu estava esperando que você dissesse isso. — Ele murmurou enquanto abaixava a cabeça.

Logo antes de seus lábios se tocarem, ele disse:

— Eu te amo, Jordyn Patterson.

Ela pensou que seu coração iria explodir em seu peito: ela estava tão feliz. Não só ela tinha as respostas para sua ascendência, ela havia sido trazida de volta dos mortos, estava trabalhando com a Morte e os Reapers, e ainda por cima, ela tinha o homem dos seus sonhos.

— Eu também te amo.

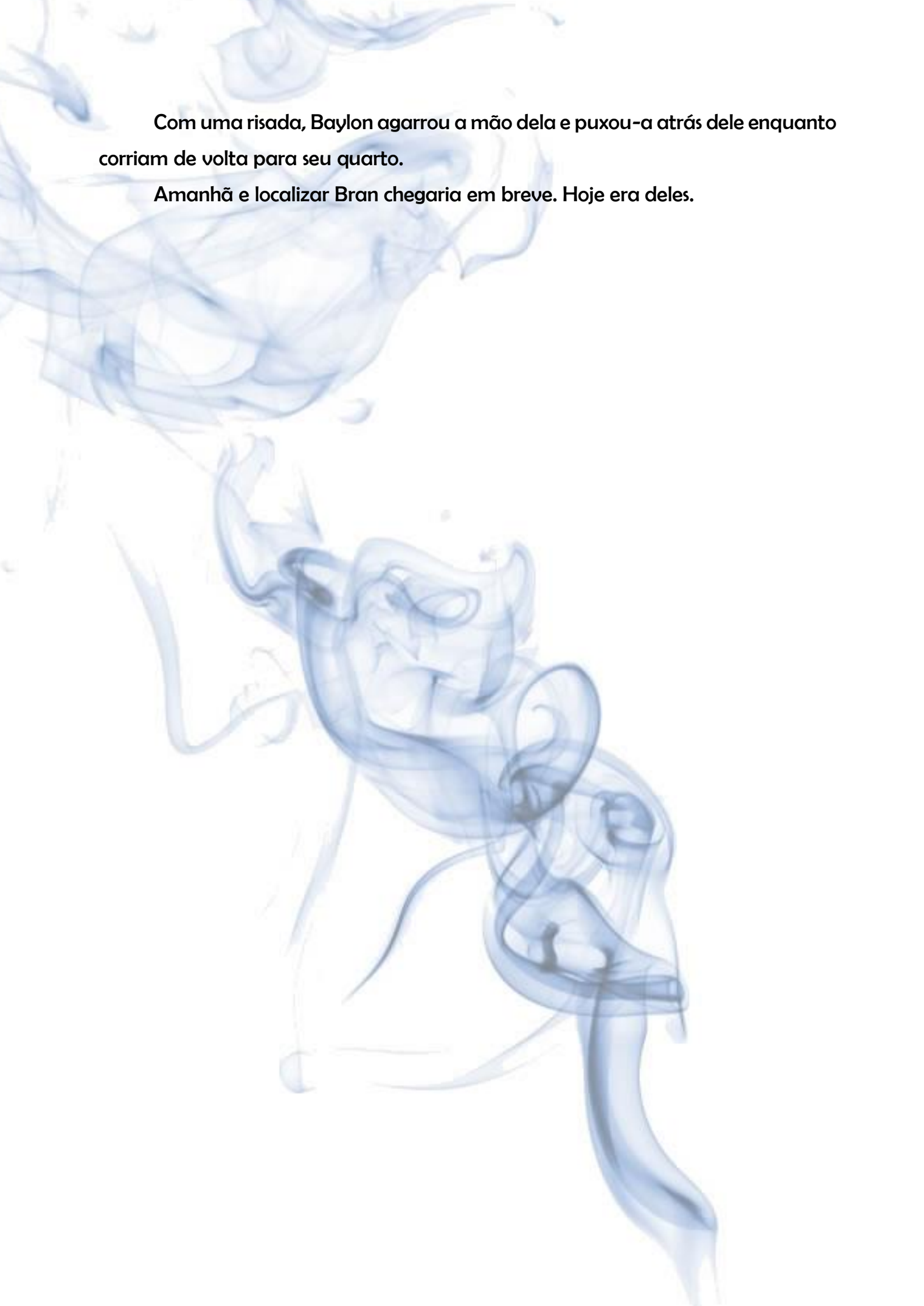
— Este é o começo da nossa vida. — Disse Baylon.

Jordyn levantou-se na ponta dos pés e beijou-o.

— Se você me levar para a cama e fizer amor comigo, não estaremos começando nossa nova vida até amanhã.

Com uma risada, Baylon agarrou a mão dela e puxou-a atrás dele enquanto corriam de volta para seu quarto.

Amanhã e localizar Bran chegaria em breve. Hoje era deles.



EPÍLOGO

Eoghan observou Baylon e Jordyn correrem para o quarto deles. Sua felicidade era palpável. Ele deveria estar feliz por eles, e estava. Mas trouxe de volta muitas memórias que pensou ter enterrado profundamente.

Aparentemente não profundo o suficiente.

— Sempre foi só homens. — Disse Kyran ao se aproximar.

— Isso pode levar algum tempo para se acostumar.

Eoghan deu de ombros. Nunca demorava muito para se acostumar com uma mulher.

— Eu gostaria que Cael voltasse para que pudéssemos caçar Bran.

Eoghan assentiu porque era tudo em que ele conseguia pensar. Bran matou Reapers antes. Ele poderia fazer isso de novo, mas Eoghan estava preparado para fazer o que fosse necessário para impedi-lo desta vez.

A história não se repetiria.

Ele iria se certificar.



Bran estava andando pelos corredores do Castelo de Edimburgo. Ele expulsou os Reapers com bastante facilidade. Não demoraria muito para removê-los de Edimburgo. Ele já deu o primeiro passo matando Jordyn.

Searlas apareceu na junção à frente, sua expressão firme.

— O que é? — Bran perguntou.

— Eles têm Seamus.

Bran deu de ombros.

— E daí? O idiota foi quem nos ajudou. Se foi tão estúpido para ser pego, então ele vai pagar por isso com sua vida.

— E se ele disser algo aos Reapers? — Perguntou Searlas.

Bran riu enquanto continuava andando.

— Ele não sabe de nada.

Um por um os Reapers caíam. Então só haveria a Morte. Bran não era tão arrogante que não soubesse que lutar contra a Morte seria difícil.

Mas ele estava se preparando para isso também.

ESPERAMOS QUE TENHA
GOSTADO DESTA
AVENTURA SOBRENATURAL!



*Esta tradução foi feita por fãs para fãs,
sem qualquer propósito de Lucro.
Não se esqueça de comprar nossos autores
favoritos, se estiver dentro de suas
possibilidades financeiras.
E publicado no seu idioma. Sem eles, não
poderíamos desfrutar de todas essas
histórias maravilhosas.*

*Não distribua nossas traduções abertamente
na internet, respeite nosso trabalho voluntário.*

